# Diário de Lisboa

ANO 55/ N.º 18917 4$00

QUINTA-FEIRA 13 NOVEMBRO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

## ULTIMATO A S. BENTO, ATÉ ÀS 22 HORAS

# Operários lutam até ao fim

## • DEPUTADOS COMEÇARAM A SAIR DO PALÁCIO AO FIM DA MANHÃ

Cardia, deputado P.S., dormiu sob a protecção de José Estêvão.

Tropas progressistas do Copcon (fuzileiros, P.M., Ralis e R.I.O.Q.) decidiram ao fim da manhã sobre uma proposta no sentido de «libertarem» à sua maneira — sempre ao lado do povo — os deputados e trabalhadores do Palácio de S. Bento que ali passaram a noite em consequência da maior manifestação operária jamais vista em Lisboa: a dos firmes e unidos trabalhadores da construção civil em luta pelo contrato de trabalho vertical.

Contudo, alguns deputados (só os do P.C.P. e M.D.P./C.D.E. estariam autorizados) começaram a sair do palácio perto do meio-dia, após conversações.

Com esta impressionante demonstração de força da classe operária, o menos que se pode dizer é que a «teoria das minorias» tão lamentavelmente expressa nos últimos tempos foi destruída em pedaços. E o VI Governo, grande culpado pela crise assim aberta, terá ficado convencido, de vez, que não pode impor aos trabalhadores uma política contra os explorados e oprimidos. Em prolongado diálogo com o Primeiro-Ministro, que esta manhã prosseguia, os trabalhadores da construção civil fizeram-lhe ver que os seus objectivos não visavam derrubar o VI Governo, só por ser VI Governo. Visam outra coisa, que é a construção do socialismo, a defesa do trabalho, a moralização do sector pondo-o ao serviço do povo, o controlo operário sobre a produção e sobre a política de emprego. E um não rotundo aos salários de miséria, às políticas de austeridade a pagar pelos explorados de sempre. Pinheiro de Azevedo, primeiro responsável pela incompetência do Ministério do Trabalho que escolheu, acabou por concordar com as reivindicações de nacionalização dos solos, controlo operário e verticalização do contrato. Mas resta o bico de obra: a proposta salarial. Parece, numa primeira impressão, que o VI Governo não tem outra saída senão aprová-la já que os trabalhadores, afluindo de todo o País, não cedem um ponto à sua proposta. E ela, a tabela, pode ser discutível e de certeza teria sido equilibrada se o Ministério do Trabalho não cortasse aos trabalhadores todas os campos de manobra, recusando-se a negociá-la.

Com a necessidade do recurso a tropas progressistas, o Governo sofre outra profunda derrota, que tem o nome de AMI: fica

Continua na pág. 20

## ANGOLA

# Independentes certos no Governo

LUANDA, 13 (Do nosso enviado especial, Eugénio Alves) Angola, onde em todas as áreas libertadas pelo M.P.L.A. reina a calma, com a população empenhando-se em tarefas de produção e as crianças regressando hoje às aulas, aguarda a formação do seu primeiro Governo como país independente, a qual deverá ser anunciada amanhã.

Em círculos próximos do Governo de Transição do M. P. L. A., que assegurou a administração de Angola até à independência, dá-se como praticamente certa a participação de um vasto leque de «independentes» no futuro Governo, adiantando-se mesmo alguns nomes, todos eles de individualidades ligadas à primeira Junta Governativa de Angola, ao tempo do almirante Rosa Coutinho, e, posteriormente, a diversas secretarias de Estado do Governo de Transição. Entre os nomes mais falados, que poderão ocupar a chefia de algumas pastas ministeriais ou apenas Secretarias de Estado, contam-se: Aires Machado, Trabalho; Manuel Resende, Obras Públicas; Urbano Freitas ou David Bernardino, Saúde; Peres do Amaral, Agricultura; Guerra Marques. Educação; Lopes Teixeira, Indústria; Fernando Falcão, Comércio, Portos ou Pescas.

Quanto à presença de Mário de Andrade na direcção da pasta dos Negócios Estrangeiros, a mesma continua a ser insistentemente focada, agora que se anuncia (embora não oficialmente) que Lopo do Nascimento não pertencerá ao futuro Governo, ocupando antes importantes funções no Conselho da Revolução Angolano. Sabe-se já, de fonte, segura, que a participação de Mário de Andrade está apenas dependente da assinatura de um acordo de reintegração no M. P. L. A. dos elementos da chamada «revolta activa». Este documento está elaborado desde há duas semanas, prevendo-se que a sua assinatura se processe a todo o momento.

Continua na pág. 18

**Forças populares patrulham o complexo de tratamento de água de Quifangondo onde combates com a F. N. L. A. forçaram ao corte de água a Luanda nos últimos dias**

# Otelo apoia a reforma agrária

«Contra a reacção e o terrorismo» e «contra os conspiradores e pelo avanço da Reforma Agrária» constituem os objectivos da manifestação unitária que decorre, neste momento, no campo de futebol do Desportivo de Beja, promovida pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas daquela cidade e em que está presente, como convidado especial, o general Otelo Saraiva de Carvalho.

A deslocação a Beja do comandante do Copcon expressa a importância de que se reveste a confiança depositada pelos trabalhadores no Comando Operacional do Continente e, por parte do seu comandante, o significado e a vitalidade da luta dos trabalhadores rurais.

# "R.R. até à vitória final"

Em reunião realizada ontem, a Comissão Executiva da Cooperativa da Rádio Renascença decidiu-se pela organização de uma grande campanha com vista à reabertura daquela estação emissora.

A campanha, sob o lema «Rádio Renascença até à vitória final», assentará em dois objectivos principais: o esclarecimento político do caso R.R., e a recolha de fundos no sentido de adquirir um novo emissor.

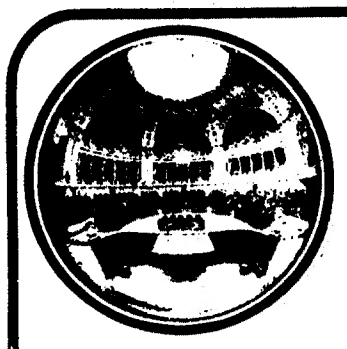
Durante a reunião viria ainda a ser aprovada uma proposta das comissões de trabalhadores e de moradores da zona de Miratejo que consiste no lançamento de uma campanha a favor da R.R.: «Um dia de salário».

Entretanto, sabe-se que muitos artistas e intelectuais se

Continua na pág. 18

**20 PÁGINAS**

# Nacional



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

## "POUCO OU NADA A DIZER"

A sessão de ontem abriu com Mário Soares, deputado do P.S., na tribuna, falando do caso específico de Angola e do seu enquadramento no contexto mais amplo da descolonização. Nota a sublinhar: Soares serviu-se muito das tarefas que realizou enquanto ministro dos Estrangeiros, realçando isto e aquilo mais ou menos importante para iludir a impaciência ou compensar a desilusão daqueles que vêem o seu partido hoje amarrado a compromissos conhecidos ou calculados. Habilmente, Soares reservou-se, e ao P.S., perante o que chamou «interesses imperialistas», dizendo que o seu partido não toma posição por um imperialismo contra outro imperialismo. Esta posição mereceria um remate tipo «m-l»: pela «independência nacional» do nosso país. A generalidade das afirmações comoveu a Assembleia para os aplausos, sobretudo na região central (P.S. e P.P.D.). O secretário-geral do P.S. foi muito aplaudido. Retivemos, de memória, aquele argumento de que a atitude actual do P.S. não pode ser outra diferente daquela que é a do VI Governo e do Conselho da Revolução. Já sabíamos, mas ainda bem que o secretário-geral do P.S. o veio confirmar.

**Angola, ainda**, foi o tema de uma intervenção do deputado comunista **Octávio Pato**, que não teve a sorte fácil que Soares tivera. Pelo contrário, Pato teve de suportar a interferência incessante de protestos numerosos do outro lado. Nunca se deixou desarmar e respondeu-lhes com grande firmeza — e (pareceu-nos) mesmo alguma ira. Foi **um espectáculo desolador**, regista o repórter, com alguma ira também, guardada (a ira) para a crónica no dia seguinte: na verdade, pouco a dizer quando certos deputados desatam a rir com essa patética tranquilidade da direita no poder perante os argumentos...

Sucede que a Assembleia estava mesmo divertida. E, curiosamente, um dos menos divertidos era Galvão de Melo, que Pato visava por causa do seu discurso fascista pronunciado no dia anterior. Divertidos estavam ainda o P.S. e sobretudo o P.P.D. Ia dizer (o repórter) que não saberiam porquê. Mas a verdade é que estavam e teriam talvez razões para isso.

Houve uma proposta de surpresa. De Pato, e consistia em **saudações, em nome da Assembleia, à República Popular de Angola e ao seu presidente Agostinho Neto**. Assim, *mais* ou menos. A proposta concretizava uma opção a que outra saudação, aprovada no dia anterior, se recusava. Foi a votos **rejeitada pela maioria**, teve 3 abstenções e 27 votos a favor: todos os deputados presentes do P.C.P., do M.D.P. e 2 do P.S. Refiram-se os nomes dos deputados do P.S. que votaram a favor da proposta «pc»: **A. Sabino e Kalidás Barreto**. Uma surpresa? Nem por isso: dizem-nos que os dois deputados socialistas que votaram a favor são dos que se têm distinguido algumas vezes por posições avançadas em relação à generalidade dos deputados daquele partido.

Ainda Angola: Levi Baptista teve uma intervenção pelo M.D.P. exortando o Presidente da República, o C.R. e o VI Governo para que estes reconheçam a R.P.A. e ressalvem o «erro histórico» que estão cometendo...

Ainda antes da ordem do dia: os mais assinaláveis incidentes deram-se com uma intervenção do deputado do P.S., António Arnaut. Estamos em crer que a responsabilidade coube sobretudo ao orador e ao seu discurso — um dos mais infelizes que ali temos ouvido. Mário Soares falara. Pois Arnaut não encontrou maneira menos inábil de começar senão dizendo que o secretário-geral falara, e que, depois disso — **que mais poderia dizer um deputado do P.S.? Pouco ou nada** — disse. Era caso para ter prescindido da palavra, ou prescindir ainda, a tempo disso... Mas, não... Arnaut falou, e com fervor. Sucede no entanto que se esqueceu do teor da intervenção que Mário Soares fizera. E desatou a falar doutras coisas, já não nos lembra o quê, mas provavelmente coisas sem importância de maior. Retivemos, todavia, numa alusão ao Poder, ao(s) Cavalo(s), ao(s) Cavalos do Poder: «o poder é do povo e o povo não dá cavalaria». Foi vivamente contestado, exaltou-se, contestaram-no ainda mais, ia perdendo a cabeça, como se costuma dizer, mas não chegou a perdê-la — e regressou ao seu lugar de secretário à mesa logo atrás da tribuna.

Na ordem do dia: terminaram os trabalhos com o título IV. mas não se entrou ainda no título V: a respectiva comissão ainda não tem o seu texto-base concluído.

Aconteceu ainda aquilo de que noutro local se dá notícia mais em pormenor: manifestação de trabalhadores da construção civil, deputados impossibilitados de sairem...

Em tempo: o deputado socialista Kalidás Barreto fez uma declaração individual, explicando porque votara a favor da proposta do deputado comunista Octávio Pato: «não só porque a ideologia do M. P. L. A. é a mesma dos ideiais primeiros do P.S., mas também porque, em consequência, o M.P.L.A. é o garante da revolução socialista, o lídimo representante das classes trabalhadoras e, portanto, da grande maioria do povo angolano».

## CONSELHO DA REVOLUÇÃO DECIDE

# DESMENTIDO E PROCESSADO O VESPERTINO "A LUTA"

O Conselho da Revolução, em complemento do comunicado de 3 de Novembro do S. C. D. I. e para melhor esclarecimento da opinião pública, informa o seguinte:

«1. O S. D. C. I. foi acusado em diversos orgãos de Imprensa de:

A) Praticar a escuta telefónica e do consequente gasto de avultadas verbas.

B) Libertar João Cruz, presumível responsável pela fuga de elementos da ex-PIDE/DGS.

C) Tentar atrair um conselheiro da Revolução do «Grupo dos Nove» a uma reunião em Braga, com elementos do M. D. L. P. para assim o comprometer, bem como a linha política que representa, com aquela organização contrarevolucionária.

2. A) Sobre o problema das escutas telefónicas já o C. R. na sua reunião de 6 de Novembro se pronunciou, desmentindo publicamente que este serviço ou qualquer outro serviço do C. R., tenha alguma vez usado tais procedimentos.

B) Estranha este Serviço que determinados orgãos de Imprensa e sectores da Assembleia Constituinte não tenham dado o relevo usado nas falsas acusações sobre escutas, ao convite para que uma comissão, integrando deputados e técnicos, fizesse um inquérito sobre esta matéria, fazendo-se inexplicável silêncio sobre o assunto nesses sectores.

3. Sobre a libertação de João Cruz, esclarece-se:

A) Após a sua detenção por elementos do Regimento de Polícia Militar, em 13 Out. 75, foi o mesmo libertado condicionalmente por razões de saúde e de investigações necessárias, em 17 Out. 75, depois do sancionamento pelas autoridades respectivas: a Direcção dos Serviços Prisionais Militares e o Copcon.

B) Em 6 de Novembro de 1975 foi entregue ao poder judicial civil, através da Polícia Judiciária.

4. Sobre a pretensa cilada armada por este Serviço a um conselheiro da Revolução esclarece-se:

. A) A notícia é divulgada, através do comunicado duma organização clandestina denominada de Frente Militar Unida, em alguns jornais que já se haviam distinguido na atoarda das escutas.

B) A notícia é completamente falsa e indecorosa, lamentando-se que aqueles órgãos de comunicação não tenham tido o mínimo cuidado em verificar aquilo que publicam ou se tenham prestado a difusão de matérias que de antemão sabiam ser mistificadoras.

C) Este desmentido mereceu a concordância prévia do conselheiro da Revolução major pil-av. José Bernardo do Canto e Castro, que aquele comunicado pretende envolver.

5. Na sequência duma decisão do Conselho da Revolução, na sua reunião de 6 de Novembro, foi mandado organizar um processo contra o vespertino «A Luta», por haver infrigido a lei de Imprensa ao publicar o artigo já citado, sobre escutas telefónicas.»

## L.C.I. FAZ O PONTO

# CONTRA O AVANÇO DO FASCISMO "FRENTE UNICA OPERÁRIA"

«É necessário e urgente um combate comum de todas as organizações que se reclama da classe operária e do socialismo, de todos aqueles que estão empenhados na defesa das organizações económicas e políticas do proletariado, contra o avanço da reacção fascista» — diz-nos a Liga Comunista Internacionalista, LCI, num texto elaborado pelo seu comité executivo na sequência dos acontecimentos registados nos últimos dias na cena pública portuguesa. — «Os que não virem ainda hoje a necessidade desse combate comum sentirão, sem dúvida, a sua falta, amanhã. Isto vale particularmente para o Partido Socialista».

A LCI critica o PS, «partido que se reclama — diz — dos trabalhadores e do socialismo», mas, «pela sua política de alianças com o PPD, defensor dos interesses do grande capital, que se tem distinguido nas últimas semanas pelas suas atitudes ferozmente anti-operárias». Critica igualmente «as calúnias do PS em relação à actuação dos soldados da PM, que têm sabido estar ao lado dos trabalhadores em luta pela revolução proletária e socialista. «O PS — diz a Liga, concluindo acerca do comportamento mais recente daquela organização — «cava hoje a sepultura de muitos dos seus militantes operários e trabalhadores e a sua própria, ao ajudar a cavar a sepultura da revolução que diz defender». Noutro passo: «O PS é já hoje vítima da sua própria política. O avanço da reacção fascista já o atinge em Bragança e nos Açores. (Alusão aos rebentamentos de petardos que ocorreram em instalações daquele partido). Em caso de vitória do fascismo — prevê a Liga — as últimas vítimas não seriam, por certo, os trabalhadores do PS e o próprio PS».

Pronunciando-se acerca dos incidentes que se deram no domingo no Terreiro do Paço em Lisboa, a LCI condena-os, adiantando que eles foram «provocados, evidentemente, por forças reaccionárias que os pretendem utilizar para encorajar medidas repressivas do VI Governo sobre as massas trabalhadoras, as suas organizações e lutas». Num comentário acerca das intenções que presidiram à manifestação e do discurso pronunciado pelo almirante Pinheiro de Azevedo, a Liga considera que um e outro «apenas pretenderam criar as condições políticas para a repressão física sobre as conquistas mais avançadas dos explorados e dos oprimidos».

## P.S. PEGA NA DEIXA

# CONVITE DE MOSCAVIDE AO GENERAL OTELO

A secção de Moscavide do Partido Socialista fez distribuir pelos órgãos de comunicação social um comunicado dirigido ao general Otelo Saraiva de Carvalho, a propósito das declarações feitas pelo comandante do COPCON quando da sua visita na passada segunda-feira ao D. G. M. G., Depósito-Geral de Material de Guerra, em Beirolas.

«Entendemos que o actual momento político não se compadece com interrogações primárias e angústias como as que invadem o senhor general», diz o P. S., desde Moscavide, depois de manifestar a Otelo «o seu mais vivo repúdio» pelas afirmações por ele produzidas.

A secção de Moscavide do P. S. convida Otelo a «visitar» as nossas instalações para um debate sobre o actual momento político e para trocar opiniões acerca daquilo que entendemos dever ser uma revolução socialista».

Não consta que o general Otelo tenha aceite o convite, tão pouco que se tenha pronunciado acerca do seu teor.

## A VIAGEM DE MELO ANTUNES

. A convite dos respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros, o ministro Melo ANtunes desloca-se amanhã à Checoslováquia, Hungria e Bélgica, numa viagem que se prolonga até ao dia 21 do corrente. Durante a estadia nas capitais dos três países Melo Antunes, de acordo com uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros, terá conversações com os ministros dos Estrangeiros, respectivamente Chnoupek, Puja e Van Elslande, sobre questões bilaterais e sobre problemas internacionais da actualidade.

## Três chanceleres

Por portarias do Ministério dos Negócios Estrangeiros, são aumentados com um chanceler os quadros do pessoal auxiliar das Embaixadas de Portugal, em Tunes, Havana e Hong-Kong.

## TEMA PARA PLENÁRIO

# Informação ao serviço dos trabalhadores

Para discutir «as formas de transformação imediata da Rádio e dos jornais em difusores das lutas e dos objectivos da classe operária e dos camponeses, em tribunas de discussão entre todas as correntes operárias», a Comissão de Moradores de Outeiro da Vela (Cascais) lembra a todos os moradores que iniciem os trabalhos preparatórios para um grande plenário das c.t., c.m. e assembleias populares, em que participarão as c.t. do M.C.S. e de outros órgãos da Comunicação Social.

Solidária com a luta dos trabalhadores da Informação e «contra a censura que o VI Governo procura impôr para reduzir os jornais e a Rádio à defesa dos interesses do patronato», a Comissão de Moradores de Outeiro da Vela pretende que o plenário, subordinado ao tema «Para uma Informação revolucionária», debata as respostas aos ataques à Rádio Renascença e a forma de a colocar de novo em funcionamento.

Apoio aos trabalhadores do M.C.S. e repúdio pelo «assalto e destruição da R.R.»; desarmamento imediato e reconversão revolucionária da G.N.R. e P.S.P.; demissão do VI Governo e sua substituição por um outro que esteja, de facto, ao lado e na defesa dos interesses das classes trabalhadoras; etc...

Em 7 do corrente, a mesma c.m. declarou o seu apoio ao MP.L.A. e à Fretilin, e considerou o primeiro movimento como «legítimo representante do povo angolano».

### VOTO DE DESCONFIANÇA A QUATRO JORNAIS

Aumentam as adesões à luta dos trabalhadores de «O Século». Há a registar, entre muitos, as adesões manifestadas pelos soldados da E.P.T.M. (Escola Prática de Transmissões Militares); pelo Sindicato dos Trabalhadores da Industria Vidreira; pela Comissão de Moradores de Tercena; e pela Associação Juvenil de Lanheses.

Entretanto, termina hoje, às 24 horas, a votação para a eleição da Direcção e chefia da Redacção daquele matutino.

Acentue-se, ainda, que a E.P.T.M. propôs um voto de desconfiança à «Luta», ao «Jornal Novo», ao «Tempo» e ao «Expresso», por terem publicado uma notícia falsa sobre aquela Unidade.

**Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA FERREIRA Rua Manuel Maria, Vieira, 7**

# post scriptum

### O dr. Mário Soares parecia um «ponto» de teatro

1. Que o senhor almirante Pinheiro de Azevedo afirmou que, se necessário, deixaria o PS governar sozinho — já se sabia. Viu-se que, no Governo formado pelo senhor almirante Pinheiro de Azevedo, o PS ficou a dominar quase hegemonicamente. O senhor almirante Pinheiro de Azevedo declarou, há dias, algo de semelhante a isto (ressalvem-se as possíveis inexactidões): «o programa do PS foi a charneira que serviu à constituição da plataforma polizica do VI Governo».

São afirmações e factos reais e documentados, cuja veracidade ninguém ainda contestou.

2. Em Faro, quando os manifestantes perguntavam «onde está a TV, que não se vê?», o senhor almirante Pinheiro de Azevedo respondeu-lhes: «Têm razão!... Têm razão!... Têm razão!...» E indicou aos operadores de câmara da televisão que voltassem as objectivas para os seus apoiantes.

3. Pois bem, na manifestação realizada em 9/11/75, no Terreiro do Paço, as câmaras de televisão eram várias e com certeza focaram o senhor almirante Pinheiro de Azevedo e os manifestantes a contento de um e outros.

4. Á primeira vista, o que os espectadores da televisão presenciavam não era inédito: manifestações no Terreiro do Paço têm visto muitas; governantes discursando daqueles edifícios também já houve; o senhor doutor Mário Soares de punho cerrado e o senhor doutor Sá Carneiro com os dedos em «V» são imagens de todos os dias.

5. Inédito, na manifestação do Terreiro do Paço, foi ver-se — «claramente visto» —, a princípio, o senhor doutor Mário Soares lendo, por cima do ombro do senhor almirante Pinheiro de Azevedo e com um ligeiro avanço em relação a este, o texto que ele segurava. O senhor doutor Mário Soares parecia funcionar ali como um «ponto» de teatro.

Os telespectadores terão pensado que os óculos do senhor almirante Pinheiro de Azevedo talvez não fossem os indicados para a leitura naquelas condições, que a luz não seria favorável, que as câmaras da televisão prejudicavam, etc., etc. O senhor doutor Mário Soares estaria, portanto, ajudando o senhor almirante Pinheiro de Azevedo a decifrar um texto (dactilografado, manuscrito, impresso, policopiado, codificado — o que fosse!). Era uma circunstância inédita, mas aparentemente não reprovável.

Aconteceu foi que os espectadores da televisão viram, depois — e sempre «claramente visto» —, como o senhor doutor Mário Soares articulava (agora, sem sequer olhar para o texto) as mesmas palavras que o senhor almirante Pinheiro de Azevedo ia lendo.

6. Perguntas, muitas podem fazer-se. Exemplos:

— Comunicam o senhor almirante Pinheiro de Azevedo e o senhor doutor Mário Soares por telepatia, para que este saiba antecipadamente o que o primeiro vai dizer?

— Há interpoladas nos discursos (neste caso, uma comunicação ao País) do senhor almirante Pinheiro de Azevedo frases da autoria do senhor doutor Mário Soares? (Não esqueçamos que hoje surgiu, por duas vezes, o desusado adjectivo «atrabiliário», a que o senhor doutor Mário Soares recorreu no recente «Responder ao País».)

— O senhor almirante Pinheiro de Azevedo e o senhor doutor Mário Soares escrevem em colaboração os textos que aquele deve ler aos seus apoiantes?

— Ou, muito simplesmente, o senhor doutor Mário Soares fala pela boca e com a voz do senhor almirante Pinheiro de Azevedo?

**Maria Beatriz Coelho — Lisboa**

### ...Por terem saudades do 24 de Abril ...

Perdôe V. Ex.ª, para começar, a minha falta de estilo. Sou um trabalhador, e tenho apenas a 4.ª classe.

Estou ainda neste momento a receber em minha casa, através do televisor, o espectáculo degradante que V. Ex.ª achou por bem oferecer ao Povo português. Na verdade, que um Soares qualquer ou um qualquer Carneiro se permita vomitar injúrias sobre a inteligência desse Povo, eu nem sequer já estranho. Agora que esses vómitos partam de um primeiro-ministro que, ainda por cima, todos garantiam ser um homem de esquerda, é que eu não posso levar à paciência. É verdade que V. Ex.ª já tinha demonstrado, através dos últimos discursos, que só como anedota poderia ser considerado «de esquerda». Mas, é claro, não é, sempre tive uma pequena esperança de que V. Ex.ª andava a reinar com a gente. Mas não. V. Ex.ª falava mesmo a sério, está hoje demonstrado rotundamente.

O melhor será ficar por aqui. Apenas quero acrescentar que qualquer pessoa, eu inclusive, lhe poderia demonstrar sem a mínima dificuldade, a mentira de quase todas as posições de V. Ex.ª. Isso seria útil no caso de ser a falta de inteligência a sua maior falha. Mas eu acredito agora que V. Ex.ª sabe mesmo o que diz, e os objectivos que pretende alcançar.

Claro que esta carta é um acto de indisciplina. Claro que um trabalhador não pode dirigir-se assim a uma Excelência. Mas mesmo assim esta carta não será anónima.

Chamo-me Adventino Pinheiro de Amaro, e moro na Rua Eça de Queiroz, n.º 5-3.º Esq.º em Odivelas, concelho de Loures.

No caso de V. Ex.ª considerar que a melhor medida a tomar é mandar a minha casa o A.M.I. para dinamitá-la, peço-lhe que o não faça. É que comigo vive uma mulher e uma criança, e o prédio tem inquilinos que, por terem saudades do 24 de Abril, não merecem tal acção de V. Ex.ª.

**Adventino Pinheiro de Amaro — Odivelas**

# DINOSSAURO GENERALISSIMO

Escorrendo lava, chocalhando os ossos, é bem provável que este Dinossauro Generalíssimo se erga do leito de morte e, já cadáver, já desfibrado, regresse à cadeira de ditador empunhando a máscara de um Bourbon. Será Francisco Franco em versão Juan Carlos, na metamorfose histórica mais desejada pelos déspotas amortalhados.

Mas mesmo vestindo a pele do «caudillo», Juan Carlos não é, não pode ser, o seu intérprete fiel. Por muito que os fascistas de raça o pressionem e por mais elixires de intriga que lhe ministre o sempre ouvido marquês de Villaverde, feiticeiro e cirurgião da Corte, o Príncipe Indesejado não ganhará o esplendor negro nem a malícia obstinada que definiram Franco no seu traçado em linha dura da Espanha. Será forçado a cedências dentro e fora do «reino», a ensaiar aparências de mudança e, se possível, a manobrar reconciliações mais ou menos formais. Tudo isto em garantia da continuidade.

Não se segue daqui todavia que Juan Carlos Bourbon venha a ser o Caetano do franquismo. Entre dois dinossauros que se extinguem, há diferenças de comportamento que convém marcar, e o Generalíssimo teve o cuidado de preparar uma sucessão que ao outro, o Excelentíssimo, sempre lhe pareceu coisa desnecessária e adiável «ad aeternum». Assim, foi Franco em pessoa quem fez o seu próprio caetanismo e por isso o tornou impossível «post mortem». Amen.

Este galego que os galegos enjeitavam — «árabe», lhe chamam — este plebeu, que abençoou coroas reais, este cruzado a cavalo do garrote sabia o país dividido, mas era ferozmente oportuno na utilização dessas mesmas divisões.

Dividido o mapa em territórios políticos, divididos os movimentos, dividida a casa real, a Igreja, as forças armadas, divididas as clientelas económicas do «caudillo», a «Espanha, Una e Soberana» vive do equilíbrio instável do medo. Agora, à volta do ultra cadáver, os interesses rivais acotovelam-se, conspiram — como já se esperava. Na rua e por toda a pátria clandestina, socialistas e comunistas preparam frentes e analisam oportunidades.

É neste esquema que, debruçados sobre o leito de morte, os chamados «familiares» do dinossauro cerram fileiras, construindo um «bunker» inexpugnável. A frente deles estão, o marquês de Villaverde, escudeiro e cirurgião da Corte, Campano, Iniesta e todos os «generais azuis» da velha guarda — e, vêde: abafam o cadáver, dando-lhe hálito para o prolongarem até ao impossível. Na antecâmara, Arias Navarro e o «novo» ideólogo, Carro Martinez, são os portadores formais das linhas recentes do Poder, mas começa a ganhar vulto, encabeçado pelo ex-embaixador em Washington, José Maria Areilza.

De certo modo, a facção de Areilza, que integra Fraga Iribarne e Lopez Bravo, tem a sua imagem liberal discutida por outro sector que com ela disputa o aval do Ocidente, o dos políticos da FEDISA (Federação de Estudos Independentes), organização do tipo SEDES mas de intenção democrática menos relevante. Diez Alegria e Pio Cabanillas são os seus suportes de fachada.

Mais distanciados do pólo franquista e do acesso aos corredores do Poder, vêm os partidos opositores e as suas fórmulas de convergência democrática ou de ruptura frontal. A influência inequívoca do Partido Comunista nas massas populares, as diferenciações socialistas e o catolicismo progressista procuram articulações realistas de intervenção imediata num xadrez onde os movimentos independentistas exercem uma acção popular e de prestígio. Nessa conjuntura os ultras de direita (Guerrilheiros de Cristo Rei) ou de esquerda (Guerrilheiros Urbanos Maoistas) não dispõem de «quorum» nem de crédito das massas que lhes dê acesso às decisões sobre a fórmula da sucessão.

Agora o fantasma de um golpe militar das direitas, cada vez menos provável, só pode funcionar como uma pressão contra as intenções liberalizantes dos círculos mais próximos do «caudillo». Mesmo uma parte francamente conservadora das Forças Armadas prefere jogar no «jocker» Bourbon a discutir o xeque-mate do general Angel Campano e dos 200 mil reaccionários que ele enquadra, enfrentando, por outro lado, uma ofensiva de esquerda dos capitães da União Democrática das Forças Armadas.

Não. Uma solução «manu militari» carece desde já de apoios — internos e externos. Constituiria um estorvo irreprimível para as negociações dificultosas da Espanha com o Mercado Comum e, numa Ibéria perturbada pelo «caso militar português», aceleraria processos de desequilíbrio do maior risco. Um Giscard, uma O. T. A. N. são-lhe naturalmente adversos, sobretudo depois da Conferência de Helsínquia, a opinião liberal repudiaria este «flash back» espanhol em perspectiva dos anos 40, e a nação — principalmente essa, mesmo nas classes burguesas — reagiria à manobra, considerando-a como um recuo da sociedade em vias de consumo para os anos de pós-Guerra Civil.

É que, acima de tudo, Juan Carlos, o Indesejado, nasce comprometido numa «España soberana», que está, ela mesma, comprometida pela sua natureza geoestratégica. As suas 40 divisões militares e o seu estatuto especial em relação à N. A. T. O. tornam o país particularmente disponível como apoio aos Estados Unidos e além disso, como décima potência industrial do Mundo, impõe-se-lhe guardar equilíbrio e fomentar alianças.

Continuidade franquista ou sucessão diferenciada, a etapa que se segue em Espanha anuncia para Portugal algumas vantagens no imediato e a curto prazo.

Beneficiando das disposições conciliatórias com que os novos governos inauguram o seu mandato, o «dossier português» será substancialmente desanuviado. O vergonhoso assalto à embaixada em Lisboa e a crise em suspensão que daí se gerou sobre os dois países peninsulares podem ser agora encarados por Madrid em espírito aberto e urgente. E seja qual for a dose de franquismo que conserve, o regime de Juan Carlos procurará criar, com isso, uma nova imagem de marca que permita reaproximar de Espanha aqueles países que, mais ou menos categoricamente, se afastaram dela por ocasião das recentes execuções dos patriotas.

Também do ponto de vista da segurança portuguesa, não parece previsível qualquer agravamento de maior. Nem Juan Carlos, nem o Conselho de Regência nem, depois disso, a composição que assumir o Poder irão além, tudo o indica, da tolerância e do legalismo que têm concedido até agora aos activistas da nossa contra-revolução que se movimentam no país vizinho. Pelo contrário. Se alguma alteração se verificar será a de um maior rigor na «alfândega política» por parte das autoridades espanholas, caso venha a verificar-se alguma representatividade democrática no novo governo.

E, pois, do ângulo de abertura adoptado pelo pós-franquismo que tudo vai depender, face às contradições internas do país e às imposições da estratégia ocidental e do Terceiro Mundo. É dessa composição inicial que poderão resultar soluções progressistas para os problemas comuns aos dois países. E não só nos domínios da política e da diplomacia: nos do sector económico, também. Basta lembrar certas garantias de tráfego do nosso comércio com a Europa, via Espanha; basta reflectir sobre os condicionamentos da nossa produção de energia eléctrica, sobre os compromissos que nos envolvem no sector das pescas; ou no movimento de importação de produtos alimentares que realizamos com aquele país e na complementariedade económica ao nível da Península que a ambos interessa desenvolver — basta isso, entre muito mais, para que o dobrar dos sinos por Franco seja para nós, portugueses, um sinal de esforço realista no sentido de corrigirmos uma vizinhança.

É que seja como for, no Reino do Dinossauro Generalíssimo alguma coisa vai mudar. Pouco ou muito, mudará. E isso porque a Espanha e o Mundo já não são iguais aos de 1936 e porque, mesmo com um rei, rei de aviário, o cadeiral de Franco perdeu o brilho aterrorizador e jamais ganhará o carisma de um trono.

Diário de Lisboa
Fundado em 1921
Prop. da Renascença Gráfica, S. A. R. L.

# O CASO MICELI

ROBERT SOLE

ROMA — O caso Miceli, que deu muito que falar o ano passado, já não parece apaixonar os italianos, mas uma polémica por meias palavras continua a opor várias personalidades de primeiro plano. O general Vito Miceli, chefe dos serviços de informação da defesa na altura do «golpe de Estado» falhado de Dezembro de 1970, que não ignorava as intenções dos conjurados, teria informado a tempo os seus superiores? Sim, afirmam os advogados do antigo chefe do SID. E acabam de citar publicamente alguns nomes. Segundo eles, os ministros da Defesa e do Interior, Tanassi e Restivo, estavam ao corrente. O próprio Presidente da República, Saragat teria sido avisado pessoalmente.

«É absolutamente falso», responde o interessado num comunicado que foi entregue à Imprensa no dia 19 de Outubro. «A única vez que me informaram de uma tentativa de golpe de Estado, foi na Primavera de 1970, quando Pietro Ingrao, membro do Partido Comunista pediu para me ver com urgência. Perante as notícias alarmantes que me trazia, pus em acção todos os serviços de defesa. Verificou-se depois que era um falso alerta. Desde então», prossegue o chefe de Estado, que ocupa actualmente o lugar de presidente do Partido Social Democrata, «não tomei mais conhecimento das informações sobre golpes de Estado projectados e abortados, senão através da leitura dos jornais».

### QUEM FECHOU OS OLHOS?

O esclarecimento deste ponto da história é capital, embora o grupo do 7 de Dezembro de 1970, conduzido pelo falecido príncipe Valerio Borghese (duzentos homens a caminho de Roma a fim de apoiar um comando que tomara de assalto o Ministério do Interior) faça sorrir um pouco. De facto a ausência de medidas preventivas por parte das autoridades é menos devido a negligência do que a benevolência e até cumplicidade. A que nível se procurou fechar os olhos à preparação desse «putsch» de amadores? A que ponto se lhe quis depois diminuir a importância?

O caso só foi tornado público em Setembro de 1974, quando o ministro da Defesa, Giulio Andreotti (actualmente titular da pasta do Orçamento), entregou à magistratura um grande «dossier» sobre o SID, que contém informações sobre as três presumíveis tentativas de golpe de Estado: a de Dezembro de 1970 e as de Janeiro e de Agosto de 1974, ainda pior preparadas.

Continua na pág. 17

# Nacional

## "G. O. Sars" veio investigar as pescas

. . O navio de investigação norueguês «G. O. Sars» chegou no sábado a Lisboa, a fim de iniciar uma campanha de estudos de pesca, com a duração aproximada de cinco semanas, ao largo da costa portuguesa e dos Açores, promovida pela Secretaria de Estado das Pescas. As investigações incidirão sobretudo na localização e determinação da abundância de espécies de interesse económico.

. . A campanha, em que participarão técnicos de ambos os países e alguns pescadores, integra-se no acordo assinado na segunda reunião da comissão mista luso-norueguesa (Julho de 1975).

### SECRETARIA DA SAUDE CATEGORICA

## Não há surto de lepra

Da Secretaria de Estado da Saúde recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Foi difundida radiofonicamente uma notícia que insinuava a possibilidade da existência de surto epidémico de lepra em Portugal.

«Esta notícia é total e completamente falsa e destituída de qualquer fundamento.

«A lepra é uma doença pouco contagiosa e curável com a terapêutica existente.

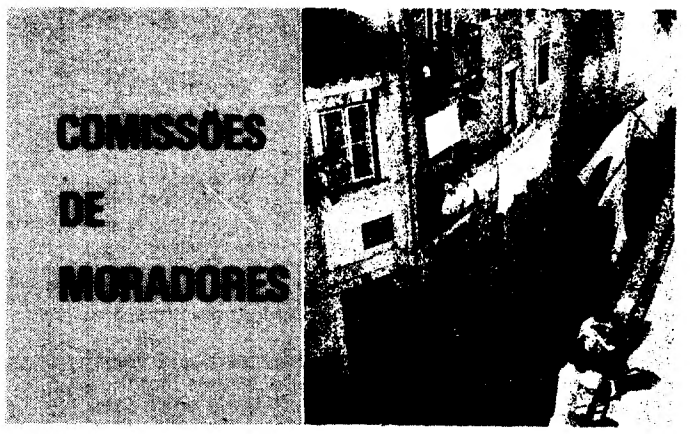
«Mesmo nas recuadas épocas medievais, em que eram ignorados quaisquer conceitos de higiene, não houve notícia de surtos epidémicos de lepra, como também não os há naqueles países em que a doença infelizmente aflige grande número de habitantes. E isto porque a natureza dos mecanismos de produção da doença e o génio do bacilo não permitem a sua difusão rápida, generalizada, ao contrário do que acontece com outras doenças, como a gripe ou a cólera.

«A endemia existente no nosso país desde há séculos é de muito pequeno volume e o número de doentes tem diminuido lenta e persistentemente. Esta diminuição provocou a contínua redução do número de doentes hospitalizados no Hospital de Rovisco Pais, onde se internavam os doentes considerados em fase contagiosa. Esta diminuição foi tal que a grande maioria das pessoas ali actualmente internadas, cerca de 250, o estão por motivos sociais e não por serem contagiantes.

«O súbito retorno de nacionais a partir de países onde a doença tem índices de prevalência superiores aos que se verificam em Portugal, países como a Guiné, Cabo Verde, Moçambique e Angola, não vem alterar este estado de coisas. Surgiram até agora, nestes últimos meses, cinco doentes. Em qualquer deles é muito difícil decidir se a doença foi contraída naqueles países ou se já a possuiam quando para lá emigraram.

«Concluindo: não há qualquer surto de lepra. É desprezível o risco de difusão da doença com o retorno de nacionais a partir de países africanos».

**Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se naTABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16**




## AVOLUMA-SE O APOIO AO M.P.L.A.

O reconhecimento do MPLA como único representante legítimo do povo angolano continua a ser expresso em moções discutidas e aprovadas por vários órgãos de vontade popular.

Assim se manifesta a Comissão de Moradores da Vila de Belas que no mesmo documento repudia o comportamento contra-revolucionário e a incompetência do VI Governo, não reconhece idoneidade ao actual «Conselho dito da Revolução» e salienta a necessidade de o «povo fardado exigir que, antes de se efectuarem quaisquer missões duvidosas ou pouco esicarecidas, estas sejam sempre discutidas em plenários de unidades que deverão ser soberanos».

Por seu lado, a Assembleia Popular de Odivelas, na sua primeira reunião manifestou o seu total apoio à luta do povo angolano e à sua vanguarda revolucionária (o MPLA), bem como repudiou as acções do imperialismo levadas a efeito naquele país sobre o seu povo. Igualmente esta primeira Assembleia Popular registou um voto de desconfiança ao actual Conselho da Revolução a propósito da sua actuação sobre a Rádio Renascença, afirmando que «a partir da perpretração de tal crime, o povo tem o direito de perguntar: Onde é que o ELP se situa?... Sim!... Porque lá diz o velho ditado — «Cesteiro que faz um cesto faz um cento».

Os moradores da zona de Vale de Figueira/Caparica, não só reconhecem o MPLA como único defensor dos interesses do Povo Angolano, como fizeram uma colecta que rendeu 1285$00. Destino: o povo de Angola.

A Comissão de Moradores da Tercena, por seu turno, entende que a transferência de poderes em Angola se deveria ter feito apenas com o MPLA. Esta comissão apoia ainda a luta da maioria dos trabalhadores de «O Século», bem como o pedido de libertação imediata do aspirante Luís Filipe Oliveira.

### «BOITE STONES»

«A Boite 'Stones', conhecido local de encontro da alta burguesia e de notórios fascistas, foi encerrada por vontade dos moradores reunidos em plenário em 29 de Outubro» — assim começa a narrativa curiosa desta luta referida no comunicado da Comissão de Moradores da Zona A dos Prazeres.

Prosseguindo, esses mesmos moradores decidiram abondonar o processo de luta seguido desde 1969, constituido por abaixo-assinados e protestos junto das autoridades, por causa do barulho ensurdecedor da música, dos carros e dos frequentadores. Propunha-se agora o encerramento do referido local de diversão propondo-se como alternativa de emprego para os trabalhadores da boite, a sua reconversão numa cantina popular. O encerramento foi confirmado pelo comandante do RPM que numa reunião com os moradores da zona e empregados apelou para que se combinasse rapidamente as formas de reconversão.» Nessa noite, os empregados da boite violaram o acordo firmado com os moradores, reabrindo-a, aceitando mais tarde fechá-la depois de uma intervenção do RPM. «Depois de uma reunião com representantes do Sindicato da Indústria de Hotelaria que, segundo a Comissão de Moradores, se portaram muito mal, no dia 4 passado, com grande espanto dos moradores, os empregados da «Stones» disseram aos moradores que a Boite ia reabrir com a autorização do comandante do RPM, o que de facto se veio a verificar sem que os moradores fossem ouvidos e portanto tivessem oportunidade de desmascarar as posições assumidas pelos empregados. Face a esta situação, os moradores respondem: «A luta continua». A Comissão de Moradores dos Prazeres apela para todos os moradores antifascistas, operários e demais trabalhadores explorados a apoiarem activamente esta luta».

### QUINTA DA ROSA

Depois do impasse a que chegou a luta dos moradores da Quinta da Rosa pela melhoria de condições de vida naquele local, a Comissão de Moradores local apela para todos os moradores desta zona para que participem desde já numa campanha de obras públicas que esta comissão vai promover, começando pela construção de um recreio coberto na Escola Primária.

### CDA DE OEIRAS

A Comissão Democrática Administrativa da Câmara Municipal de Oeiras, de acordo com a experiência recolhida a partir do funcionamento dos Serviços Sócio-Culturais, foi proposta uma reestruração neste sector, em termos práticos e funcionais, integrando o Gabinete Técnico para apoio às Comissões de Moradores.

O assunto será concretizado pelos coordenadores que se encarregam de apresentar uma proposta definitiva à próxima sessão.

### CONVOCAÇÕES

O Conselho Executivo Provisório da Assembleia Popular do Concelho de Loures adiou para o próximo dia 16 a Assembleia Popular do concelho.

Efectua-se amanhã, em Sacavém, a Assembleia Popular da Freguesia, em que se elegerá o executivo da Assembleia.

# Nacional

## NA FACULDADE DE LETRAS

# "A História é feita pelo povo"

. Está a decorrer desde o dia 10, prolongando-se até ao dia 25, no Departamento de História da Faculdade de Letras, uma quinzena de abertura das actividades do ano lectivo de 1975/76 que, segundo o programa de apresentação «não pretende ser uma recepção aos novos alunos ou uma série de sonolentas conferências ou de «cursos livres» para consumo interno, mas um conjunto de colóquios, debates e conferências que se integre na nova perspectiva do ensino adoptado pelo Departamento: a intercomunicação entre a realidade social e a escola, num diálogo que se deseja despido de quaisquer preconceitos de paternalismo e tanto quanto possível desmistificador da realidade histórica a todos os níveis».

Neste sentido, acrescentam os organizadores da quinzena de abertura, «a escolha dos temas virou-se para a História que é realidade actual, para os seus agentes directos — as massas populares — e para as raízes históricas de alguns aspectos do revolucionário que eles constroem em Portugal».

Para iniciar a quinzena (dia 10, às 18 horas), José Tengarrinha, Barradas de Carvalho, Borges Coelho e Piteira Santos desenvolveram o tema das «Tradições portuguesas do poder popular». Sobre o assunto em referência escreveu Borges Coelho «Comunas e Concelhos» (Prelo).

Ontem, também às 18 horas, «A Revolução de 1383-85» foi colóquio. Colaboraram Borges Coelho, Joel Serrão e Maria J.Ferro.

Recorda-se sobre o tema o livro de Álvaro Cunhal «A Luta de Classes nos Fins da Idade Média» (Estampa); de Borges Coelho a obra sobre a Revolução de 1383 publicada na «Seara Nova».

Amanhã às 18 horas um problema cada vez mais actual e cada vez mais nosso: «A independência de Angola». Colaboradores: Piteira Santos, Isabel Castro Henriques, Luís Moita, João Sá da Costa, Manuel Ferreira e Comité 4 de Fevereiro-Casa de Angola.

No dia 17, às 18 horas, com a colaboração do Secretariado Nacional do Congresso, o colóquio «A importância da realização em Portugal do Congresso Hegel».

Recorda-se que o último decorreu em Moscovo estando presente uma delegação portuguesa.

No dia 18, às 18 horas, «Problemas da salvação do património nacional», com a colaboração de Pais Silva, Rio de Carvalho e Álvaro Simões.

Dia 19, às 18 horas, conferência do prof. Charles Boxer com o tema ainda a anunciar.

Dia 21, às 18 horas, «O movimento operário em Portugal» com a colaboração de Hernani Resende, Pinto Ravara, César de Oliveira e José Tengarrinha.

Sobre o assunto registam-se obras de Cesar de Oliveira e Alexandre Vieira sobre a história do sindicalismo e o sindicalismo no século XIX.

Dia 22, às 16 horas, «A classe operária e o problema da independência nacional», com a colaboração de elementos pertencentes a sindicatos e comissões de trabalhadores.

Dia 25, às 18 horas, «Expansão portuguesa» com a colaboração de Vitorino Magalhães Godinho, Barradas de Carvalho, Charles Boxer, Borges Coelho e Luís Filipe Tomás.

Recordam-se sobre o tema as obras de Borges Coelho, Marcel Bataillon e Vitorino Magalhães Godinho, ministro da Educação e Cultura nos II e III Governos Provisórios.

## NO LICEU D. PEDRO V

# Alunos e professores contra a violência

Sobre os acontecimentos ocorridos no dia 11 no Liceu D. Pedro V, alunos e professores tomaram posição, nomeadamente através de organizações a que pertencem, ou decidindo o que fazer em reuniões gerais.

Foi assim que, na tarde de ontem, uma conferência de Imprensa serviu para elementos do Comité 11 de Novembro, da A. S. J., dos Núcleos Sindicais e da Comissão de Gestão explicarem o que se passara na véspera. Apesar de certas divergências, todas estas organizações estão de acordo quanto à questão de fundo: nada justifica a violência reaccionária de meia dúzia de alunos fascistas que conduziram outros que, mal informados, são ainda capazes de os apoiar.

Os factos: um grupo de alunos, organizados em Comité 11 de Novembro, organizou um «meeting» de apoio à República Popular de Angola e ao M. P. L. A., colocando a bandeira portuguesa e a bandeira do M. P. L. A. à janela, enquanto o «meeting» durava. Depois, as pedradas dos fascistas, a destruição de algum mobiliário, dois feridos, um auto-de-fé para queimar o que estava na banca de apoio ao M. P. L. A.

Enquanto isto, os promotores do «meeting» apenas se defendiam e, neste momento, aproveitam para denunciar a actividade de um grupo auto-intitulado Grupo de Libertação de Portugal — Brigadas Terroristas, que está na base dos distúrbios, e a ingerência de «alguns papás» C. D. S. nos assuntos que apenas dizem respeito aos alunos.

No decorrer da «borrasca», apareceram no local trabalhadores do «Metro», que afirmaram não querer ver destruído o Liceu que é pago pelos trabalhadores. A P.M. interveio, no fim, para evitar mais violência. O Liceu foi fechado, reabrindo na manhã seguinte (ontem).

Disse-nos um elemento da Comissão de Gestão que «há meia dúzia de alunos que estão aqui a tirar o lugar a outros. Se esses alunos destroem instalações, é porque não estão interessados no Liceu. Devem, portanto, ir-se embora».

Os alunos exigem um inquérito rigoroso aos acontecimentos e «castigo exemplar» para os prevaricadores, mas feito no Liceu e não pelo M. E. I. C.

Entretanto, os professores do D. Pedro V, reunidos em R. G. P., aprovaram, a propósito, a seguinte moção:

. «Os professores do Liceu D. Pedro V, reunidos em R. G. P. em 12 de Novembro de 1975, face aos acontecimentos ocorridos neste liceu no dia 11/11, tomam a seguinte posição:

. «A — Repudia energicamente a violência que impediu um «meeting» que o Comité 11 de Novembro, deste liceu, promoveu, pela independência da República Popular de Angola, anunciado com a antecedência de uma semana;

. «B — Eleger imediatamente uma comissão de inquérito formada por professores, empregados administrativos e auxiliares e alunos deste liceu sobre os acontecimentos referidos;

. «C — Dar conhecimento desta moção aos órgãos de Informação».

## NA MADEIRA

# BOMBA CONTRA AVIÃO MILITAR

. Um fortíssimo petardo de trotil rebentou esta madrugada no aeroporto do Funchal. A bomba foi colocada sob um «Nord Atlas» da Força Aérea, causando sérios estragos ao aparelho e abrindo uma fenda no chão. No registo do Serviço Meteorológico do Aeroporto a escala de variações acusou a explosão: mais forte que o último terramoto que sacudiu a Madeira.

O rebentamento verificou-se exactamente às 4.15 da manhã, notando-se que o petardo, com rastilho, fora colocado junto à roda dianteira do avião F.A.P. Com um rombo de lado e possíveis avarias no sistema de comandos, o «Nord Atlas» não pode realizar a viagem de rotina programada para hoje, para Lisboa.

Junto do avião atingido, encontrava-se um outro, da companhia escandinava «Stirling» que faz carreiras semanais para a Madeira. Por outro lado, e relativamente próximo do local, encontram-se as instalações de combustíveis da «Shell»».

As circunstâncias fazem supôr que, se os bombeiros não tivessem actuado prontamente, apagando um foco de incêndio que surgiu, as chamas poderiam ter atingido o depósito de combustíveis e arrasado o aeroporto.

Segundo o chefe da corporação de bombeiros do aeroporto, o petardo teria cerca de um quilo de trotil.

Sabe-se que o COPMAD e a Polícia de Segurança Pública do Funchal iniciaram investigações com vista à detenção dos autores do atentado.

# "PARA A PRÓXIMA É COM CAÇADEIRA!"

CASTELO BRANCO, 13 — Quando elementos do Movimento de Esquerda Socialista se preparavam para fazer uma banca com livros, junto ao Posto de Turismo desta cidade, um grupo de retornados, juntamente com elementos da direita reaccionária (P.S., P.P.P., C.D.S., M.R.P.P. e A.O.C.) destruiram toda a propaganda de apoio ao M.P.L.A.

Segundo um comunicado do M. E. S. foram agredidos militares desta organização pelos direitistas e fascistas.

Uns e outros disseram para os militantes do M.E.S.:

. «Por esta vez é assim, para a próxima é de caçadeira.»

# Ora diga-nos

# APOIA A GREVE DA CONSTRUÇÃO CIVIL?

. Está com os trabalhadores da construção civil na sua greve? Já atentou nos seus ordenados, que para muitos são ridículos e, pior que isso, insuficientes para mulher e filhos? E que entretanto sobe o custo de vida...

O Ministério do Trabalho encerrou ontem os seus serviços. Com o maior despudor, os sabotadores dos legítimos interesses dos trabalhadores afirmam que estes pretendem derrubar o «seu» Governo.

Para além dos votos, das argumentações jurídicas subtilmente engendradas, ouçamos os trabalhadores. António Santos (Tony para os amigos), marceneiro artesanal:

. «Há pequenos patrões que não podem arcar com os aumentos pedidos. Outros há que, sim senhor. Têm mesmo que respeitar as reivindicações dos trabalhadores. Pessoalmente, estou com as reivindicações dos trabalhadores, mas, também, com a impossibilidade financeira dos pequenos construtores. Não creio, no entanto, que as novas tabelas salariais prejudiquem os grandes patrões, os grandes responsáveis pela greve de agora e os ordenados de miséria dos trabalhadores».

«Estou com os trabalhadores, com todos os trabalhadores, com todas as reivindicações salariais» — começou por declarar-nos Manuel Mateus. — «Estou também com a greve da construção civil, embora saiba que patrões há que, por falta de empreitadas, pagam mais dias aos seus assalariados que aqueles que eles trabalham».

Acrescentou: «Aliás, os aumentos de ordenados pretendidos nem por isso são exorbitantes, bem pelo contrário. Acho que mesmo com a a aplicação das novas tabelas os patrões não deixarão, todos os anos e como é sua ambição maior, de comprar novos automóveis, e, diariamente, de comer os seus apreciados mariscos».

Armando Silva, desempregado (era contínuo de um jornal): «A greve é justa. É sempre a mesma conversa, a dos patrões que argumentam não ter dinheiro. Então, quem o tem?». E concluiu: «Claro que eles se «cortam», porque, hoje, têm o apoio do Ministério. É pena que tenhamos chegado a isto...»


EPAL

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

EMPREITADA DE ELECTRIFICAÇÃO DA ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DE VALADA II

ANÚNCIO

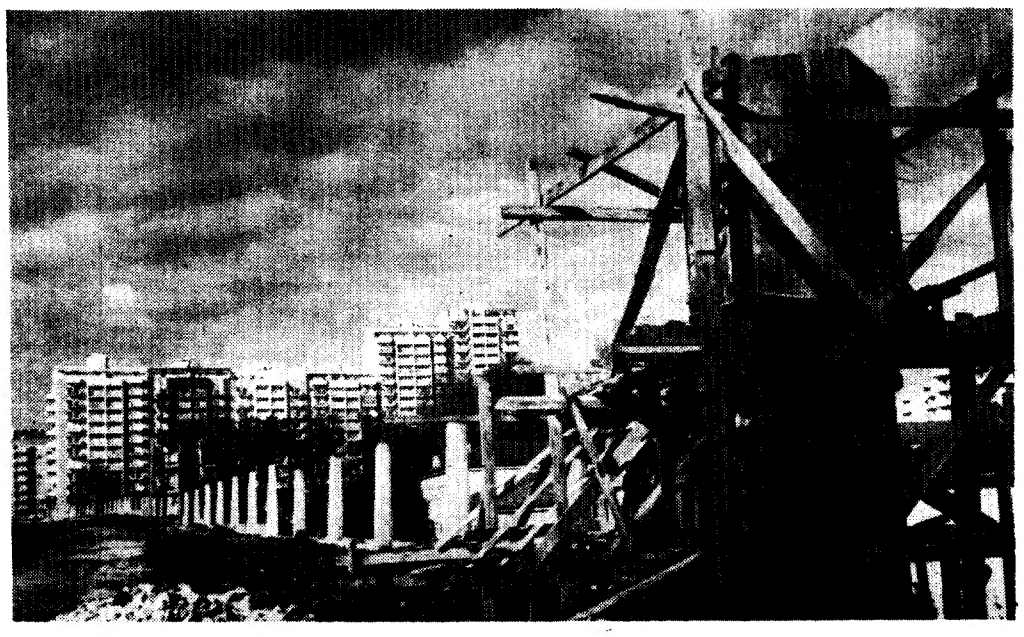
Faz-se público que foi prorrogada para o dia 4 de Dezembro de 1975 a data de abertura das propostas do concurso em referência.

De harmonia com o respectivo programa, as propostas deverão ser entregues até às 17 horas do dia 3 de Dezembro na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, mantendo-se todas as demais condições do anúncio já publicado.

Lisboa, 12 de Novembro de 1975.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º João Bau

# Nacional



O estado actual da obra em Benfica

## QUATRO GUARITAS MISTERIOSAS

A construção acelerada de quatro guaritas no muro circundante ao Depósito de Material Sanitário do Exército, junto à estação de S. Domingos de Benfica, motivou várias pessoas a interrogarem-se sobre a possibilidade daquele aquartelamento poder vir a ser utilizado em breve por uma unidade operacional com características repressivas. E alguns dos nossos leitores, via telefone, chegaram mesmo a pôr a hipótese de vir a ser o AMI o agrupamento escolhido.

Afinal, o natural alarme não parece ter (desta vez) fundamento, pois, segundo nos afirmou o capital Moreira de Andrade, 2.º comandante do Depósito, aquelas instalações encontram-se perspectivadas para serem ocupadas pela ADFA (Associação dos Deficientes das Forças Armadas), e a construção das guaritas apenas obedece a um planeamento de 1971 que só agora foi possível concretizar.

Deste modo, e ainda de acordo com as informações colhidas junto do capitão Moreira de Andrade, aquela unidade deverá passar em breve para o espaço até agora ocupado pelo Trem Auto, dado que com o fim da guerra colonial o transporte e armazenamento do material sanitário e cirúrcigo decresceu consideravelmente, não se justificando já a ocupação de um recinto tão vasto por parte daqueles serviços.

### ADFA ANTÍTESE DE AMI

Entretanto, um elemento da direcção da ADFA com quem contactámos posteriormente, confirmou-nos a hipótese da Associação vir a utilizar futuramente as instalações do DMSE. Ali seria montada a sua tipografia (de momento a funcionar no anexo do Hospital Militar Principal) e uma escola de Artes Gráficas.

E como os objectivos perseguidos pela ADFA são a antítese do AMI as quatro guaritas em construção não irão ter o significado ameaçador, que o seu aspecto belicista à primeira vista pressupõe.

Aqui fica a notícia para tranquilidade do Povo português em geral e dos moradores da zona de Benfica em particular.

Pele cuidada é uma pele sempre jovem; limpar, nutrir, tonificar é o que se impõe, diariamente. Empregar produtos refinados e, «Magistral», ou «Supernourrissante», fabulosos cremes de «Guerlain», para quem já ultrapassou os trinta anos

DECORAÇÃO

AUMENTE O VALOR DO SEU DINHEIRO COMPRANDO NO NOVO ARMAZEM DE ARTIGOS DE DECORAÇÃO

TECIDOS, ALCATIFAS, PAPEIS PINTADOS E TUDO PARA DECORAÇÃO

—— VENDAS DIRECTAS ——

ALIE O SEU BOM GOSTO AO VALOR DOS NOSSOS ARTIGOS. VISITE-NOS

BENTO, RATINHO, LDA.

R. dos Douradores, 72, 1.-Dt.º—Tel. 322686—LISBOA

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA


## TERMINOU A DÉCADA DA U.R.S.S.

Regressou já a Moscovo a delegação soviética que, a convite da Associação Portugal-U.R.S.S., se deslocou ao nosso país para as comemorações da Década da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em Portugal.

O ministro da Cultura, soviético, no aeroporto, referiu a sua satisfação pelo acolhimento dispensado a toda a delegação, assim como a todos os artistas e desportistas, pelo povo português.

A apresentar cumprimentos de despedida esteve na Portela o dr. Vasco Pinto Leite, da Secretaria de Estado da Cultura.

Entretanto, o embaixador da U.R.S.S. em Lisboa, A. Kalinin, em carta enviada ao «DL» agradece toda a atenção que o nosso jornal prestou «às comemorações do 58.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.»

## Cursos de cristandade apoiam cónego de Braga

PORTO, 13 — (Da nossa Delegação) — Foi desconvocada a manifestação marcada para hoje, em Braga, de apoio ao cónego Eduardo Melo, embora notícias que circulam naquela cidade dêem como certa a sua realização.

Um comunicado anónimo distribuído profusamente durante o dia de ontem na cidade de Braga marcava para hoje quinta-feira, pelas 18 horas, uma manifestação no largo de Santiago, defronte do seminário do mesmo nome (onde foram presos os dois ex-oficiais ligados ao M. D. L. P.) de apoio ao cónego Eduardo Melo, sacerdote conhecido como promotor de cursos de cristandade e ligado ao que parece, áquela organização contra-revolucionária.

o comunicado, dimanado por uma denominada «Comissão Católica de Apoio à puriosa do 25 de Abril» surge inesperadamente depois do cónego Melo e de José Cardoso (Cardoso da Saudade), pessoa muito ligada aos cursos de cristandade e áquele sacerdote, terem sido ouvidos em auto de declarações no Quartel General da Região Militar do Norte sobre as possíveis ligações com contra-revolucionários do M.D.L.P. como seja o caso do ex-major Mira Godinho e do ex-1.º tenente Benjamim Abreu. Fundamentando esta manifestação, o comunicado da «Comissão Católica» afirma:

. «Os comunistas, usando métodos pidescos, caluniando e insultando irresponsavelmente cidadãos honestos, trabalhadores, patriotas, comprometem, com as suas denúncias histéricas, as próprias Forças Armadas e Militarizadas».

Face a este comunicado vários grupos de cristãs de base da arquidiocese reuniram-se e redigiram um comunicado que distribuiram ontem à noite, na cidade. Nele se afirma: «Que os católicos conscientes se não deixam manobrar por esta campanha que, a título de pseudo-religião, encobre a defesa de pessoas cuja posição política a favor das forças conservadoras do antigo regime é mais que conhecida».

O comunicado contesta ainda a manifestação de 10 de Agosto, e acentua:

. «Convocada por anónimos, acirrando à violência e ao ódio, culpando sem ouvir os hipotéticos réus, quando ainda está em curso o inquérito oficial aos acontecimentos de Santiago, esta cruzada (anticomunista e anti-evangélica) vai dividir ainda mais os portugueses e só pode ter como finalidade exercer pressão sobre o Governo a fim de que não leve por diante o inquérito em curso, ou então para esconder de facto possíveis e hipotéticas ligações com a extrema-direita. Em qualquer dos casos, uma coisa é certa: a reacção saberá aproveitar mais esta oportunidade para, a pretexto da defesa do catolicismo, que ninguem atacou, colocar os católicos ao serviço dos invasores e contra o 25 de Abril».

Estes grupos de cristãos de base, que englobam pessoas de toda a diocese, publicarão em breve uma análise de pormenor sobre as relações entre a política e a religião na diocese de Braga, sobretudo a partir do 25 de Abril.

## Alterações de trânsito

A Câmara Municipal de Lisboa, nos termos do Regulamento Municipal de Trânsito, determinou as seguintes alterações, que entram em vigor a partir de amanhã: Rua do Terreirinho e Calçada Agostinho de Carvalho, passam a sentido único Nascente-Poente; Rua dos Cavaleiros sentido único Poente-Nascente, (excepto carros eléctricos); e Calçada da Mouraria sentido Norte-Sul.

## CIDADE MARGINAL

### O GRUPO ARMADO DO "RAINHO" JÁ ESTÁ NA PRISÃO

As autoridades policiais desmantelaram uma quadrilha de assaltantes de ourivesarias, na sequência de investigações que conduziram à prisão de «Rainho» (o chefe do grupo), no momento em que este pretendia transaccionar quatrocentas gramas de ouro por trinta contos, num café do Rossio. Outros detidos: Mário Gaio, Anselmo Coelho, Arlindo Gualdino, Júlio Rodrigues e ainda uma mulher, conhecida nos meandros da criminalidade por a «Russa». De momento anda ainda a monte «Biri», o principal receptador das jóias roubadas pela quadrilha, cujos elementos actuavam quase sempre de armas em punho.

### UM HOMEM DE SANTA COMBA

O motorista David Paiva, natural de Santa Comba Dão, soube «por portas e travessas» que a estudante Fernanda Felizardo, de 20 anos, recentemente regressada de Angola, tinha uma mala de viagem depositada na estação dos correios do Aeroporto da Portela. Só que a jovem deu a tempo com a «jogada» e participou o caso à P. S. P., que viria a deter David no hotel «Metrópole», onde ambos se encontravam hospedados a expensas do IARNE. A mala, que estava intacta, continha vestuário no valor de vinte e três contos.


PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

A todos os Delegados Sindicais da zona de Sacavém

Realiza-se dia 13/11/75, pelas 21.00 horas, na Delegação do Sindicato dos Metalúrgicos, em Sacavém, uma reunião de Delegados Sindicais de todos os sectores profissionais Metalúrgicos, Químicos, Madeiras, Electricistas, Empregados de Escritório, Construção Civil, etc., com a finalidade de eleger os seus representantes no Executivo da Assembleia Popular, discutir e votar uma proposta apresentada na última Assembleia Popular da freguesia de Sacavém.

NOTA: É necessária a apresentação do cartão de Delegado Sindical.

Lisboa, 12 de Novembro de 1975.

Delegação do Sindicato dos Metalúrgicos de Sacavém

Delegação do Sindicato dos Químicos de Sacavém

# P.C.P. CRITICA PLANO DE EMERGÊNCIA

«Agora os trabalhadores podem apreciar qual a política económica que o VI Governo se propôs realizar», diz o P. C. P., num comunicado emitido de ontem para hoje, acerca da situação política actual e pronunciando-se sobre o plano económico de emergência há poucos dias divulgado, «apesar dos cuidados que parece terem sido tomados» no sentido de que não o fosse.

O P. C. P. põe o plano em questão: «A perspectiva de congelação de salários e até a sua redução e de subida de preços, a possibilidade de recuperação capitalista das empresas nacionalizadas, a restrição dos consumos das massas populares, a fuga ao controlo da produção por parte dos trabalhadores, a completa ausência de medidas sobre a Reforma Agrária, a indemnização dos monopólios e agrários expropriados, indicam que se pretende vencer as actuais dificuldades económicas à custa de mais sacrifícios dos trabalhadores», diz o comunicado. «Não se compreende como, com um tal plano, se pode realizar uma política de defesa intransigente das classes trabalhadoras e do povo em geral, de que fala o programa governamental.»

O P. C. P. toma posição perante a situação política actual e a evolução política das últimas semanas, para se pronunciar sobre dois casos concretos: a manifestação do passado domingo no Terreiro do Paço em Lisboa e o caso de Angola.

### UMA MANIFESTAÇÃO REACCIONÁRIA

«As palavras de ordem, os cartazes, os gritos, os próprios actos provocatórios conferiram à manifestação um carácter não simplesmente direitista mas claramente reaccionário», diz o P. C. P. «Politicamente, ficou mais a nu qual a base social que apoia e em que se apoia a orientação que está a ser imprimida à actividade do actual Governo.»

### O MPLA

O P. C. P. reafirma o seu apoio ao M. P. L. A. e critica severamente aqueles que se mantêm numa posição de recusa ou de reserva. «Agora, ante este histórico acontecimento, definiram-se melhor as posições das diferentes forças políticas portuguesas», diz o texto. «Enquanto os partidos, forças e personalidades revolucionárias defendem o reconhecimento do novo Estado e das suas estruturas governamentais formadas sob a égide do M. P. L. A., outros partidos e individualidades governamentais tudo têm feito para impedir uma verdadeira política de descolonização, ùnica que serve os interesses do nosso povo e do povo angolano.» O P. C. P. critica dois argumentos: aquele segundo o qual o reconhecimento do M. P. L. A. prejudicará as relações internacionais do nosso país; e outro, relativo aos chamados dois imperialismos. «A utilização da teoria dos dois imperialismos a que essas mesmas forças deitam mão», diz o P. C. P., «aparece nitidamente como uma forma de defender e proteger os interesses do único imperialismo, o imperialismo americano e das potências ocidentais.»

# SOARES ATACA O P.C.P.

**PARIS, 13 — (F.P.) — Mário Soares voltou ontem a denunciar, em entrevista à TV fancesa, a política do P.C.P., qualificada pelo secretário-geral do P.S. como «de golpe de Estado permanente». «O P.C.P. conduz uma política de conspiração contra a democracia para tomar o poder pela força. Assim não nos podemos entender» — afirmou Mário Soares.**

Referindo-se à actual situação militar portuguesa, Soares afirmou não acreditar na possibilidade de um golpe da direita, adiantando, ainda, que não considera o Exército português muito politizado.

«Há chefes do Exército» — disse — « que tomam posições sucessivas e contraditórias. Existem facções politizadas, mas isto não quer dizer que, no seu conjunto, o Exército esteja politizado».

## AINDA O REGRESSO DO TAP

# Trabalhadores da Marconi estranham comportamento de Walter Rosa

. A propósito das declarações prestadas à TV pelo ministro das Comunicações e Transportes, Walter Rosa, transmitidas no Telejornal do passado dia 11 pelas 20.30, e nas quais o referido ministro apontou a informação de bombardeamentos do aeroporto de Luanda como motivo de regresso do avião da TAP, onde seguiam representantes de vários países e partidos políticos que se deslocaram às comemorações da independência da República Popular de Angola, a Comissão de Trabalhadores da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, emitiu o seguinte comunicado com «o fim de esclarecer os trabalhadores e o povo português»:

. «O sr. ministro admitiu ser a informação de fonte militar e fidedigna mas que, encontrando-se em conselho de ministros não pode certificar o facto — o que teria sido fácil já que: os circuitos da C.P.R.M. com Luanda, onde continuamos a ter camaradas nossos a trabalhar, estavam inteiramente operacionais à data e hora referidas. Unicamente, entre as 00.20 e as 07.30 do dia 11 de Novembro de 1975 se registaram circuitos ruidosos devido a uma avaria na estação de satélites em Luanda. Embora as condições não fossem as melhores todo o País pôde ouvir através da Emissora Nacional e Rádio Clube Português a transmissão das comemorações da independência da República Popular de Angola, que foi transmitida via Marconi entre as 23.27 do dia 10 de Novembro de 1975 e à 01.20 do dia 11 de Novemembro de 1975, em que, aliás, se referiram os intensos «disparos comemorativos», através de contacto com a comissão de trabalhadores da TAP foi-nos informado que cerca das 23.30 do dia 10 de Novembro de 1975 foi dada ordem de regresso do avião que partiu de Lisboa às 18.35 do mesmo dia.

Em face do exposto, esta comissão estranha que o sr. ministro das Comunicações e Transportes não se tivesse utilizado dos serviços da C.P.R.M. para confirmar a pouca consistente informação que obteve, pois que não acreditamos que o referido ministro não soubesse da existência desta companhia como concessionária das telecomunicações via Rádio, cabos submarinos e satélites.

### O EX-LEGIONÁRIO

Ainda a propósito de idas à Televisão — a comissão de trabalhadores, comissão administrativa e delegados sindicais da Moali (Máquinas Industriais, S.A.R.L., Cartaxo) resolveram manifestar «o seu repúdio pela presença do sr. Vítor Hugo Campos na segunda edição do Telejornal do dia 11 do corrente, como representante da Comissão Democrática de Moradores da Cruz de Pau».

Eis as razões apontadas:

. «Esta manifestação de repúdio deve-se ao facto do referido senhor, ter sido antes do 25 de Abril de 1974, grande colaborador do regime então vigente, chegando mesmo ao posto de comandante de lança da Legião Portuguesa, no Cartaxo. A pessoa em causa era empregado desta empresa, da qual foi despedido, a pedido dos trabalhadores, em 1974.

Não nos parece que os moradores de Cruz de Pau possam consentir que, numa via absolutamente revolucionária, esteja como legítimo representante dos seus interesses um homem com «curriculum» anterior tão intensamente comprometedor».

**Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões**


PUB

## Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Panificação e Produtos Alimentares Afins do Distrito de Lisboa

### PLENÁRIO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE PANIFICAÇÃO

**DOMINGO DIA 16 DE NOVEMBRO**

Considerando o total desinteresse patenteado pelo Governo, nomeadamente pelo Ministro do Trabalho e Secretário de Estado do Trabalho, em dar resolução ao problema do Trabalho Diurno.

Considerando que as sucessivas manobras dilatórias por parte do Governo, acompanhadas da mais descarada traição aos interesses dos trabalhadores da nossa classe, tentando por todos os meios virar trabalhadores contra trabalhadores e envidando todos os esforços para isolar a **nossa classe** da restante população, pela **justa luta** encetada no passado dia 20 de Outubro pelo **Trabalho Diurno.**

Convocam-se todos os trabalhadores da Indústria de Panificação para um Plenário que se realizará no próximo domingo, dia 16 de Novembro, pelas 09.00 horas na Sociedade de Instrução e Beneficência «Voz do Operário» (sita na Rua Voz do Operário, n.º 13) com a seguinte **ORDEM DE TRABALHOS:**

**PONTO ÚNICO:** Trabalho Diurno.

a) Discussão e opreciação do decurso da nossa luta;
b) Formas de luta a encetar para alcançarmos a legalização do horário diurno e dos novos salários para aquele regime de horário de trabalho, através das portarias que o Governo se vem recusando elaborar.

**NÃO FALTES!**
**O MOMENTO NÃO PERMITE RECUOS.**
**PELO FIM DA EXPLORAÇÃO.**

**Lisboa, 12 de Novembro de 1975.** **A DIRERCÇÃO**

## O repórter de serviço

**Pedro Alvim**

# CHORAR DE FELICIDADE

Era uma noite de chuva. Uma noite de chuva a poucas horas da independência de Angola. Nós estávamos a jantar aqui no Bairro Alto, num destes restaurantes estreitos, onde toda a gente se conhece, uma palavra vaga, um cumprimento ligeiro. Veio carne, veio peixe, fruta, café e bagaço... Havia em todos nós um grande entusiasmo, um estar com o M.P.L.A., com o Povo de uma nação que nascia de mão estendida para a boa vontade do Mundo.

E vai um de nós e diz assim:

«Aqui tens carne!»
E outro:
«Aqui tens peixe!»
E outro ainda:
«Saboreia esta fruta!»
«E este vinho!»
«E também este doce!»

Todos nós, ali à mesa, ombro com ombro, íamos recebendo, minuto a minuto, um País imenso, que saía de uma colónia imensa. E a chuva sempre a cair, vertical e dura, batendo nas janelas, nos telhados, nas chaminés, nas antenas de televisão... Mais um sorvo de café, uma palmada nas costas, um «viva!» íntimo a tudo quanto é justo — e lá nos fomos para o jornal, a atenção nos teleimpressores, o ouvido atento à rádio, os olhos no «écran» da TV. Proclamada a independência, disparadas as armas para o ar, todos nos abraçámos, na Redacção, muito e muito. A República Popular de Angola estava nos nossos lábios, tremia na nossa garganta — e dos nossos olhos descia uma chuva mansa de alegria... Lágrimas, sim: menos opressores, éramos menos escravos. Ó Portugal, ó gente, quando livres seremos totalmente...? Quando choraremos a liberdade ganha?


**HOJE**
**13 NOVEMBRO**
**ás 21,30**

# GINASTAS SOVIÉTICOS EM LISBOA

**ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO**
**Pavilhão Gimno-Desportivo**

**bilhetes á venda**

**DÉCADA DA URSS EM PORTUGAL**

**ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS**

# Trabalho

## OS TAPETES "EM CRISE"

A indústria de tapetes tipo Arraiolos na região de Granja (Vila Nova de Gaia) foi considerada «sector em crise» por um decreto-lei emanado pelo Ministério da Indústria e Tecnologia.

São dezanove empresas nestas circunstâncias, que empregam mais de 650 trabalhadores. No momento presente, nem mesmo pagando salários muito inferiores ao salário mínimo nacional, esta actividade se consegue manter; e a longo prazo, dadas as características artesanais e debilidade da estrutura empresarial, não poderá sobreviver. Impõe-se, portanto de imediato, que se envidem todos os esforços para manter o emprego e o salário a todos os trabalhadores, apoiando o Estado, através dos organismos competentes, a sobrevivência do sector a curto prazo e a sua reconversão a médio prazo.

### OS BANCÁRIOS E A REFORMA AGRÁRIA

«Denúncia da manobra social-fascista que os lança contra os camponeses e vice-versa, para esconderem a sua inteira responsabilidade na Reforma Agrária reaccionária que os camponeses não aceitam e os latifundiários defendem» — esta foi uma das moções aprovadas na última assembleia geral dos bancários que se realizou no Pavilhão dos Desportos com a presença de mais de dois mil trabalhadores.

Os trabalhadores agrícolas não têm grandes motivos para contar, a partir de agora, com a solidariedade dos trabalhadores bancários. Terão os trabalhadores agrícolas de voltar ao Sindicato dos Bancários?

### CONTRA CREDENCIAL

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, ao tomar conhecimento de que «A Secretaria de Estado do Trabalho havia suspendido a credencial passada pelo ministério, no tempo do anterior ministro do Trabalho, que habilitava os trabalhadores da Soformel a garantirem a sua subsistência», aprovou numa reunião de delegados uma moção na qual exigem que «os actuais ministro e secretário de Estado do Trabalho não cozinhem compromissos com o patronato reaccionário nas costas dos trabalhadores e (...) que na prática, já voltámos aos métodos corporativos-fascistas».

### O PLANO

«Que o Governo divulgue as medidas económicas que pretende tomar, para que sejam amplamente discutidas pelos trabalhadores, antes de entrarem em execução» — exigem numa moção, os delegados sindicais dos trabalhadores da indústria hoteleira e similares do Sul (distritos de Lisboa, Santarém, Setúbal, Portalegre, Évora e Beja).

Exigem ainda que «sejam punidos severamente os sabotadores da economia e que sejam tomadas medidas que garantam aos trabalhadores o avanço para o socialismo» e ainda que «sejam divulgadas as condições em que têm sido negociados os empréstimos externos, nomeadamente da CEE para que os trabalhadores saibam até que ponto a independência nacional está aser hipotecada».

### SINDICATO REPROVA COOPERATIVA

Em ofício recebido do Sindicato dos Motoristas do Porto e assinado por José Maria Gonçalves, afirma-se a propósito de uma notícia publicada no «DL» sobre a aventada hipótese, sugerida por motoristas, da criação de uma cooperativa, de motoristas de táxis: «O sector táxi reprova a cooperativa, tanto mais que para a mesma nunca foram ouvidos, desconhecendo o conteúdo dos estatutos».

## CONSTRUÇÃO CIVIL:
# MANIFESTAÇÕES NO PAÍS

Noutros pontos do País as manifestações dos trabalhadores da construção civil tiveram grande expressão, nomeadamente no Porto, em Setúbal e em Faro.

No Porto houve concentração na Praça General Humberto Delgado, apartir do Ministério do Trabalho, com passagem pelo Quartel-General. Mais tarde, e por contactos estabelecidos com os seus camaradas em luta em Lisboa, os manifestantes resolveram dirigir-se para o Q. G. e desenvolver aí a sua luta. Houve mesmo um encontro com o coronel Pacheco Rodrigues, segundo comandante daquela unidade.

Duas moções importantes: a dos trabalhadores da delegação do M. T., que repudiam o fecho das suas instalações, e a de dez sindicatos (Gráficos, Têxteis, Vestuário, Metalúrgicos, Carpinteiros, Tapeteiros, Vidreiros, Lanifícios, Comércio e Calçado) que se solidarizaram com a luta dos trabalhadores da construção civil.

Em Setúbal, a luta pelo Contrato Colectivo Vertical levou os trabalhadores da construção civil em greve a manifestarem-se, também, junto da delegação do Ministério do Trabalho, tendo os delegados ocupado o edifício.

Em Faro, a manifestação foi ao Governo Civil e ao Regimento de Infantaria dessa cidade, tendo dispersado, em boa ordem, cerca das 18 e 30.

### MAIS DESEMPREGO

Em Assembleia realizada ontem à tarde na sede da Associação dos Industriais da Construção Civil, entretanto guardada por forças policiais com viseira e G3, foi decidido, com um voto contra e duas abstenções, a suspensão temporária dos trabalhadores para os quais não haja possibilidade de emprego produtivo. A proposta aprovada da ainda um prazo de 15 dias ao Ministério do Equipamento Social para criar uma Secretaria de Estado para a resolução exclusiva dos problemas relativos à queda vertical da indústria da construção civil. Afirma-se ainda na proposta:

«Se o Ministério do Trabalho homologa qualquer portaria que altere as disposições do actual contrato, seja rejeitado firme e unanimemente o que for unilateralmente homolggado». Por outro lado, acrescenta-se, se não for criada tal Secretaria de Estado e se o Ministério do Trabalho homolgar qualquer portaria «colocaremos o pagamento dos salários deste mês de todo o pessoal sob a responsabilidade do Ministério do Equipamento Social, órgão responsável pela situação do sector».

# As contas em dia

## O DEFICE

A pouco mais de mês e meio de actividade do VI Governo e, portanto, do Ministério do Trabalho com os seus novos dirigentes, há que fazer um balanço.

E pondo as conts em dia, verificamos que o Ministério do Trabalho, tem no seu «contencioso», processos na Judiciária contra os dirigentes dos Metalúrgicos e dos Rodoviários; a sua actuação já mereceu o mais vido repúdio por parte de sindicatos como o da Panificação, da Construção Civil, dos Têxteis, dos Trabalhadores do Comércio, dos dois sindicatos agora incriminados, dos Motoristas, etc., etc.

O plenário das comissões de trabalhadores da cintura industrial de Lisboa, plenários de grandes empresas e comissões de trabalhadores têm pedido a «demissão imediata» do ministro do Trabalho e do secretário de Estado respectivamente capitão Tomás Rosa e dr. Marcelo Curto.

Como «saldo positivo» poderiam considerar-se todas as portarias até agora emanadas por aquele Ministério sobre novos contratos de trabalho (a maior parte deles ainda do V Governo). Poderia considerar-se positivo, se o Ministério do Trabalho conseguisse fazer com que a entidade patronal cumprisse. A exemplo: os metalúrgicos.

Este é o balanço da actividade do Ministério do Trabalho. O défice em relação aos trabalhadores é enorme. «Isto é uma campanha para derrubar o VI Governo» — justificam-se os dirigentes da Praça de Londres. Mas tudo leva a crer que os próprios dirigentes já não acreditam lá muito nesta versão. Ontem o Ministério do Trabalho fechou as portas. Terá sido para balanço? Receiam a falência?

## SILÊNCIO NO MINISTÉRIO DO TRABALHO
# MARCELO CURTO AFIRMA:
# "NÃO ACEITAREI QUALQUER COMISSÃO DE INQUÉRITO"

Em perfeito contraste com o ambiente frente ao Palácio de S. Bento (esta manhã a manifestação engrossava com a chegada de mais algumas centenas de trabalhadores), o Ministério do Trabalho estava calmo. Continuava encerrado. E lá dentro reina um enorme silêncio. Estava marcada uma conferência de Imprensa com o ministro do Trabalho.

Quando lá chegámos tivemos conhecimento que tinha sido adiada. O secretário de Estado do Trabalho, dr. Marcelo Curto trocava impressões com o nosso camarada. «Pessoalmente não estou disposto a aceitar qualquer comissão de inquérito» — afirmou-nos o dr. Marcelo Curto a propósito do inquérito determinado pelo Primeiro-Ministro.

Quanto aos acontecimentos que estão a ocorrer frente ao Palácio de S. Bento, Marcelo Curto foi peremptório em considerar que isso estaria previsto para o Ministério do Trabalho.

Como se sabe, o Conselho de Ministros retirou a competência ao Ministério do Trabalho para resolver o problema da Construção Civil. Já tinha tomado idêntica posição em relação ao horário da panificação. Desautorizar o Ministério? Reconhecer-lhe incompetência? Marcelo Curto retorquiu-nos que não se poderia colocar o problema dessa maneira. São questões graves e portanto a sua resolução não caberá só ao Ministério do Trabalho.

Outra questão que colocámos ao secretário de Estado do Trabalho: se, tal como afirmam os seus comunicados, isto se insere na campanha para derrubar o VI Governo. Resposta: afirmativa.

Mas, argumentámos, considera que são a maioria dos trabalhadores (atendendo aos milhares de metalúrgicos que se manifestaram na Praça de Londres e agora aos da construção civil em S. Bento) ou não ainda uma minoria. Os dirigentes, como costuma afirmar?

Aqui o dr. Marcelo Curto hesitou um pouco. Acabou por consuderar que se tratava dos dirigentes. Mas apoiados pelos trabalhadores — dissemos. Conseguem iludi-los — acrescentou à despedida.

Isto passou-se esta manhã no Ministério do Trabalho. Quando um grave conflito de trabalho está a decorrer frente a S. Bento e quando o Conselho de Ministros recusou mais uma vez o horário proposto pelos trabalhadores da Panificação, o Ministério do Trabalho está fechado. Lá dentro reina um silêncio sufocante. Incerteza quanto ao futuro do Ministério do Trabalho. Mero departamento consultivo (o Conselho de Ministros agora decidirá da massa salarial)? Na praça de Londres existe uma calma aparente. Qual o futuro do Ministério do Trabalho?

Em ALHOS VEDROS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA

ALGÉS — ÍLHAVO

# MARCOS FERNANDES AGUALUZA

MISSA DO 7.º DIA

**Maria Martins da Silva Agualuza, seus filhos, netos e mais família, participam a todas as pessoas das suas relações que no dia 14 do corrente, pelas 19 horas, será celebrada missa por alma do seu saudoso marido, pai, sogro e avô, na Capela provisória de Algés.**

Os serviços fúnebres foram confiados à Agência MACHADO DA COSTA

## ONTEM, EM S. BENTO

# Três horas de "acordo" que os operários não aprovaram

Milhares de manifestantes da construção civil não arredaram pé quando o Primeiro-Ministro e a Comissão Negociadora do Contrato Colectivo Vertical assomaram às varandas do Palácio de S. Bento para anunciarem o acordo inicial a que se tinha chegado durante os contactos entre as duas partes. Na verdade, este acordo não contemplava a questão salarial, que no fundo estava em causa desde o início e que não foi profundamente discutida como requeria, na reunião com o Primeiro-Ministro.

Com esta tomada de posição parece ter-se retomado o problema desde o início, já que foi posto em causa o próprio acordo a que se chegou ontem à noite, numa das salas da residência do Primeiro-Ministro, ainda decorada ao gosto de Marcelo Caetano e as exigências dos trabalhadores da construção civil que hoje continuam em greve, passaram a saldar-se por um prazo até hoje, às 22 horas, altura limite para assinatura do contrato proposto ao Ministério, na sua globalidade.

Para o Primeiro-Ministro, Pinheiro de Azevedo, o problema da construção civil era o da massa salarial, que poderia levar a um colapso toda a construção civil que vive neste momento de balões de oxigénio, proveniente em grande parte das «garrafas» do erário público.

— Dá-me a impressão de que estudaram mal o assunto — afirmou à Comissão Negociadora que negociou a solução para a «manifestação».

E prosseguiu, Pinheiro de Azevedo, falando durante bastante tempo, repetindo o problema do aumento de massa salarial que seria de cerca de 13 milhões de contos por ano e que, de acordo com as informações que lhe tinham colocado ao dispor, levariam ao encerramento de numerosas pequenas e médias empresas de construção civil, vindo a reflectir-se no mercado do (des)emprego, que para o chefe do Governo já assumiria formas muito mais graves do que é do domínio público, dada a situação de subemprego de milhares de trabalhadores.

Mas, de acordo com as informações de que dispomos, o grande problema, era a questão política, que esta manifestação reflectiria, seja, uma manifestação de desagrado pelo VI Governo. Parece-nos mesmo, que o encerramento do Ministério do Trabalho estaria relacionado com as «conotações políticas» atribuídas pelo Conselho de Ministros à manifestação dos trabalhadores da construção civil.

E, de facto, quando a Comissão Negociadora rebateu esse princípio de que se tratava de uma questão política, afirmando que as reivindicações agora apresentadas, são o resultado de estudos efectuados antes do 11 de Março, nessa altura o Primeiro-Ministro pareceu surpreendido, afirmando que se não era uma questão política então ia ver-se o problema.

Mas, de resto, o ministro Vítor Crespo, que antes tinha recebido a Comissão Negociadora, já se tinha feito eco da falta de informação sobre a construção civil, nas reuniões do Conselho de Ministros. O Primeiro-Ministro apareceu igualmente mal informado, fazendo de determinados «conceitos» o centro do problema, esquecendo possíveis soluções (económicas e políticas) para a questão.

### SOLUÇÕES POLÍTICAS

Ao Primeiro-Ministro foi respondido pela Comissão Negociadora que o aumento da massa salarial não era de 13 milhões de contos; mas que este valor continha todos os encargos respeitantes ao restante clausulado proposto no contrato colectivo; como sejam o 13.º mês, a reforma mais cedo, subsídios de férias, etc. Mas, no entender da Comissão, este aumento da massa salarial poderia ser ultrapassado pela tomada de um conjunto de medidas, que sendo de carácter económico, reflectiriam desde logo o verdadeiro avanço na via socialista, do Governo. Algumas medidas propostas:

— nacionalização dos solos;

— nacionalização dos meios de caução dos senhorios, que ascendem a cerca de três milhões de contos;

— limitação dos rendimentos dos senhorios

— nacionalização dos seis milhões de contos de rendas, pagas anualmente pelos habitantes dos bairros de lata.

No entender da Comissão Negociadora, se são necessários cerca de 60 milhões de contos por ano para fazer «andar» a construção civil, com estas medidas, acompanhadas de algumas outras e a comparticipação estatal, que deveria intervir a vários níveis, deixando uma pequena faixa de actuação para o sector privado, bastariam para pôr em ordem toda uma indústria que custa hoje milhares (centenas de) contos aos cofres do povo, sem que de facto tenha qualquer reflexo público positivo, quer pelo embaratecimento do produto, quer pelo aumento de produção.

A isto respondeu o Primeiro-Ministro que se tratam de medidas eminentemente políticas, que ainda não vivemos numa revolução socialista, que se o País já estivesse francamente lançado no caminho do socialismo poderia pôr-se em prática, mas na actual conjuntura, em que muitas forças empenhadas na construção do socialismo querem primeiro tomar conta do poder, para governar depois, tal não era possível.

### O ACORDO (DES) APROVADO

Foi assim que ao longo de quase três horas se debateu o problema, evitando o almirante Pinheiro de Azevedo assumir compromissos que, como terá assinalado, poderiam suscitar reacções por parte de partidos políticos. E assim se caminhou, com esclarecimentos que a Comissão Negociadora ia prestando, para o acordo final, que de seguida não seria aceite pelas massas trabalhadoras presentes na praça frente ao palácio.

Terminando a reunião, o almirante Pinheiro de Azevedo acedeu a falar aos manifestantes. Ao aparecer e ao ser anunciado, foi largamente vaiado, tal como o tinha sido Vítor Crespo quando, à chegada da «manif.» a S.Bento, fazia a sua entrada no palácio.

Desesperado pelas interrupções, pelas vaias, o Primeiro-Ministro exclamou: «Vão à merda com o fascista». Antes, a iniciar a sua fala, tinha dito: «Penso que têm interesse em ouvir as minhas palavras, independentemente da simpatia que tenham ou não por mim». E de seguida: «Aliás, vocês só me conhecem pelos jornais. Vocês não me conhecem».

Posteriormente, seria tornado público o seguinte comunicado oficial:

«Em reunião havida, no dia 12 de Novembro, entre o Primeiro-Ministro e um grupo de dirigentes sindicais da Construção Civil, foram acordados determinados pontos que a seguir se expõem:

«1.º — Fazer saír o C.C.T. vertical, até ao próximo dia 27, por via administrativa, conforme acordo já dos trabalhadores.

«2.º — Que o estudo para o anexo das tabelas salariais seja feito por uma Comissão Técnica formada por técnicos da confiança dos trabalhadores (sindicatos e Governo).

«3.º — Que as soluções políticas dirigidas a revitalizar o sector tais como:

«a) Política de solos;

«b) Política de nacionalização dos solos;

«c) Política de revitalização do sector;

«d) Controlo do emprego por parte dos sindicatos;

«e) E outros.

«Serão tomados depois de ouvir os trabalhadores através dos seus representantes sindicais com a participação dos sindicatos nos órgãos que definem a política do sector.

«4.º — Aceitar o pedido apresentado pelos sindicatos para inquérito ao Ministério do Trabalho.

«No fim da reunião e a pedido dos dirigentes sindicais, o Primeiro-Ministro dirigiu-se à manifestação, no Largo de S.Bento, a fim de transmitir o resultado da reunião.

«Não só parte dos manifestantes se recusou a escutar o Primeiro-Ministro como não aceitou a leitura do comunicado que lhe foi feita pelos seus dirigentes.

«O Primeiro-Ministro não pode tomar decisões sob pressão nem decidir arbitrariamente sem consultar o Conselho de Ministros por isso, quando os trabalhadores exigem, para já, a resolução de problemas deste tipo, colocam-se fora da realidade e, consciente ou inconscientemente, não servem os próprios objectivos por que lutam.

«Contrariamente ao que foi divulgado por órgãos de Comunicação Social e ao que se julga estar no espírito da maioria dos manifestantes, o Conselho de Ministros não está nem nunca esteve reunido durante o dia 12.»

# QUANTAS PRAÇAS DE S. BENTO CABEM NO TERREIRO DO PAÇO?

Se o Terreiro do Paço foi grande no domingo passado, a Praça de S. Bento foi muito pequena durante a tarde de ontem para conter as muitas dezenas de milhares de manifestantes que, desfilando, pela cidade, para ali se dirigiram, no sentido de obterem uma resposta concreta e afirmativa, para as suas reivindicações contidas no Contrato Colectivo Vertical da Construção Civil, nomeadamente as que respeitam às tabelas salariais.

Se no domingo, no Terreiro do Paço se reuniram dezenas de milhares de manifestantes, que congregaram largos sectores da pequena e média burguesia (como Pinheiro de Azevedo, parece que reconheceu nas negociações com a comissão negociadora do contrato), ontem, as dezenas de milhares englobavam operários, aqueles que constroiem as casas, tendo também filhos, mulher, desejos e necessidades na vida.

Se o Primeiro-Ministro, de certo modo, se deu a si próprio, no domingo os parabéns pela manifestação que tinha na frente, ontem não teve hesitações em o fazer relativamente à que tinha na sua frente: «Esta manifestação merece parabéns, é bem disciplinada. Organizaram uma manifetação que pelo menos no efeito merece o meu aplauso», terá afirmado o Primeiro-Ministro, ao receber a comissão negociadora.

Certo, certo, é que dezenas de milhares de homens, em luta, lutando já, fazendo greve, desde segunda-feira, desfilaram alegremente, com força pelas ruas de Lisboa, colhendo aplausos ao longo do percurso. Tiveram que alterar o percurso inicialmente previsto, porque as instalações do Ministério do Trabalho lhes foram fechadas. Estiveram na iminência de encontrarem um «Governo fechado». Mas, na primeira jogada conseguiram os seus objectivos: ser recebidos, primeiro pelo ministro Vítor Crespo, depois pelo Primeiro-Ministro. Puderam, finalmente, recusar propostas que lhes não pareceram ser as melhores. E saberão, certamente, vencer, na unidade, na consciência, sem cedência a qualquer tipo de manobras venham elas de onde vierem.

«Quatro mil e quinhentos, salário de fome», foi uma das palavras de ordem ouvidas com mais frequência durante o desfile até S. Bento. «Venceremos, venceremos», ouviu-se cantando durante certos troços.

E os operários seguiram: aplaudidos na Rua Augusta, no Rossio, nos Restauradores, na Avenida da Liberdade, na Alexandre Herculano. Olhados com desconfiança, um sorriso em certos lábios, como no caso dos ocupantes das varandas do jornal «Expresso». Sob uma chuva de panfletos apoiando-os, à passagem das janelas do Sindicato dos Escritórios.

Ordeiramente, disciplinadamente, não cedendo a tentativas de automobilistas, no sentido de partirem a grande corrente humana. Firmes e decididos.

Encheram a Praça do Palácio de S. Bento e adjacentes, introduzindo um imenso «bruáàh» nos corredores onde os deputados já se interrogavam com os olhos, sobre uma noite de insónia. Que foi noite de insónia porque os trabalhadores não cederam. Porque encerraram, amarrando algumas portas com arames, um Governo que esteve prestes a encerrar para os não receber.

Ao Primeiro-Ministro disseram não. E disseram não, sem sequer terem ido ali por motivos eminentemente políticos, como por exemplo, contra o VI Governo. Disseram «não» porque sentiram que, ainda ali, os seus interesses não estavam a ser servidos.

E continuaram pela noite dentro, não dormindo, transmitindo a sua inquietação a respeito do futuro, a deputados, entre outra gente, que há largos meses discutem paulatinamente uma constituição que deveria servir as massas trabalhadoras deste país, e que não se sabe (ou calcula-se) o que será.

E caminharam pela manhã fora, na direcção de S. Bento. No momento em que este jornal circular, muito provavelmente serão já 24 horas de manifestação. Que acreditamos não admitirá brechas, nem cedências, a qualquer tipo de manobras, nem de provocações.

Finalmente, esta foi uma manifestação que contou com o apoio de quase todos os trabalhadores deste país, incluindo os do Ministério do Trabalho, encerrado aos manifestantes por ordem superior.

*R. V.*

**«Não é uma questão política!»**

**Maria da Conceição Baptista Marques dos Santos**

**F A L E C E U**

**CARLOS EDUARDO MARQUES DOS SANTOS, MARIA DE LURDES MARQUES DOS SANTOS MARTINS e JOAQUIM FRANCO MARTINS e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida mãe, sogra e parente, e que o seu funeral se realiza hoje, dia 13, às 12 horas, da Capela Mortuária do Hospital de Santa Maria para o cemitério do Vimeiro.**

# Nacional

## ROMPER AS "LINHAS DE ELVAS"

# ORGANIZAÇÕES TERRORI
# AO SERVIÇO DOS AGRÁR

Os latifundiários, alguns deles com a cobertura de «democratas e socialistas» e encobertos pelos comandos reaccionários das Forças Armadas arreganham os dentes e passam das palavras aos actos na zona de Estremoz e no distrito de Portalegre. Na cidade de Elvas, coio de reaccionários, conspira-se abertamente. Em primeiro lugar surgiu a A. L. A. que teve de retroceder devido à força revolucionária dos trabalhadores rurais.

No entanto **eles** não desistiram. Em substituição daquela organização de latifundiários que se manifestou surrateiramente com patchas de lã nas inscrições de paredes aparece a A. P. A. Este **novo** movimento que defende, no fundo, os mesmos interesses do anterior já actua mais às claras.

E com outra firmeza porque as condições objectivas, ao nível da situação política ger do País, assim o permitem. Sentindo as costas que. tes passa à acção violenta, baleando os trabalhadores.

Em Elvas cria-se a Associação dos Pequenos Agricultores que pretendia contrapor-se à Liga. Foi a resposta dos agrários para dividirem os pequenos e médios agricultores dos trabalhadores rurais. A A. P. A. tem um braço armado que se intitula Junta de Salvação Agrária. Esta organização terrorista agiu por diversas vezes. As suas ligações com a Espanha são do conhecimento público, pois os membros que dela fazem parte (e que também são conhecidos) entram e saem livremente na fronteira com conhecimento das autoridades civis e militares. Que exista uma bolsa da reacção encravada no distrito de Portalegre não é caso para admirar, pois o C. D. S. conseguiu um quarto da sua vitória eleitoral no concelho de Elvas.

Quem são os reaccionários do distrito de Portalegre? Os latifundiários que representam o papel que lhes compete; os seus lacaios que também não se afastam da imagem tradicional dos «servos comprados», os negociantes de gado e os intermediários que encaram o futuro com uma certa preocupação. Quanto às reuniões conspirativas elas fazem-se frequentemente. Por exemplo, o Clube de Tiro aos Pombos de Elvas é um lugar óptimo para combinar maquinações contra os trabalhadores. Ali, porém, nos treinos não se praticam com vista ao abate de pombos. Mas sim de pessoas. De trabalhadores rurais. De militantes de partidos progressistas. Dos inimigos de classe dos latidiários.

Há ainda um jornal chamado «Linhas de Elvas», porta-voz dos fascistas, que se publica com toda a naturalidade. Pago pelos grandes agrários. Ao serviço deles. Com o «amen» das Forças Armadas porque, a democracia, segundo a sua opinião, é deixar falar a direita e a esquerda. **A tal neutralidade** Só que a neutralidade não pode existir em política. Citando Vasco Gonçalves afirmo: «Ou se está com a Revolução ou se está com a reacção».

A onda reaccionária estende-se a Estremoz. Onde já se verificaram incidentes comprovadores de uma reacção que não desarma.

Onde os latifundiários tentam impedir de qualquer forma o avanço da Reforma Agrária. Temos a história das éguas, culminando com uma manifestação da direita que convergiu para o Rossio, ponto principal da cidade. O grupo que integrava cerca de 200 pessoas (negociantes, latifundiários, lacaios, alguns pequenos e médios agricultores) ocupou o Grémio da Lavoura. Durante um dia foram donos dos cafés. Respirava-se um ambiente de tensão por todo o lado.

Foram espancados elementos progressistas, entre os quais se destaca o professor do ensino secundário Anibal, militante do Partido Comunista.

A reacção, todavia, não venceu a cartada. As éguas foram entregues aos trabalhadores rurais. E os militantes revolucionários de partidos de esquerda, entraram nos cafés, onde se encontravam os latifundiários, e deram-lhe a resposta que eles mereciam. Sobre a cidade desceu a calma os reaccionários encolheram-se. Até que na noite de 24 de Outubro ia deflagrando um confronto violento. Tudo começou com as «bocas» anticomunistas lançadas por um tal José Carlos Arrabiz, agrário e provocador, que costuma volta e meia «mandar vir» nos cafés. Um empregado do café onde esse senhor era cliente habitual, militante do M. D. P., não conseguiu mais aguentar as provocações de José Carlos Arrabiz e despediu-se. Então as pessoas de esquerda resolveram também frequentar esse café. E na noite de 24 houve «molho», cadeiras no ar e o adiamento de um choque físico inevitável. Juntaram-se alguns correlegionários de José Carlos Arrabiz. E muitas centenas de militantes de esquerda. Eram 11 horas da noite. As Forças Armadas depressa sanearam o conflito prestes a rebentar.

Por curiosidade divulgamos alguns nomes de latifundiários «perigosos». Além de José Carlos Arrabiz, comungam da mesma ideologia o dr. Luís Gomes (médico e latifundiário), Adriano Mota, ex-chefe da A. N. P. local, dr. Fabião Faria Pais, a família Ramalho, os Ganchos, Brito de Luz, os Espadanais, Armando Cortês, antigo presidente da Câmara, eng.º Barroso, Augusto Viana, Rui Pacheco, Caupés e outros...

É junto destes senhores, que se desdobram em reproduções fieis nos distritos de Évora, Portalegre e Beja, que os redactores do jornal «A Luta» costumam colher informações. Claro que a realidade apresentada por eles têm de ser oposta à dos trabalhadores rurais.

Não é apenas em Elvas que se editam jornais reaccionários. Em Reguengos de Mosaraz publica-se um pasquim paroquial, dirigido pelo padre Luis Lopes Perdigão, que traduz todo o pensamento dos latifundiários, e da direita alentejana, sob o título de «Palavra». De facto, no número de 13 de Outubro de 1975, encontramos palavras elucidativas da «linha política» do referido jornal. O artigo que a seguir transcrevemos basta para se ter uma ideia de quem é o padre, os «escrevinhadores» e os orientadores ideológicos do «Palavra».

**LOURDES FÉRIA**

«Foram umas horas horríveis. Mais parecia uma cena da Revolução Francesa, pois os homens que nem sequer eram dali, estavam armados de varapaus, machados e até de foices, e destilavam ódio por todos os poros. Para uns 30 lá da casa havia uns 300 de fora. Isto, aliás, deve ser palavra de ordem, pois nas outras her-

# STAS

# OS

dades tem acontecido o mesmo.

«Puseram A e B. (omitimos os nomes) em cima de um reboque de um tractor e ali as nossas Forças Armadas (...) vá de fazerem um julgamento popular de um homem que nem sequer conheciam. Olhe, X, se não fosse triste, dava uma comédia.

«As acusações eram deste género: Acuso este homem de ter umas sacas de nozes no celeiro que não vendeu, por isso fez sabotagem económica;

« — Acuso este homem de ter deixado apodrecer umas canastras de batata.

« Acuso este homem de dar leite aos cães (sabotagem económica). Etc., etc.

«Parece anedota mais não é.

«E assim se expulsou, das 10 para a 1 da madrugada, um homem, uma mulher, 7 filhos e a minha mãe de 80 anos que, doentíssima, teve de vir de ambulância, sem sequer se perguntar se tinhamos aonde nos acolher. Isto, agora, é que é realmente amor! Antigamente era a exploração do homem pelo homem, como dizem. E agora o que será? Alguma vez alguém fez coisas como se fazem agora, com autorização e conivência das Forças Armadas, que menos que alguém tem autoridade para o fazer?

«Desculpe o testamento; mas, quando me lembro do que vi e sofri, perco as estribeiras.»

Este naco de prosa, este chorrilho de mentiras, refere-se à «ocupação selvagem» de uma herdade no concelho de Arraiolos.

E agora pergunto eu: que direito têm os reaccionários de caluniarem ostrabalhadores? O dr. Mário Soares, um político responsável deste País, no «Frente a Frente» com o dr. Álvaro Cunhal, adverte este para o «perigo» das sedes do Partido Comunista, à semelhança do que aconteceu no Norte, começarem a ser assaltadas. Ele lá sabe. Ele lá sabe porquê...

## REVELA O NOVO EMBAIXADOR DE CARACAS

# POSSÍVEL LIGAÇÃO DA VENEZUELA AO PROJECTO DE SINES

**Entrevista de AUGUSTO VILELA**

**. «A Venezuela tem como norma da sua política a não intervenção nos assuntos dos outros países e respeitar todos os países com os quais tem relações diplomáticas, sem tomar em conta o seu tipo de governo, porque somos respeitadores da autodeterminação e não intervenção nos assuntos internos de cada País». Esta a resposta que nos deu o novo embaixador da Venezuela, dr. Alfredo Baldó C., quando lhe perguntámos qual a atitude do seu Governo em relação ao Portugal «post» 25 de Abril.**

Acrescentou ainda que tal posição resulta do facto do Governo da Venezuela ser «um Governo democrata, derivado de um processo no qual o presidente Carlos Andrés Perez é já o 4.º presidente eleito em livres sufrágios resultantes do processo de recuperação democrática que se iniciou em 23 de Janeiro de 1958 com o derrube da última ditadura de 10 anos que sofreu a Venezuela. É indubitável que o nosso Governo vê com simpatia todo o movimento político tendente à eliminação de sistemas ditatoriais e à busca de expressões democráticas em qualquer parte do mundo».

O novo embaixador extraordinário e plenipotenciário da Venezuela, dr. Alfredo Baldó C., que chegou a Portugal há cerca de duas semanas, é advogado, jornalista e político. Tem quarenta e quatro anos e nasceu em Caracas, onde até há pouco tempo exercia o cargo de Comissionado Especial da Presidência da República da Venezuela. Foi desterrado do seu país durante quatro anos no período da ditadura de Perez Giemenez. Concluiu os seus estudos de direito em Lima, em 1958 regressando ao seu país para se integrar no Directório do Partido Unión Republicana Democrática, um dos agrupamentos que haviam constituído a Junta Patriótica que, juntamente com o Povo e as Forças Armadas, puseram fim a dez anos de tirania.

Foi vice-presidente do Conselho do Supremo Eleitoral, deputado do Congresso Nacional no quinquenário 1964/69, director durante cinco anos do diário «La Verdad», de Caracas, embaixador no Brasil de 1972 a 1974 e, desde essa data até á sua vinda para Portugal íntimo colaborador do presidente Carlos Andrés Pérez no cargo de Comissionado Especial da Presidência da República.

### DEZ POR CENTO DA POPULAÇÃO É DE ORIGEM PORTUGUESA

A população da Venezuela é de cerca de 11 milhões de habitantes dos quais aproximadamente dez por cento são de origem portuguesa. Entre portugueses que conservam a sua nacionalidade de origem, cidadãos de origem portuguesa que adoptaram a nacionalidade venezuelana e filhos de uns

e outros, há cerca de um milhão de pessoas.

O embaixador venezuelano fala-nos em seguida da atitude do povo do seu país em relação aos portugueses afirmando:

. «Na Venezuela surgiu na mente e no espírito do nosso povo um profundo apreço pelos portugueses, derivado da experiência que tivemos com quem constitui hoje uma parte muito substancial da nossa população, que habita a nossa Pátria. Fomos testemunhas prolongadas da tenacidade no trabalho, da rectidão de procedimento, da lealdade para com a pátria de origem e para com a pátria de adopção, na ausência de sentimentos racistas e no exemplar espírito cívico que carateriza os portugueses que foram radicar-se no nosso solo. E por isso, quando nós venezuelanos dizemos que apreciamos Portugal, e quando ratificamos com factos palpáveis essa afirmação, não fazemos outra coisa que ser consequentes com um sentimento que temos muito arreigado de apreço e afecto para com os filhos deste País».

### INTERCÂMBIO ESTUDANTIL

O novo embaixador da Venezuela traz bastantes projectos para incrementar as relações entre os dois países. Um deles poderá ser o intercâmbio estudantil através da concessão de bolsas para que estudantes daquele país venham para Portugal. «Ainda não há nada concreto mas creio que em Portugal há possibilidades para que venham estudantes venezuelanos estudar diversas matérias nas quais este país tem capacidade reconhecida internacionalmente. Instituições como o Laboratório de Engenharia Civil, Fundação Calouste Gulbenkian ou Lisnave dão provas do refinamento e perícia que Portugal tem em diversas áreas muito importantes para o desenvolvimento, e penso que aí os nossos bolsistas poderiam adquirir experiência que resultaria proveitosa no dinâmico processo de desenvolvimento que a nossa nação empreendeu.»

. Pela sua parte, salientou o embaixador, a Venezuela tem áreas nas quais pode prestar cooperação técnica, especificamente no treinamento em matérias petrolíferas e petroquímica e nos ramos que abordam o Instituto Venezuelano de Investigação Científica (I.V.I.C.).

### PETRÓLEO VENEZUELANO PARA PORTUGAL

A Venezuela é, como se sabe, um dos grandes produtores mundiais de petróleo, produto em que o nosso País consome anualmente largos milhões de contos. Abordado sobre a possibilidade de uma colaboração entre Portugal e a Venezuela neste domínio e acerca das possibilidades da vinda de petróleo venezuelano para Portugal, o embaixador dr. Alfredo Baldó declarou-nos que podia chegar-se a algum tipo de acordo para que o petróleo venezuelano venha para Portugal integrar-se de alguma forma no processo de valorização que significaria a realização do projecto de Sines. E acrescentou: «O Governo Português manifestou interesse em tratar a nível oficial com uma delegação presidida pelo ministro da Planificação da Venezuela e para tal efeito já transmitiu um convite que formulou o ministro dos Negócios Estrangeiros ao ministro de Estado Gumercindo Rodriguez.

«É claro que a Venezuela tem acordos muito específicos com os seus parceiros da O.P.E.P. em matéria de preços e também tem compromissos muito concretos com os seus mercados tradicionais de petróleo mas o facto novo significará a partir do 1.º de Janeiro de 1976 a completa nacionalização do petróleo venezuelano colocará nas mãos do nosso governo a possibilidade de explorar novas áreas e de procurar penetrar em mercados não tradicionais para o petróleo do nosso País».

Revelou ainda que tinha uma entrevista marcada com o Secretário de Estado para o Investimento Público a fim de transmitir ao seu Governo a documentação que recebeu sobre o projecto e Sines.

### TURISMO PARA EMIGRANTES

Na opinião do dr. Alfredo Baldó, a quem pusemos a questão da possibilidade de incrementar o fluxo turístico com Portugal, especialmente na parte respeitante aos emigrantes e seus descentes, os portugueses radicados na Venezuela conservam um aceso amor pela sua pátria de origem e constituem um sector com recursos económicos que tornam viável a vinda periódica a Portugal.

«Sobre esse aspecto afirmou, cabe-me dizer que talvez o mais importante é que esse período de retorno à beleza e comodidade deste País não seja perturbado por campanhas de Imprensa internacional que deformem a realidade.

«O fluxo de turistas que se reencontram com Portugal deve continuar porque este país continua sendo a terra boa, de um povo generoso e amável que não é digno de sofrer os efeitos negativos de uma campanha que limite um dos recursos económicos com que conta Portugal, como é o turismo, e para o qual existem neste país uma infra-estrutura realmente invejável.

Com pouco mais de duas semanas em Portugal, o novo embaixador da Venezuela iniciou já actividades que em curto prazo poderão ter reflexos muito importantes no incremento das relações entre os dois países, até aqui apenas ligados unicamente por factores relacionados com a emigração.

PUB

**SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CERÂMICA, CIMENTOS E SIMILARES DOS DISTRITOS DE LISBOA, SANTARÉM E PORTALEGRE**

**COMUNICADO**

Este Sindicato congratula-se pela Independência de Angola, e entende que o M. P. L. A. é o único e verdadeiro representante do Povo Angolano.

É pois necessário que o nosso Governo também o reconheça como tal.

Só assim Angola será verdadeiramente livre e próspera.

Lisboa, 12 Novembro 75.

A DIRECÇÃO

Geral

## YÉMEN DO NORTE: UM ANO DE PODER MILITAR

# 1. AS MEDITAÇÕES DE ÇOULA

J.P. PÉRONCEL-HUGOZ

ÇOULA — A Noroeste de Sanaa, uma pista abandona a estrada alcatroada e mergulha numa paisagem escura e pedregosa onde aqui e além há campos de cereais. Passados sessenta quilómetros, vai-se dar a um rochedo gigantesco de mais de 100 metros de altura, autêntica imagem de conto de fadas; aos seus pés, uma pequena cidade fortificada, em que dominam essas belas casas de três ou quatro andares, de pedra doirada, glória da arquitectura yemenita, cidade essa de onde se vê o rico planalto de Shibam. A rua do comércio, em pedra, a mesquita caiada de fresco, mas, ao mesmo tempo, esterco secando ao sol, teares — uma aberração multissecular considera vil esta corporação —, indicam um modo de vida e uma mentalidade tradicionais. Só as latas de conserva abandonadas e alguns carros arrumados em frente da esquadra de Polícia, nos lembram o século da electricidade.

Mas nos degraus da esquadra há dois jovens com ar aborrecido sob os seus turbantes de rajá. A bainha da sua **jambia**, forte punhal curvo sem o qual nenhum yemenita se sente um verdadeiro homem, está vazia, e têm os pés presos por grossas correntes de ferro. São prisioneiros de direito comum que, segundo o costume, passam o dia ao ar livre. As famílias levam-lhe de comer e os amigos vêm acompanhá-los. Não custam nada ao Estado e uma vez terminado o seu tempo de «exposição», voltam a representar o seu papel na sociedade.

Esta pequena cidade esquecida, de cinco mil habitantes, microcosmo do Yemen profundo, chama-se Çoula. O seu rochedo inexpugnável valeu-lhe servir de refúgio, no século XVI, ao emir Moutahar, filho de irmã Charafeddine, ambos eles campeões da resistência à primeira invasão otomana. Hoje, o nome de Çoula é de novo conhecido por todos os yemenitas, visto ser a terra do tenente-coronel (Mokkadem) Ibrahim Hamdi, senhor do Yemen do Norte desde o golpe de Estado militar de 13 de Junho de 1974. Quando chegamos a Çoula, os garotos gritam à nossa volta, com orgulho: **Ibrahim está cá!** e mostram com o dedo os velhos torreões onde habitam pombas cor-de-rosa. É lá em cima, num **moufredge**, espécie de mirante que domina a região, que o chefe do Estado vem todas as sextas-feiras meditar, solitário.

«Ibrahim», de trinta e cinco anos, é filho de um cadi já falecido. Na pirâmide social do Yemen, onde se sofre uma antiga influência indiana, ele pertence à casta dos letrados e homens de lei, que vêm a seguir aos **sayyeds** ou descendentes do profeta Mahomé, e aos cheikhs ou chefes de tribo. Essa casta é tão considerada como os comerciantes e os artesãos, e está acima dos **fellahs** e dos antigos escravos.

De 892 a 862, o poder pertenceu sempre no Yemen aos **sayyds**, entre os quais era escolhido o **iman-rei**, chefe religioso dos muçulmanos zaiditas. Estes últimos constituem um ramo especial do sisma — forma heterodoxa do islão propagada na Pérsia e na Mesopotânia — fiel à recordação do Zaid, neto longínquo de Maomé, vencido pelos califas omeyyades de Damas. Durante esses onze séculos, os muçulmanos sunnitas de rito chafeita — uma das quatro escolas jurídicas em que o Islão ortodoxo se reparte — não tiveram direitos. Hoje, os cafeitas representariam **grosso modo** metade dos seis milhões e quinhentos mil norte-yemenitas. Vivem sobretudo em Taëz e no Sul do país, enquanto que os zaiditas habitam Sanaa e as províncias setentrionais.

### O PODER DOS CADIS

Após a revolução de Setembro de 1962, o Yemen foi devastado durante oito anos por uma guerra civil entre realistas (geralmente zaiditas) e republicanos (chafeitas e zaiditas), cujo carácter impiedoso é recordado por muitas aldeias incendiadas. O marechal-presidente Sallah, zaidita de temperamento ditatorial, foi derrubado em 1967. O seu sucessor, o cadi-presidente Iriani, que seria substituído em 1974 pelo mokkadem — presidente Hamdi, era chafeita. O regime actual, novamente dirigido por zaiditas, desejava ser um compromisso aceitável por todos os norte-yemenitas. A família da mãe do tenente-coronel Handi é chafeita, e um dos cinco membros do Conselho de comando, órgão supremo do Estado, é o influente major chafeita Abdallah Abdel Alem, comandante dos pára-quedistas. No entanto, o Exército e o Conselho dos ministros, são dominados pelos zaiditas.

**Politicamente, a única coisa que mudou em relação ao tempo do iman,** dizia-nos um jovem intelectual de Sanaa, **é que o poder não é detido pelos sayyeds mas pelos cadis.** Embora francamente militar na antecâmara de determinado ministro civil, os soldados da guarda permitem-se olhar pelo buraco da fechadura do gabinete ministerial! o regime do presidente Iriani é, sob o ponto de vista sociológico, o da casta dos cadis.

Educado por entre os tratados de direito corânico de seu pai, Ibrahim Hamdi começou a sua carreira como cadi-juiz em Dahmar, ao Sul de Sanaa. Preso durante alguns dias pelos republicanos, após a revolução de 1962, alistou-se então no seu exército.

A educação que recebera valeu-lhe tornar-se secretário factotum do general Hassan Amri, organizador da resistência contra os atacantes realistas de Sanaa, em 1967, e mais tarde primeiro ministro. Republicano, anticomunista, prosaudita, marcou com a sua influência o tenente-coronel Hamdi.

### A INFLUÊNCIA DA ARÁBIA SAUDITA

Não deve, no entanto, concluir-se, que o mokkadem de Sanaa é um fantoche, por intermédio do qual a corte de Ryad governa a sua **marcha** yemenita. O uniforme do tenente-coronel Hamdi, e as suas maneiras por vezes pouco requintadas, escondem um homem sabedor de todas as nuances, devido ao estudo dos textos islâmicos e uma alma alimentada pelo patriotismo «panyemenita». Outrora bateu-se pela saida dos ingleses do Yemen do Sul, depois transformada em República Democrática do Yemen.

O golpe de Estado que levou ao poder o exército norte-yemenita em Junho de 1974, pareceu, nesse tempo, obra da Arábia Saudita. Na realidade, o putsch não foi totalmente aquilo que os sauditas esperavam. O coronel Hamdi que depois da revolução os próprios coronéis norte-yemenitas fariam ascender ao grau de tenente-coronel — era então chefe de Estado-Maior adjunto. Depois, ultrapassou alguns dos seus superiores e tomou conta do poder.

Informado dos sentimentos pró-ocidentais do coronel Hamdi, o rei Fayçal só se preocupou quando viu o presidente do Conselho de Comando militar norte-yemenita escolher Mohsen El Aini para primeiro-ministro. Quadragenário aberto e imaginativo, antigo estudante depois embaixador em Paris, presidente do Conselho no tempo do cadi Iriani, Aini, apesar do seu estilo de vida principesco, foi sempre considerado em Ryad um **partidário dos marxistas de Moscovo e de Aden.** De facto, parece que Aini se voltou sempre para essas capitais, tal como para Bagdad, a fim de tentar equilibrar a crescente influência dos «saudfilos» de Sanaa, tal como outrora os imans teceram elos, logo depois de 1928, com a Rússia soviética, depois com a China comunista, a fim de fazer contrapeso à presença britânica em Aden. Um nacionalismo tanto mais poderoso que só raramente se exterioriza é, desde o tempo da rainha do Sabá, uma constante muitas vezes ignorada da longa história do Yemen.

Se, graças à sua comum dedicação pela pátria, Hamdi e Aini pudessem encontrar uma plataforma de entendimento, e se o **modernismo** daquele pudesse ser conciliado com o **socialismo moderado** deste, os dois homens teriam mesmo assim razões de desentendimento, mesmo que fosse simplesmente devido às suas ambições políticas. Moshen Aini, que pensava poder governar por militares interpostos, foi enganado por Ibrahim Hamdi que só o chamara para a testa do gabinete para melhor o perder. Um belo dia de Janeiro de 1975, após cinco meses de Governo, Aini era afastado das suas funções. Muito seguro de si, o primeiro-ministro tivera a imprudência de declarar: **um regime militar é indesejável no Yemen, tal como em qualquer outro país.** Acrescentara em todo o caso: **se houver uma alternativa entre os chefes de tribo e os oficiais, prefiro estes.** O segredo da desgraça de Aini, estava escondido nas palavras: **chefes de tribo.**

### O PROBLEMA DOS CHEFES DE TRIBO

Desde 1962 que o grande problema de política interna do Yemen é o da unidade nacional e da autoridade do Estado contestadas pelos cheikhs semi-independentes — a «nobreza campestre» — que nem sempre tinham como desculpa a sua aversão pela República. Os chefes das duas principais confederações tribais (há no Yemen três grandes grupos tribais, mas só dois contam politicamente), os sheikhs Simane Abau-Louhoum e Abdallah Ahmar, respectivamente chefes dos Bakils e dos Hacheds, nunca tiveram simpatia pelo Iman. Mas se só metade dos Bakils e um quarto dos Hacheds é que outrora se uniram sob a bandeira dos realistas, a quase totalidade dos membros das duas confederações fizeram frente até à Primavera passada, ao poder central, com as suas cem mil espingardas. Os imans tinham vencido a insubordinação endémica das tribos, tomando como refens, filhos dos Sheikhs, mas um Governo **moderno** não podia fazer tais coisas...

O mokkadem tinha um plano muito seu. Ao nomear Aini primeiro-ministro, ele manifestava o seu desejo de independência da **inteligensia** norte-yemenita. Ele sabia muito bem que Aini não podia resolver sozinho o problema da dissidência tribal. É significativo o facto de o mokkadem se ter desembaraçado do seu primeiro-ministro, dizendo aos partidários deste: **Vêem? Não fez nada para obrigar os skeikhs a obedecerem!** Mandar embora Aini era satisfazer ao mesmo tempo os sauditas. O presidente Hamdi voltou-se então para estes últimos e prometeu-lhes praticar uma política externa francamente ocidental, aceitando armas francesas e americanas pagas por Ryad, e uma centena de conselheiros militares jordanos, enquanto que Aini estava resolvido a aceitar uma oferta de armas da União Soviética, país que desde 1955 equipava o exército sul-yemenita.

### A PERMANENTE «FRONDA» DOS SHEIKHS

Em troca disto o tenente-coronel Hamdi conseguiu que o Ryad deixasse de encorajar moral e materialmente a permanente «fronda» dos sheikhs. No passado mês de Maio os homens do «clan» Abon-Louhoum e Ahmar, que exerciam altos cargos (membro do conselho de comando, vice-comandante em chefe das forças armadas, governadores da província, etc.) foram afastados. Um estremecimento percorreu o país: os sheikhs haviam reconhecido a autoridade do Estado. Pode perguntar-se se Aini teria conseguido, mesmo com o apoio saudita, conduzir uma tal operação com êxito. Com efeito, ele tem estreitos elos familiares com os abou-louhoum, enquanto que o presidente Hamdi só tem ligações muito afastadas com os hacheds.

É a essa política subtil, concebida na alta solidão de Goula, (política que o mokkadem pensa ter-lhe permitido conciliar o seu nacionalismo com os seus sentimentos pró-ocidentais) que o Yemen do Norte deve, pela primeira vez desde 1962, ver o poder central obedecido em todo o território nacional. Para esse Estado combatido e depois desdenhado por metade dos seus, talvez seja o fim do túnel. Mas mesmo que se admita que o regime actual toma todas as medidas administrativas, económicas e mesmo militares para assegurar a perenidade da unidade nacional de novo inteira sob os auspícios sauditas, o Yemen do Norte continua a ter outros problemas cruciais.

© «LE MONDE»

# OS E.U.A. AMEAÇAM AS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Os EUA deram mais um passo no caminho da retirada, iniciado em 1970, ao entregar, no dia seis deste mês, em Genebra, o pré-aviso que lhes permitirá sair da Organização Internacional do Trabalho (OIT) daqui a dois anos. Em 1970, o Senado tinha decidido reduzir de metade a contribuição americana para o orçamento da OIT, em sinal de protesto contra a nomeação de um soviético para o cargo de subdirector do BIT, órgão executivo da OIT. Passando sobre as objurgatórias do director da OIT, Blanchard, Kissinger, desta vez, dirige uma clara advertência; o seu Governo deseja permanecer na OIT, mas, para isso, a organização terá de melhorar os seus processos e as suas actividades daqui até 1977. É uma ameça, dirigida não só à OIT, mas também ao conjunto das instituicões internacionais.

As queixas de Washington contra a OIT não são novas. Os sindicatos americanos, e, em especial, George Meanu, presidente da AFL-CIO, desde há uns dez anos que andam a fazer uma campanha contra essa instituição, que, segundo eles, manifesta grande complacência para com os países do Leste. Considerando que o princípio da representação tripartida — sindicatos, empresários e Governos — é falseado no referente aos países comunistas, acusam o BIT de fechar os olhos aos atentados, que, segundo eles, se cometem contra as liberdades sindicais nos países do Leste, e de reservar a sua tribuna a debates políticos geralmente hostis aos EUA.

O cálice transbordou em Junho, quando um representante da OLP (Organização de Libertação da Palestina) foi admitido a título de observador na OIT, apesar da oposição de Washington. Este último episódio mostra que a decisão americana visa outros objectivos mais, pois a organização palestina fez a sua entrada em quase todas as organizações internacionais de há um ano para cá, incluindo na própria Assembleia Geral da ONU. Decepcionados por verem a sua influência (que durante tantos anos foi predominante) substituída pela dos países do Terceiro Mundo, e o antiamericanismo reinar como grande senhor nas instâncias largamente financiadas pelo orçamento dos EUA, os dirigentes de Washington têm vindo a exprimir cada vez mais abertamente o seu azedume.

A advertência foi entendida, pelo menos em parte: o espírito de conciliação de que em Setembro deram provas os principais países interessados — e os próprios EUA também — na sessão especial da Assembleia Geral sobre o Desenvolvimento permitiu melhorar o clima nas Nações Unidas, enquanto na UNESCO se traçavam as grandes linhas de um regulamento que permitia que Washington voltasse a fazer os seus pagamentos. Mas a sorte reservada a Israel continua a ser a pedra de toque de todo o progresso neste domínio. Se os projectos que visam excluir o Estado judaico da ONU foram postos no congelador perante a ofensiva das potências ocidentais, a querela vai voltar a surgir, agora que a Assembleia Geral vota a resolução — aprovada anteriormente pela sua comissão social — que assimila o sionismo ao racismo.

A diligência efectuada junto da OIT pretende ser, na verdade, uma última advertência contra tal votação. As ameaças americanas não podem ser encaradas levianamente, mas também só podem servir uma vez. Saindo desta ou daquela instituição internacional, os EUA poderiam criar-lhe graves dificuldades financeiras — embora certos países árabes se digam dispostos a assumirem esses encargos — mas, por outro lado, deixariam o campo livre às ofensivas que tanto denunciam.

© «Le Monde»

Estrangeiro

# Mais de 400 pessoas presas em Espanha desde Agosto

MADRID, 13 — (ANOP e R.) — A polícia espanhola intensificou a sua campanha contra os adversários do Governo apesar da preocupação do Estado com a crise do Sara Espanhol e a saúde do general Franco.

Durante os últimos nove dias, enquanto o general pairava entre a vida e a morte e a disputa do Sara atingia o ponto de ebulição, a polícia prendeu pelo menos 150 pessoas ao abrigo do último decreto importante aprovado pelo general Franco — uma lei antiterrorista que assinou em 27 de Agosto passado.

Numa das mais intensas campanhas da polícia desde a guerra civil espanhola de 1936-39, mais de 400 pessoas foram presas desde 27 de Agosto, de acordo com números oficiais. Estimativas não oficiais indicam que o número é muito mais elevado.

Um jovem advogado esquerdista declarou: «Conheço algumas pessoas que dormem fora de casa por recearem ser presas».

Advogados de defesa da vasta série de trabalhadores, liberais, estudantes e esquerdistas presos até agora acreditam que a campanha da polícia é essencialmente «uma acção preventiva».

«A acção da polícia destina-se a impedir que grupos radicais da oposição combatam as políticas do Governo depois de Franco morrer» — declarou um advogado de Madrid que ontem anunciou a prisão de mais 30 pessoas em quatro cidades espanholas.

Nas últimas 48 horas, a polícia prendeu mais de 100 adversários do Governo.

Ao abrigo do decreto antiterrorista que poderá ser o último acto legislativo do general Franco, a polícia tem vastos poderes de busca e detenção — e qualquer pessoa que demonstre simpatia pelos grupos de guerrilha enfrenta pesadas multas e possível detenção.

### FRANCO TEVE NOVA HEMORRAGIA

O general Franco teve uma nova hemorragia interna às primeiras horas de hoje, mas os médicos conseguiram dominá-la segundo informa um boletim tornado público às 7 e 30, hora local, (6 e 30 TMG).

E o seguinte o texto do boletim médico:

«O Caudilho' descansou até às 3 e 30 da madrugada e depois teve uma incidência de hemorragia digestiva que, à hora deste boletim, foi controlada e o doente dorme calmamente».

As casas civil e militar do chefe de Estado acrescentam ainda que pelas 11 e 30, hora local, será divulgado outro boletim.

### O CONDE DE MOTRICO CHEFE DO GOVERNO?

O nome do futuro chefe de Governo espanhol, com Juan Carlos na qualidade de chefe de Estado e rei, volta a ser objecto das mais variadas conjecturas nos meios políticos espanhóis. O nome que mais tem soado nas últimas horas é o do conde de Motrico, José Maria Areilza, antigo embaixador, jornalista e monárquico, que, segundo algumas fontes, teria já equipa constituída e estaria já a trabalhar com Juan Carlos em função prática de chefe de Governo.

Embora apenas um jornal comentasse o facto, o conde de Motrico esteve em Bilbau e San Sebastian onde se avistou com diversas personalidades de várias tendências políticas da região. Areilza reuniu-se em San Sebastian com um grupo de profissionais e presidentes de «ayuntamientos» da região guipuzcoana. No último Conselho de Ministros, tinha sido aprovado um decreto em que se autorizavam estudos para a criação de um novo regime administrativo das duas províncias bascas, o que parece, teve bom acolhimento. José Maria Areilza publicava, no domingo, no «Diário Vasco» de San Sebastian, um artigo em que comentava esse decreto, em termos muito favoráveis aos países bascos.

Em algumas ocasiões, nos últimos dias, a Imprensa destacou o nome de José Maria Areilza, mas sem grande convicção. A Imprensa espanhola continua a insistir no nome de Arias Navarro, que conforme se comentava em recente crónica, parece cada dia mais desgastado, além de ser o candidato da extrema-direita que impediria qualquer intento de abertura e de jogo político. E Juan Carlos, até por uma questão de sobrevivência, tem que apoiar-se noutras bases que não na extrema-direita.

Alguns sectores insistem em Fraga Iribarne que em princípio deveria regressar de Londres no dia 18 e ultimamente tem sido apontado como candidato ao posto de chefe de Governo. Fazem-se comparações entre Fraga e Areilza, referindo-se que ambos estiveram dentro de um ambicioso projecto associativo em Fevereiro do ano passado.

## Acordo em Madrid sobre o Sara?

MADRID, 13 (ANOP) — «Marrocos e a Espanha estão de acordo sobre o Sara. Marrocos já deu o primeiro passo e a Espanha deve dar agora o seu. Nos contactos directos entre os grandes responsáveis, não há vencedores nem vencidos, sempre há vitória para as duas partes» — afirma o ministro de Estado de Marrocos e principal conselheiro de Hassan, dr. Benhima, em entrevista publicada pelo vespertino «Informaciones» de Madrid

O ministro Benhima que se declara entusiasta com a amizade hispano-marroquina, afirma também que «nem tudo tem sido fácil. As conversações passaram por momentos difíceis até chegar a este grande resultado», mas agora «não há nenhum obstáculo para chegarmos a um entendimento concreto».

A chegada na tarde de terça-feira a Madrid de uma importante delegação de Marrocos integrada pelo primeiro-ministro Osman, e ministros dos Assuntos Exteriores e Trabalho, subsecretários para os Assuntos do Sara, e técnicos dos fosfatos, que ontem estiveram reunidos com Arias Navarro e outros ministros espanhóis, faz crer que tudo está concertado para um entendimento imediato entre Marrocos e a Espanha. Na terça-feira também chegou a Madrid o primeiro-ministro da Mauritânia, acompanhado do ministro de Assuntos Económicos, declarando que vinha encontrar-se com as autoridades espanholas relacionadas com o Sara.

O ministro mauritano, que recentemente esteve na Argélia, respondeu a perguntas dos jornalistas e disse que «a Mauritânia tem excelentes relações com o Governo argelino e espera que assim se manterão».

## QUATROCENTOS ESPECIALISTAS DA CENSURA BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO, 13 — (ANOP) — Foram proibidas este ano no Brasil mais de cem obras da literatura universal.

A lista dos títulos proibidos, por «incitarem à desordem pública», inclui criações de quase todos os géneros literários, constituindo uma parte do trabalho de cerca de 400 especialistas em censura.

Os profissionais da censura têm como salário inicial o equivalente a 600 dólares mensais, número que contrasta com os 12 dólares que recebe no mesmo período metade da população economicamente activa neste país.

# Pedida na O.N.U. a libertação de todos os presos políticos

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 13 (Anop) Os Estados Unidos apresentaram à Assembleia Geral das Nações Unidas uma resolução pedindo a libertação de todos os presos políticos existentes em todos os países do Mundo.

O embaixador norte-americano na ONU, Daniel Patrick Moynihan, salientou que, com o apoio do seu país, a comissão social pediu já a amnistia para os presos políticos da África do Sul, e a comissão especial política a libertação de todos os presos políticos chilenos.

Moynihan declarou que se o Chile e a África do Sul são atingidos por certas normas referentes a prisioneiros, também o devem ser os restantes membros das Nações Unidas.

A resolução, na forma oficial em que circulava pela comissão social, indicava ter sido apresentada na terça-feira, dia seguinte ao da aprovação pela Assembleia Geral de uma proposta declarando que sionismo é equivalente a racismo.

Noynihan negou qualquer relação entre a apresentação da resolução norte-americana e a aprovação da proposta contra Israel, afirmando que aquela se encontrava há três semanas em elaboração.

### POSSIVEL ACÇÃO NORTE-AMERICANA

PITTSBURGH (PENNSYLVANIA), 13 (Anop) Os Estados Unidos poderão agir contra países que contribuiram para a aprovação na ONU de uma resolução de condenação do sionismo afirmou ontem em conferência de Imprensa o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, acrescentando que não foi tomada ainda qualquer decisão nesse sentido.

«Os países que votaram pela resolução contribuiram para a criação de uma atmosfera internacional que será menos vantajosa para a resolução das divergências no Médio Oriente. Portanto, teremos de considerar o voto numa base individual, antes de decidir que acção específica tomaremos contra vários países» disse Kissinger.

«Atravessamos um período» — prosseguiu o secretário de Estado norte-americano — «em que as Nações Unidas foram descritas como a melhor esperança da Humanidade.

«Isso continuou foi um exagero. Mas não devemos cair no outro extremo não compreendendo os benefícios que a ONU, com todas as suas falhas, ainda traz».

E concluiu o secretário de Estado norte-americano: «Portanto estudaremos a situação. Não tomámos ainda qualquer decisão final, mas penso que teremos de manter em equilíbrio a reacção norte-americana».

# Novo director-geral da F.A.O.: o libanês Edouard Saouma

ROMA, 13 — (FP) — Depois da eleição do novo director-geral da F.A.O. (Organização da Alimentação e da Agricultura da O.N.U.), o libanês Edouard Saouma, os 135 delegados à conferência da Organização iniciaram, ontem, a análise da situação alimentar mundial.

O documento de trabalho apresentado aos delegados indica que o aumento de 5 por cento da produção alimentar fixado pela F.A.O. como objectivo para o ano de 1975 não foi atingido.

Se a produção nos países em vias de desenvolvimento foi satisfatória, em particular nos países do Extremo Oriente, a verdade é que as reservas continuam a ser insatisfatórias. Segundo o documento, as grandes compras de cereais decididas pela União Soviética, comprometeram em parte, a reconstituição dos «stocks» alimentares.

«Nestas condições» — acentuou Eric Ojala, subdirector da F.A.O. — é preciso, em primeiro lugar, salvaguardar as importações dos 42 países mais gravemente afectados, países cujas necessidades em cereais (17 a 19 milhões de toneladas) ficaram metade satisfeitas, metade insatisfeitas».

Várias delegações árabes à conferência da F.A.O. condenaram por outro lado «as políticas seguidas pelos imperialistas e pelos sionistas, que utilizam o seu avanço tecnológico para fins não pacíficos».

«Os constantes ataques a que o nosso país é submetido» — acentuou o delegado sírio, Morsel Abu Omar — «impedem-nos de realizar os nossos objectivos de desenvolvimento».

Hassan Fahmi Jumah, do Iraque, saudou, por seu turno, a admissão da Organização de Libertação da Palestina (O.L.P.) na conferência da F.A.O., como observadora, fazendo votos para que a O.L.P. venha a participar, como membro de pleno direito, nessa organização, «depois da Palestina se ter libertado do racismo sionista».

Na terça-feira, o delegado da Líbia à conferência da F.A.O. condenara a presença de Israel e dos Estados Unidos naquela organização.

## Caleidoscópio

■ QUITO, 13 — (R.) — As Forças Armadas do Equador foram colocadas de prevenção na véspera de uma greve geral de doze horas.

A prevenção dá-se um dia depois de o Governo do presidente Guillermo Rodriguez Lara ter anunciado a descoberta de uma conspiração para derrubar o Governo, sendo presos um destacado político conservador e um antigo presidente.

■ WASHINGTON, 13 — (R.) O presidente Gerald Ford iniciará a sua visita à China em 1 de Dezembro próximo — declararam a noite passada fontes diplomáticas.

É esperado brevemente um comunicado oficial, possivelmente hoje, com todo o programa da viagem presidencial, que inclui também visitas à Indonésia e às Filipinas no regresso aos Estados Unidos.

Ford chegaria a Pequim depois de efectuar uma escala nocturna em Anchorage, no Alasca, e uma paragem para reabastecimento em Tóquio.

Ford deverá regressar a Washington em 8 ou 9 de Dezembro.

■ BEIRUTE, 13 — (F.P.) — Foram raptadas perto de duzentas pessoas ontem em Beirute e no Norte do Líbano, segundo revelou uma fonte bem informada.

Três semanas depois do seu rapto num bairro ocidental de Beirute, ainda não se conseguiu saber nada quanto à sorte de dois diplomatas norte-americanos, William Dykes Jr. e Charles Gallagher, que pertencem aos serviços da United States Information Agency.

PUB

SINDICATO NACIONAL
DOS TÉCNICOS DE DESENHO

DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCAÇÃO

Conforme com o que ficou decidido na última reunião deste Conselho, convocamos os delegados sindicais Técnicos de Desenho da Zona Sul, para a Reunião do Conselho de Delegados da Zona Sul, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 - Questões mais momentosas que se põem aos trabalhadores, e correspondente acção dos Delegados Sindicais.

2 - Apresentação e discussão de pontos omissos nos Estatutos sobre delegados sindicais e Conselho de Delegados de Zona e seu secretariado.

Local da Reunião: Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco,33, no dia 14/11/75 às 21 horas.

Lisboa, 10/11/75.

O Secretariado do Conselho de Delegados da Zona Sul

# Espectáculos

## "C.I.A": e vão três

**E vão três meses para «A CIA dos Cardeais». A revista, que o Adoque apresenta no Teatro do Martim Moniz, mereceu da crítica grandes elogios e, do público, continua a merecer os aplausos.**

**No foto, António Montez e Ermelinda Duarte num dos quadros da revista.**

## Hoje: canto livre no Mercado do Povo

Hoje, no Mercado do Povo, prossegue o Festival de Outono com uma sessão de Canto Livre. Actuam Carlos Paredes e Fernando Alvim, Maria do Céu Guerra, Samuel, Intróito, Armando Caldas, José Manuel Osório, José Noronha e outros.

Amanhã, às 21 horas como hoje, um espectáculo para o qual se anunciam os nomes de Carlos Moniz e Maria do Amparo, Pedro Osório, Adriano Correia de Oliveira e, possivelmente (dado que não se confima, à hora em que fazemos esta notícia, a sua ausência no estrangeiro), José Afonso.

## COMISSÃO REVOLUCIONÁRIA DE APOIO À REFORMA AGRÁRIA

Instalações Provisórias — **Av. Visconde de Valmor, 34-2.º**
**Telef. 77 00 66 - 76 32 76 — LISBOA - 1**

A «C. R. A. R. A.» — COMISSÃO REVOLUCIONÁRIA DE APOIO À REFORMA AGRÁRIA, leva a efeito no próximo dia 16 de Novembro de 1975, Domingo, pelas 16 horas, um festival tauromáquico na PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO, cuja receita reverte integralmente para os trabalhadores agrícolas do nosso País, pelo avanço da reforma agrária.

Todavia, este festival, pelos fins a que se destina tem a **colaboração graciosa** de todo o elenco artístico que tomará parte na referida corrida.

CAVALEIROS:

**JOSÉ MESTRE BATISTA**
**ALFREDO CONDE**
**GUSTAVO ZENKLE**
**EMÍDIO PINTO**
**JOSÉ MANUEL CORREIA LOPES**

Amador

**MANUEL JORGE DE OLIVEIRA**
substituído por
**PAULO CAETANO**

**Forcados Amadores de Alcochete** capitaneados por **João Mimo**
**Forcados Amadores de Vila Franca** capitaneados por **José Carlos Matos**

6 Toiros das Herdades:
— 3 da Herdade Colectiva de Pancas
— 3 da Herdade Colectiva de Torre dos Coelheiros

**TODOS OS ARTISTAS QUE COMPÕEM ESTE CARTEL ACTUAM GRACIOSAMENTE**
**TODOS AOS TOIROS**

## Dezanove países no Festival de Santarém

Como todos os anos, a participação internacional no Festival de Santarém demonstra bem a importância e prestígio alcançado além-fronteiras pelo certame português. Assim, este ano, temos a presença da Áustria, Bélgica, Canadá, Checoslováquia, Cuba, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Hungria, Itália, Polónia, Portugal, República Democrática Alemã, República Federal Alemã, Roménia, Suécia, Suíça, U. R. S. S. e Brasil.

### CONCURSO

Durante todo o Festival, no Teatro Rosa Damasceno, serão apresentadas 15 longas metragens a concurso, oriundas de alguns dos países concorrentes ao certame. Teremos, portanto: «Daisy Miller», de Peter Bogdanovich (Estados Unidos), «O Crime da Aldeia Velha», de Manuel Guimarães (Portugal); «Os Camponeses-Boryna», de Jan Rubkowski (Polónia), «O Caminho de Uma Mulher», de Dusan Kodaj, (Checoslováquia), «O Outro Francisco», de Sergio Giral (Cuba), «Os Camponeses-Jagna», de Jean Rubkowski (Polónia), «Trotta», de Johannes Schaaf (Alemanha Federal), «O Fanático» (Hungria), «O Pai Perdulário», de Adrian Petrigenaru (Roménia), «Querida Mãe, Estou Bem», de Christian Ziewer (Alemanha Federal), «Lama de Bodas», de Thierry Zeno (Bélgica), «Amo-te, Mato-te», de Uwe Brandner (Alemanha Federal), «O Padre e a Moça», de Joaquim Pedro de Andrade (Brasil), «Junto ao Lago», de Sergei Gerasimov (U. R. S. S.) e «Cântico Final» de Manuel Guimarães (Portugal).

### PORTUGUESES NO JÚRI

Fazem parte do júri internacional do Festival de Cinema de Santarém o cineasta M. G. Faria de Almeida, realizador da longa metragem «Catembe» e de numerosos documentários, de que se destacam «Para Um Álbum de Lisboa» e «Ferreira de Castro»; e o crítico da revista «Celulóide» dr. Avelino Dias.

### PUBLICAÇÕES DO FESTIVAL

Além do programa oficial, com todas as informações e elementos sobre as realizações do certame, será também editado um opúsculo sobre o realizador Manuel Guimarães, da autoria do director do Festival. Ainda no âmbito da homenagem a Manuel Guimarães, será editado um catálogo da sua exposição de pintura e desenho, manifestação integrada no certame, e que conterá uma carta de Dórdio Guimarães, poeta, filho do realizador, intitulada «Carta a Manuel Guimarães, Meu Pai».

### SESSÕES TÉCNICAS

Todos os dias, de manhã e de tarde, com documentários agrícolas e culturais, realizam-se sessões públicas gratuitas, no Museu da Junta Distrital de Santarém, comentadas por técnicos e especialistas.

## UM MÚSICO NA REVOLUÇÃO (3)

# Pode a revolução dar algo à arte?

Pode a Revolução dar algo à Arte? Pode a Arte dar algo à Revolução?—Eis as questões centrais da polémica estético-ideológica que irá desenrolar-se na União Soviética.

Pode a Revolução dar algo á Arte?

. A este respeito, a experiência soviética é bem eloquente. Vejamos o panorama, no capítulo da música:

. No sector do ensino, promoveu a sua efectiva democratização em todas as regiões do vasto território. Nenhuma criança, na União Soviética, é hoje impedida, por razões geográficas, familiares ou económicas, de descobrir uma vocação musical, de a desenvolver e de nela vir a profissionalizar-se. O nível qualitativo do ensino nos Conservatórios é conhecido e afirma-se espectacularmente nos Concursos Internacionais, onde todos os anos aparecem sucessivas vagas de jovens artistas soviéticos de categoria excepcional. Manifesta-se também, por exemplo, no elevado apetrechamento técnico e artístico das orquestras e dos maestros.

— No que se refere às condições de exercício da profissão do músico, poderiam enumerar-se em pormenor, nos diferentes ramos. Bastará, no entanto, registar que o Estado garante a plena realização profissional a qualquer músico, na actividade em que ele melhor se qualificar, seja como professor, seja como solista, seja como membro de uma orquestra, seja como compositor. Para além disso, existem organismos associativos, como é o caso da União dos Compositores Soviéticos, que exercem uma importante acção nesse aspecto. Ser músico na União Soviética é uma forma altamente digna de assegurar o direito ao trabalho e de «ganhar a vida».

— Finalmente, quanto à importante função social que a música e os músicos são chamados a desempenhar, aí estão, a comprová-la, a proliferação das salas de concertos, teatros de ópera e de bailado espalhados por dezenas de cidades, a deslocação das orquestras e outros intérpretes às regiões de menor densidade populacional, afastadas dos centros urbanos, a expansão e o baixo preço do disco (onde aparecem editados praticamente todos os compositores e intérpretes, inclusive os mais jovens, das várias Repúblicas Soviéticas), a quantidade enorme de grupos vocais e instrumentais populares organizados pelos trabalhadores da cidade e do campo, no âmbito de actividades culturais amadoras que são amplamente incentivadas. Tudo isto, numa perspectiva de valorização do património artístico e da individualidade peculiar das diversas etnias, nacionalidades ou regiões, as quais, não o esqueçamos, compreendem um leque muito diferenciado que vai desde a Europa banhada pelo Báltico, ao extremo oriental da Ásia.

A circulação da cultura, neste caso a circulação dos compositores, dos intérpretes, dos grupos musicais, por todos os territórios da União Soviética, amplificada ainda pela Rádio, pela Televisão e pelo disco, assenta num sistema de intercâmbio ou de interacções entre as diferentes experiências criadoras locais e as diferentes relações artista-público.São pontos fundamentais a não perder de vista quando se pretende discutir ou equacionar qualquer problema relacionado com a criação artística na União Soviética: é que uma sinfonia de Chostakovitch surge, ali, de facto, ao alcance tanto do engenheiro formado na Universidade de Moscovo como do trabalhador agrícola de um kolkhoze do Uzbequistão, em plena Ásia Central.

Já nos anos trinta estas grandes transformaçoes democráticas operadas no domínio da cultura musical eram consideráveis, bastante profundas mesmo, conforme assinalou Prokofieff em artigos publicados na Imprensa, quando do seu regresso definitivo à URSS, em 1933.

Ora é precisamente nos anos trinta que a polémica estética e ideológica sobre a criação musical, iniciada com a própria Rvolução, começa a agudizar-se. No campo da música, o ponto de partida é uma obra de Chostakovitch: a ópera *«Lady Macbeth de Mtsenk»*.

### A AGUDIZAÇÃO DA POLÉMICA ESTÉTICO-IDEOLÓGICA

Surpreende que uma tal obra, onde o compositor para além de afirmar um vigoroso sentido dramático, servido por uma linguagem de rica substância expressiva (se não mesmo *expressionista)*, faz uma crítica extremamente dura da antiga sociedade czarista (a partir duma novela do escritor russo oitocentista Nicolas Leskov), e que hoje figura permanentemente no cartaz do teatro Stanislavski de Moscovo, tenha merecido da *Pravda*, em 1936, a seguinte apreciação:

. «Desde os primeiros compassos, o auditor é ensurdecido por um dilúvio de sonoridades desordenadas e deliberadamente falsas (...). É impossível seguir esta «música»ou conservar dela a menor recordação. Toda a obra é neste estilo. Os gritos dos intérpretes substituem-se ao canto (...). O auditor desejaria ouvir uma música expressiva; em seu lugar servem-lhe uma salada de ritmos super-excitados. O ruído puro e simples toma o lugar da melodia e pretende traduzir a paixão!... Estes defeitos—continua o cronista soviético de 1936 — não são devidos evidentemente à falta de talento do compositor ou à falta de capacidade para exprimir emoções humanas e fortes... Simplesmente acontece que Chostakovitch pretende «ser moderno» por qualquer preço; e o pior é que ele receia escrever páginas que sejam susceptíveis de evocar, mesmo de muito longe apenas, a ópera tradicional e a música sinfónica tal como nós a conhecemos, isto é, receia ser claro e explícito. Toda esta música é uma negação da ópera, do mesmo modo que a arte «de esquerda», no seu conjunto, tende a suprimir no teatro a simplicidade, o realismo, a imagem concreta, o valor natural da palavra...» (na tendência chamada «Arte de esquerda» compreendiam-se escritores e homens de teatro como Maiakovsky e Meyerhold).

Para um artista como Chostakovitch, sinceramente identificado com os ideais do comunismo, partidário convicto do Poder soviético, sem dúvida empenhado em assumir, através da arte, uma missão revolucionária, esta crítica exacerbada dirigida contra ele no principal órgão da Imprensa não podia deixar de lhe causar uma profunda perturbação.

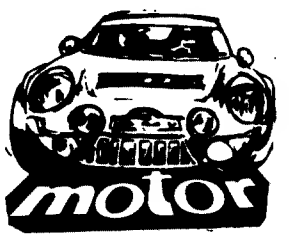
Segundo o crítico soviético I. Martinov, a 5.ª Sinfonia marca o início de um novo período na obra de Chostakovitch, e foi desde logo considerada um grande êxito do seu autor e da cultura soviética.

Diz Martinov: «O tema da 5.ª Sinfonia, segundo a definição do escritor Alexei Tolstoi é o da «formação da personalidade». O compositor manifestou o seu acordo com este critério, acrescentando: «a ideia central desta composição, de carácter lírico do princípio ao fim, é precisamente o homem, com todos os seus sofrimentos».

Neste sentido, a 5.ª Sinfonia é autobiográfica, pois o próprio Chostakovitch tinha percorrido o longo e árduo caminho das buscas, até se encontrar. Mas se apenas disso se tratasse, a Sinfonia dificilmente teria alcançado um êxito de tal ressonância. Na realidade o seu conteúdo, como o de qualquer obra sinfónica de valor, transcende o estritamente subjectivo: o tema da formação da personalidade tem uma relação directa com o destino de toda uma geração, particularmente num país como a União Soviética, onde, desde os primeiros dias da revolução, se realiza um trabalho verdadeiramente gigantesco para formar uma consciência nova, socialista».

*MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO*

ADOQUE
grupo de teatro
(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80
É SÓ BRONCAS!
EM
A C.I.A. DOS CARDEAIS
HOJE, às 20,30 e 22,30 h.
ESTREIA
DE UM NOVO PRATO
«O MANO-A-MANO DA TV»
(AVISO: devido ao interesse dos assuntos a debater, este número TEM LIMITE DE TEMPO!)
(Não ac. men. 18 anos)




Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA

# Televisão

## CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

## ONDE SE FAZ UM APELO AOS TRABALHADORES DA RTP

. Saí de tarde, ontem, para ver a manifestação dos trabalhadores da construção civil. Impressionante. Calejado embora pelas emoções destas andanças, não pude ficar indiferente, ali mais de uma hora ao Sol, olhos postos naqueles rostos macerados, naqueles corpos sugados pelas horas e horas de trabalho violento, naquela vontade indomável de lutar contra a exploração. E dizia para com os meus botões: «Que grande reportagem vai arrancar logo a televisão se tiver unhas, se tiver espírito revolucionário!»

. Disso não me restavam quaisquer dúvidas. Vieram as sete horas, com a repetição de um programa juvenil — *Aventuras e pinturas* — ainda recentemente estreado.

Veio depois aquele *panorama* dedicado à conferência de Imprensa dos elementos da Armada que falavam do seu associativismo. Foi um momento de respirar fundo, aquele em que o marinheiro Bruno, os sargentos Cruz e Tomé, os comandantes Martins Guerreiro e Paiva de Andrade mostraram toda a sua confiança — e alimentaram a nossa confiança — na revolução portuguesa.

Para o que ne precisaram de recorrer a chavões, a «slogans», às frases mais ou menos feitas — ou direitas, se quiseram.

É bem certo que não há luta organização. Pensar o contrário, entregar uma revolução à capacidade de improviso de quem quer que seja — mesmo que esse alguém seja um grandecíssimo génio — significa, mais tarde ou mais cedo, a vir esborrachar a cabeça contra uma parede.

Quando falamos em organização, claro que temos de falar em disciplina. Esta disciplina é uma palavra muito em foco, nos últimos tempos. O Presidente do Conselho, por exemplo, pode-se esquecer de falar no Movimento das Forças Armadas (já repararam que ele prefere dizer apenas Forças Armadas?) mas não se esquece nunca de falar de disciplina sen no entanto definir o conteúdo da palavra transformada em palavra de ordem.

No caso que nos interessa agora, há duas espécies de disciplina: aquela que se baseia na confiança mútua e se processa na aceitação consciente das tarefas e das responsabilidades com vista a um objectivo comum — e aqueloutraqueconsistenaobrigatoriedade, por norma do cumprimento de tarefas mesmo que se ignore a natureza e a finalidade delas. O exemplo típico desta disciplina e o vergonhoso atentado à bomba contra a Rádio Renascença, próprio de uma mentalidade militarista que ainda não se libertou do *complexo da palhota.*

Na Armada, conforme nos disse o comandante Martins Guerreiro, forja-se um novo estilo de trabalho e de convivência, através de um enriquecimento da noção de disciplina. Primeiro ao nível da unidade e depois ao nível da classe a crítica, a autocrítica, a entreajuda, o estudo e avaliação e discussão de probemas concorrem poderosamente para cimentar o espírito revolucionário devotado à causa do nosso povo.

Como juntamente salientou o sargento Cruz, não existe unanimidade na Armada, seria utópico pretender isso. O que existe é um esforço permanente para a unidade, esse ponto de equilíbrio entre as várias opções. Passa por aqui a verdadeira disciplina.

### DIGNIDADE — TESOURO COMUM

Enquanto decorre o *Panorama,* vou pensando no prazer de rever, através da reportagem do Telejornal, as impressionantes imagens da manifestação. As filas cerradas de companheiros, o passo decidido de um exército em marcna. Outros pormenores que mais se gravaram na memória: aqueles dois cabo-verdianos de mãos dadas, um mais novo, de olhos resplandecentes para a sua grande primeira grande aventura de trabalhador; outro, magro e tragalhadanças, pernas, a cara chupada do trabalho e do mau passadio, o cabelo todo branco...

Outro pormenor: aquele abraço, aqueles abraços apertados entre brancos e cabo-verdianos, a demonstrar que otodos os preconceitos, tendentes a dividir os trabalhadores, são abjectos e não encontram o mínimo eco junto dos trabalhadores conscientes. Ah, se os operadores de televisão estiverem inspirados, que belas imagens vão tirar daqui para oferecer ao povo português!

. Se estiverem inspirados? Claro que hão-de estar, como não? Também os operadores de cinema são trabalhadores, como estes que marcham, Avenida acima, na construção da sua consciência de classe. Irmãos na exploração de que são vítimas, os operadores de cinema da televisão portuguesa andarão certamente por aí a recolher as mais belas imagens de todas as manifestações nas ruas de Lisboa, andarão misturados com os seus irmãos trabalhadores da construção civil que também por eles lutam quando lutam pela melhoria das suas condições de trabalho. A dignidade do trabalho é um tesouro comum que cada qual, à sua maneira, deve acrescentar.

O serão oferece-nos alguns motivos de entretenimento. Virá, primeiro, Beatriz da Conceição, muito clássica a cantar aqueles fados em que fala do seu corpo, dos seus gritos, da noite sua companheira, dos beijos que a fazem viver. Hierática, quase sem um movimento e no entanto a explodir de sensualidade no morder de cada palavra...

Depois, virá o futebol, Portugal-Checoslováquia de um campeonato europeu qualquer, comentado por Nuno Brás que é um «espectáculo» dentro doutro espectáculo. Nuno Brás fala como não se pensa que alquém pudesse falar. Ponham o conselheiro de Eça de Queirós a fazer relatos de bola e é aquilo mesmo.

Pois sim. Venha o que vier. Cá para mim, o interesse todo reside na passagem das imagens da manifestação da construção civil. Para, como as crianças, reouvir os passos de uma história maravilhosa. Afinal...

Afinal tudo se saldaria por uma total desilusão. O locutor do Telejornal, em resposta aos muitos telefonemas recebidos informa que *não haverá imagens da manifestação devido ao diferendo sobre a questão do seguro que opõe os trabalhadores do núcleo de filmagens à administração...*

Estuporado, nem sei que fazer. O meu primeiro movimento foi de irritação e de desconfiança relativamente aos trabalhadores da televisão. Depois, caí em mim. Percebi o logro: eu estava manipulado por uma situação que atirava trabalhadores contra trabalhadores. E se calhar a administração da RTP a rir-se...

### CONFIEMOS

Não há dúvida que a tarefa dos repórteres cinematográficos não é uma pera doce. Estão sujeitos a agressões e a manifestações hostis, estão sujeitos mesmo a que lhes dêem cabo do canastro. Daí que seja perfeitamente legítimo exigirem adequada cobertura do seguro.

Certo. Importa no entanto avaliar das consequências sociais desta reivindicação, quer dizer: importa saber até que ponto ela pode ser uma auto-rasteira, no que respeita à solidariedade indispensável de trabalhadores para trabalhadores.

As forças da esquerda, as interessadas no processo revolucionário, organizam manifestações de rua. As forças conservadoras e reaccionárias tambem manifestam. Logo, a atitude dos operadores de cinema aparentemente ferem as duas espécies de demonstrações, indistintamente. Mas só aparentemente...

Porque: não houve imagens da F. U. R., não houve reportagem da manifestação de ontem; se calhar, não haverá imagens da manifestação logo à noite, em Beja, que contará com a presença do general Otelo, do comandante Contreiras e outros oficiais progressistas; e quanto à manifestação unitária de trabalhadores do próximo domingo, se calhar, por muito escandaloso que pareça, também não teremos reportagem nem mesmo à «a posterior».

Quanto às outras? Quanto às manifestações do P. S. e do P. P. D. com uma ajudinha do C. D. S. (pelo menos...) é muito fácil: põe-se o Presidente do Conselho numa varanda, à sua esquerda o Carneiro, à direita o Soares . . e pronto: a televisão põe a andar o carro de exteriores, manda o Tropa, o Durão, a equipa completa e ainda por cima lhes prega com um louvor.

Donde se conclui que a administração pode não estar interessada numa plataforma de resolução do conflito. Com o que, evidentemente, não ganharão nem uns trabalhadores, nem outros. Pelo contrário: há toda a possibilidade de se criar entre eles um clima de hostilidade e de desconfiança. Enquanto a administração, anjinho de asas brancas, paira celestialmente sobre as águas. aguas.

Não aponto receitas. Os trabalhadores da RTP saberão o que têm a fazer, para levar a administração à mesa das negociações. Confiemos.


'a festa' SAI À RUA NO DIA 19!

HÀBILMENTE FEITO PARA SER UMA FESTA.

«A FESTA DO ZÉ» É AFINAL UMA RODELA DE POLIVINILO, QUE GIRA A 45 ROTAÇÕES POR MINUTO E QUE AO SER TOCADA É UMA FESTA (DO ZÉ CID). UMA FARRA!

Decca SPN 192 G



**CASSETES**

«SOUPIRS D'AMOUR»
(ÚLTIMA NOVIDADE)
PARA AS REUNIÕES ENTRE AMIGOS
OU PARA AS SUAS NOITES SOLITARIAS
NÃO DEIXE DE OUVIR ESTAS CASSETES
GRAVADAS AO VIVO. (SOUPIRS D'AMOUR)

CLUB EROS INTERNACIONAL
APARTADO 2354 LISBOA 2

Enviem-me o Catálogo Grátis destas Cassetes Especiais DL 1
Nome _____
Morada _____
Localidade _____



PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8


# Hoje

**Série policial «Serviço Especial»**

**I Programa**

**19.00** Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis
**19.25** Momento desportivo
**19.55** Escrever é lutar
**20.30** Telejornal — 2.ª edição. Noticiário do país e do estrangeiro
**21.00** Comunicação do ministro da Justiça — Dr. Pinho Farinha
**21.30** «Capitão Kloss» — série filmada de origem polaca
**22.25** Temas e problemas — «Cooperativas, que futuro?». Rubrica apresentada pelo Departamento de Programas Político-Sociais
**23.15** Telejornal — 3.ª edição
**23.30** Fecho

**II Programa**

**21.00** Abertura e Da Saúde e da Vida
**21.15** Vivendo o futuro
**21.30** Telejornal — e diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30
**22.00** «Serviço Especial» — Série policial com George Sewell, Roger Rowland e Petter Jacques
**22.45** Impacto — Fernão Lopes
**23.15** Fecho

**DESTAQUES**

**I PROGRAMA**
**«Capitão Kloss»**
**(21.30)**

**II PROGRAMA**
**Série policial «Serviço Especial»**
**(22.00)**

# Amanhã

**I PROGRAMA**

**1.º Período** **12.45**: Abertura e Saber não faz mal; **13.00**: Stop. Programa da Prevenção Rodoviária Portuguesa por Joaquim Filipe Nogueira; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: Câmara livre. Um programa de Carlos Rodrigues; **14.00**: Logo à noite. Cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto; **Ciclo Preparatório TV** **14.10**. Língua Portuguesa (2.º ano); **14.35**: Matemática (1.º ano); **15.00**: Francês (2.º ano); **15.25**: Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50**: Educação Visual (2.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (1.º ano); **18.00**. Trabalhos Manuais (2.º ano). **2.º Período** **19.00**. Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**. «David Copperfiel» Série filmada baseada no romance de Charles Dickens. Realização de Joan Craft, com Colette O'Neil, Pat Keen e John Gill; **20.00**: Programa musical; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição. Noticiário do País e do estrangeiro. **21.00**: Comunicação do inspector-geral do M. E. I C.; **21.30**: Afinal como e?; **22.00**: «A Queda das Águias». Um telefilme produzido por Stuart Burge para a BBC E Time-life Films. 7.º episódio. «O Meu Amado Nicolau II» com Gayle Hunnicutt Barry Foster, Charles Kay, Denneth Colley, Peter Dyneley e John Turner. Realização de Bill Hays. Em 1904, Wilhelm II era o mais poderoso soberano do continente europeu. Possuia um exército de 4 milhões de homens, e a sua armada encontrava-se em expansão para rivalizar com a armada britânica. Exercia, além disso, uma grande influência sobre Nicolau II; **23.00**. Telejornal 3.ª edição; **23.20**: Fecho.

**II PROGRAMA**

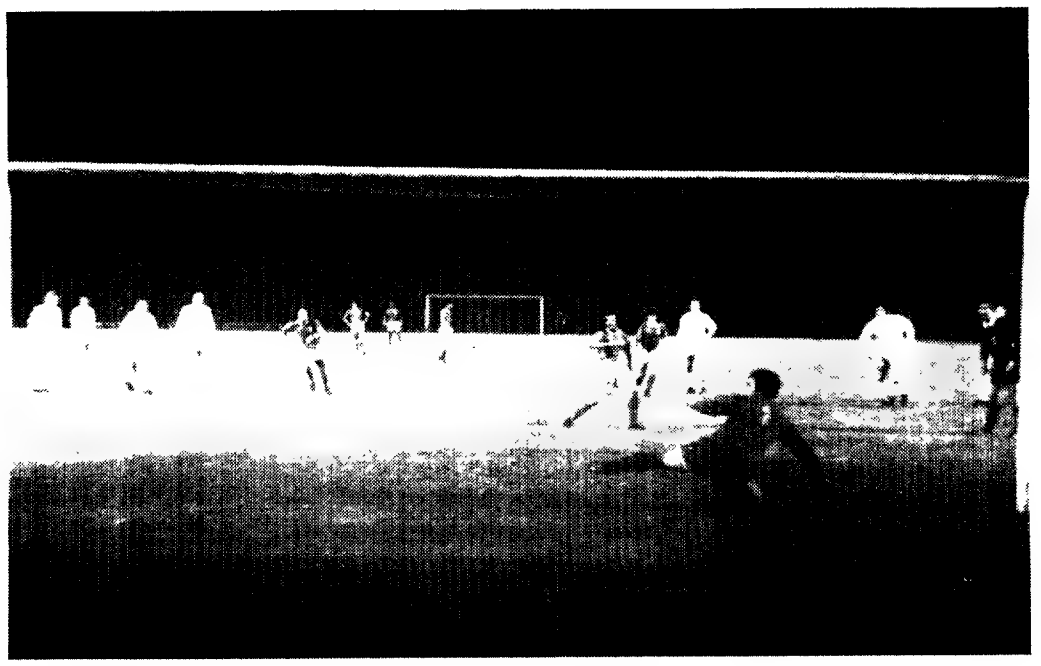
**21.00**: Abertura e série «David Copperfield»; **21.30** Telejornal Em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa; **22.00** Noite de cinema. «A Casa Cercada» («Odd Man Out») um filme produzido em 1947 e realizado por Carol Reed com James Mason e Robert Newton. «A história decorre durante uma agitação política numa cidade do Norte da Irlanda. Johnny McQueen é chefe de uma organização que pretende arranjar fundos para ajudar os companheiros necessitados. É-lhe foi condenado e preso, mas consegue fugir da cadeia e refugia-se em casa de Kathleen Com o seu grupo, ele prepara um assalto a uma fábrica ...: **00.00** Fecho

# Desporto

## PORTUGAL, 1-CHECOSLOVÁQUIA, 1

# O REGRESSO À ORIGEM

**Comentário de NEVES DE SOUSA**



**Um penalty com a bola fora da moldura. Segundo balde de água fria, no cenário quente das Antas.**

PORTO — Não merece a pena carpir mágoas. Foi um mau resultado desportivo: eis tudo. Nada de patriotismos roucos, fora com os crepes na bandeira, adeus monco no chão, cabeça curvada, olhos humidos. Um vulgar desafio de futebol não teve a cor do resultado possível ao tom que a multidão pretendia: mas, em consciência, perante a torrente de rotundos falhanços assinados em 90 minutos por homens que ganham largas dezenas de contos mensais para serem executantes competentes, quem é que espera levar a melhor sobre um «team» checo desprovido das suas grandes vedetas, mas constelado por um colectivismo primoroso?

Ninguem, é evidente. Ruiu pela base (Damas) um edifício sem pilares (Rebelo), falho de cimento entre os pisos (Octávio), destelhado a partir do momento em que um milionário (Nené) não foi capaz de justificar a simples marcação de uma grande penalidade que iria mudar todo o colorido do «show».

E, antes de entrarmos (propriamente) no decantar do jogo das Antas (primorosa massa de público que incentivou até ao esgotamento os escolhidos por Pedroto) vale a pena interrogar o Benfica (no caso, evidentemente, Mário Wilson) se não há por lá ninguém que treine a vulgarissima cobrança de «penalties». Outro dia (vimos com os olhinhos da cara) foi Jordão, em Budapeste, que, não concretizando o castigo máximo, pregou um susto de todo o tamanho a meio milhão de desportistas lusos. Ontem, calhou a vez de Nené com aquele desengonçado, tonto e furibundo pontapé para as nuvens, de quebrar pela raiz a grande hipótese de Portugal vencer o confronto com os cautelosos e serenos checos de cabeça fria e de corpanzil bem feito. Jordão e Nené, dois benfiquistas a precisarem de fazer horas suplementares de treino: ou, então, ainda a «águia» terá que mandar vir do México o velho Eusébio para resolver um simples «penalty» a favor do emblema na camisola.

### RAPIDEZ

Foi, não há dúvida, de belo «forcing» nacional toda a primeira metade do embate nas Antas. Galvanizados por um colossal apoio da moldura, os rapazes da Federação da Alegria pareciam capazes de destroçar todos os redutos dos anjos brancos de Bratislava e Praga. Só que, à velocidade (incrível) de Moinhos, à pujança (extraordinária) de Freitas, à aplicação (corajosa) de Artur, à maestria desse fenomenal futebolista que é João António Alves, se juntaram um Octávio em noite desastrosa, um Rebelo em eclipse de memória e, sobretudo (com que pena o escrevemos) um Damas que parecia um saloio de barrete transplantado da horta para o palco de outra fruta. Foi pasmosa (realmente) a sua infelicidade: dentro (é bom não esquecer...) da baixa de forma que está a morar com o «capitão» sportinguista há já uns bons mesinhos...

Mas, como íamos dizendo, a galopada comandada por Alves não fazia prever que, logo da primeira vez que a bola viesse ao campo nacional, se apanhasse pela espinha com aquele balde de água gelada impróprio para banho à porta do Inverno. Damas defendeu a bola, largou-a, ficou a ver as luminárias e aí estávamos (6 minutos) a chupar pimenta na língua. O guarda-redes de Portugal sofreu o golo e, atónito de início, desatou depois a conspirar com Artur, como se este tivesse tido culpas no cartório, pecadilhos numa «barraca» que começou com um chuto de Rebelo nas moscas e acabou com um soco de Damas na atmosfera. Uma «casa» do tamanho do Empire State Building...

### RESPOSTA

Calhou que a genica de Moinhos era um quebra-cabeças para todos os parceiros adversos. E que dos seus impulsos, do seu poder de arranque, saiu ria (7 m.) o passe de bandeja que Nené se limitou a depositar dentro do convento, sem qualquer esforço nem outro mérito que o do seu companheiro ex-xadrez. Com o nulo restabelecido no «placard», 45 mil pessoas respiraram aliviadas, pensando (mal) que o pássaro acabaria por enfiar se na gaiola. Demais que, um minuto decorrido, uma carga sobre Octávio e, (benevolentemente?) aferida pelo árbitro holandês Corver como merecedora da penalidade, número um. Pronto, eram favas contadas: os checos estavam no bolso.

Qual quê? Nené (que não deve ter problemas de renda de casa nem falta de emprego) «amanda» uma «brasa» por cima da trave «digna» de um pau de arara da 3.ª distrital. Marcado à boa maneira dos anos 30, o chuto que deveria ter encaminhado Portugal para o galarim europeu, acabaria por afundar completamente o seu autor, valendo-lhe a oportuna substituição (ao intervalo) para não se perder aquilo que nele existe de jogador cobiçosos pelas malhas.

Tudo (a «capoeira» de Damas, o brinde do golo favorável e o sortalhaço do «penaltie» para os ventos) durou só 180 segundos: num simples lapso do calendário a história ficara escrita.

### MARÉ

Embora cá para trás Freitas tivesse de ser uma espécie de flotilha de caça-minas, a gente não desanimou logo que Nené desperdiçou o grande golpe. O fantástico Alves trazendo a segurar o andor da sua procissão, Toni e Moinhos, estava em todas e mais algumas. E, sob uma arbitragem verdadeiramente impecável, assistia-se a uma torrente de avançadas que ou morreriam nas mãos de impecável Viktor ou feneciam nos pés e nas cabeças de seis defesas checos (Goh, Bicovsky e Pivarnik sem qualquer erro). Apenas faltava pontaria (a Vitor Batista, por exemplo) já que Nené desaparecera da cena e Octávio tão depressa fazia um passe a preceito como errava no toque mais fácil deste mundo. Era, verdadeiramente, um duelo contra a maré.

Aos 23 minutos, Moinhos hesitou por um clarão e perdeu o baque do disparo. E, daí até ao termo metade do espectáculo, as operações podem resumir-se nesta síntese: uma diferença entre Victores: o português, sem tocar na bola, sem fazer qualquer parada, com o coração, em tiras, todo ele a tremer como garoto de mama. O homónimo (vindo do Dukla de Praga) senhor dominador de todas as situações.

### AZAR

O intervalo deve ter servido para José Maria Pedroto colocar uns remendos na manta: e, especialmente, para Oliveira subir ao relvado, até um posto que é seu por direito mais que próprio. Sim, amigos, porque não há ninguém nesta terra (onde todos sabem tudo e mais alguma coisa sobre futebol) que seja capaz de fazer uma frente nacional de ataque chutista sem apelar para Nené, Moinhos e Oliveira. Calculamos, porém, que o portista fosse (para o técnico da selecção) a «arma secreta»: daí que recusemos imaginar que a sua chamada derivou apenas do estado anímico do depauperado sr. Tamagnini Nené...

A verdade (inesquecível) é que, mal pôs as botas ao serviço, Oliveira tornou-se (lado-a-lado com Alves e Moinhos mais o impagável Freitas) a guarda dianteira dos nossos mosqueteiros. Chegou a ter três checos à perna, tantos como os que andavam a descascar as tíbias de Alves e Moinhos, mas os rapazes estavam a rondar a bolinha.

A pouca sorte, o azar, a má fortuna (baptizem isso como quiserem) é que ninguém acertava nos disparo às malhas: e o Viktor não era igual ao Vitor. Começaram a vir os nervos, Humberto Coelho refila e vê o cartão amarelo, Rebelo continuava a navegar no mar alto e não podiam ser Freitas e Alves a fazerem tudo: defender (de credo na boca) a marcha para as suas balizas e irem lá adiante (com força nas perninhas) chutar ao golo. Daí que principiasse a desabar, sobre umas Antas sublimes de entrega e paixão, o espectro da queda facial: que se concretizou quando (20 minutos), estava Portugal rei e mordomo da festa, Oliveira se lesionou e teve de ir para forçado repouso.

Pedroto (certamente) ficou ainda com menos cabelo: perdia a hipótese de render o nulo Rebelo por um Pietra que deveria estar «doido» por entrar no rectângulo, ia-se por água abaixo a «chance» de trocar o atribulado Octávio pelo sabedor Rui Rodrigues. Não lhe restava outra solução: tinha de mudar avançado por avançado. Apenas o único que tinha no banco era Mário, trapalhão e desfasado, entrou na orquestra como um bombo entre pifaros. Nem para trás nem para a frente: antes pelo contrário...

### ADEUS

Consumiu-se o resto dos 90 minitos em rompantes dos magriçozitos contra dois valentes sustos dos nossos convidados. E, à custa de quem? Claro, de Damas, infantil, longe do Porto como da lareira. De uma vez a bola passou por cima da barra superior com o nosso bom Vitor no chão, aos malmequeres. Na outra, já depois de a ter engatilhada, teve artes de a atirar contra o poste, num «frisson» que nem o inventor do «O perigo é a minha profissão» seria capaz de inventar.

Atingia-se a meta com os olhos cheios de asneiras (dos supra mencionados...) e coisas belas (igualmente referenciadas). Mas, algo mais ficara por escrever, especialmente a segurança que Humberto Coelho deu a um sector (em que foi digno lugar-tenente de Freitas) e a energia desbaratada ingloriamente por Vitor Batista, com a alça a pedir calibragem urgente. Acima de tudo, o modo digno e brioso, corretíssimo e disciplinado, como o «team» português aceitou o semifracasso frente a um cortejo de checos que não patenteava os três reis do seu baralho. Só para ver cair de pé, com aprumo de 20 valores, os 12 portugueses e o angolano Freitas, valeu a pena andar com o coração aos pulos uma data de minutos.

### CINTILÂNCIA

Já escrevi: Freitas, Alves e Moinhos foram (apenas...) os

Continua na pág. 17

# ASSIM VAI O TOTOBOLA

## PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 11, DE 16 DE NOVEMBRO DE 1975

| | RESUMO | | | BOLAS | | | (a) |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1 | X | 2 | 1 | X | 2 | |
| 1. FEIRENSE-PENAFIEL | 51 | 8 | 2 | 10 | 1 | 1 | |
| 2. ESPINHO-RIOPELE | 50 | 10 | 1 | 10 | 1 | 1 | |
| 3. PAREDES-ALBA | 34 | 20 | 7 | 7 | 4 | 1 | |
| 4. VILANOVENSE-SALGUEIROS | 5 | 26 | 30 | 1 | 5 | 6 | |
| 5. CHAVES-PAÇOS FERREIRA | 44 | 11 | 6 | 9 | 2 | 1 | |
| 6. FAMALICAO-LOUROSA | 55 | 4 | 2 | 10 | 1 | 1 | |
| 7. UNIAO LEIRIA-ALMADA | 36 | 18 | 7 | 7 | 4 | 1 | |
| 8. ORIENTAL-JUVENTUDE | 52 | 8 | 1 | 10 | 1 | 1 | |
| 9. TORRIENSE-ESP.LAGOS | 45 | 14 | 2 | 9 | 2 | 1 | |
| 10. TORRES NOVAS-PENICHE | 18 | 32 | 11 | 4 | 6 | 2 | |
| 11. PORTIMONENSE-MARITIMO | 43 | 12 | 6 | 9 | 2 | 1 | |
| 12. LUSITANO-BARREIRENSE | 7 | 25 | 29 | 1 | 5 | 6 | |
| 13. OLHANENSE-SESIMBRA | 54 | 6 | 1 | 10 | 1 | 1 | |

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

111 211 111 X121

O Algarve, 11x x11 11x 2121; Sporting, 111 211 111 11x1; Cavalgada do Ritmo, 1xx x11 x11 x1x1; Estação Rádio da Madeira, 1xx x11 x1x xx21; Música e Desporto, x11 x11 x11 1221;

Barlavento, 1x1 x1x xxx 21x1; O Concelho de Estarreja, 111 111 111 1111; Correio de Coimbra, 111 x11 1x1 x2x1; Ecos do Desporto, 111 211 x1x x1x1; Diário de Coimbra, 111 211 111 x121; Diário de Lisboa, 11x 2xx 21x 2121; O Distrito de Portalegre, x11 x21 111 x121; Ecos de Cacia, 111 211 x11 x121;

Estrela da Manhã, 112 211 x11 x121; Eu Sei Tudo, 21x 121 21x 21xx; Folha do Domingo, 1x1 211 x11 x1x1; Jornal da Beira, 111 211 1x1 x1x1; O Jornal de Felgueiras, 111 x11 x11 x121; O Jornal da Lixa, 1x1 x11 111 x121; Jornal de Sintra, x11 x1x 21x 21x1; Linhas de Elvas, 1xx x11 1x1 1121; Litoral, 11x 2x1 111 1121; Manchete Desportiva, 111 211 x11 x111; Maria da Fonte, 11x x11 111 x121; Mundo Desportivo, 11x 211 111 x121; Notícias do Douro, 111 xx1 111 1xx1; Notícias de Évora, x11 x11 1x1 x111; Notícias de Felgueiras, 11x xx1 111 xxx1; Notícias de Gouveia, x1x 1x2 111 2111; Penalti, 111 211 111 1121; Alvo Desportivo, 111 x1x 111 11x1; Auto Rádio, x11 xx1 11x 222x; Clube do Ar, 11x x11 x1x 1x11; O Comércio do Porto, 111 x11 111 11x1; Diário do Porto, 111 x21 111 11x1; Estúdio 64, 11x 111 111 12x1; Placard Desportivo, 211 221 112 xx2x; O Primeiro de Janeiro, 11x 211 xx1 x1x1; Rádio Alvo, 1x1 212, 111 xx21; Panorama, 11x 211 111 x2x1; Rádio Placard, x11 xx1 11x 222x; Rádio Sports, 11x 111 111 1121; Ritmo e Amizade, 11x x11 111 xxx1; Madrugada, 11x 2x1 112 xx21; Movimento, 111 221 11x 11x1; Jornal Desportivo, 111 2x1 11x 1121; Póvoa de Lanhoso, 111 x11 x11 x121; Presença Coimbrã, 11x 211 x11 11x1; Rádio Altitude, 111 211 111 1x11; Pajú Desportivo, xx1 211 x11 21x1; Reconquista, 1x1 x11 211 x121; Renovação, 111 221 111 x121; Encontro Musical, 122 211 2xx 2121; A Voz das Beiras, 11x 211 121 x111; Voz de Lamego, 111 211 x11 xx21; Tudo Pode Acontecer 1, 112 211 211 x121; Tudo Pode Acontecer 2, 112 2x1 x11 xxxx; Tudo Pode Acontecer 3, 112 211 11x 11x2; Tudo Pode Acontecer 4, 112 2x1 211 xx21; Tudo Pode Acontecer 5, 1x2 x11 xx1 21xx; A Voz do Casa Pia, 111 x11 111 x1x1.

# O CASO MICELI

Continuação da pág. 3

A partir daí, o general Miceli nunca mais sairia da actualidade. Inculpado de «falsificação e conspiração política» (22 de Outubro de 1974), depois de a sua nomeação de comandante do 3.º Corpo do Exército ter sido suspensa (31 de Outubro de 1974) por «constituição de uma associação secreta com o objectivo de provocar uma insurreição armada». Seguiu-se uma longa batalha de processos — os juízes de Roma e de Pádua disputavam o «dossier» — e os defensores do general fizeram, como é evidente, todo o possível por o alimentar. No fim de contas foi só sob a acusação de «cumplicidade» (7 de Janeiro de 1975) que o antigo chefe do SID foi preso. Seria libertado a 30 de Abril, após o período legal de detenção, com uma caução de 10 milhões de liras.

Estava-se já em plena campanha eleitoral. Os resultados do escrutínio ainda afastaram um pouco mais a atenção do público.

A principal tentativa de golpe de Estado deu-se, de resto, há quatro anos. O príncipe Borghese repousa no seu túmulo, e um certo número de homens políticos não estão interessados em que se remexa muito nos arquivos da República. Mas apesar das pressões facilmente imagináveis, a máquina da justiça continua a funcionar.

Entre os setenta e oito inculpados do golpe de Estado, vinte e seis dos quais estão em fuga, figura um deputado do Movimento Social Italiano, Direita Nacional, três generais, dois em fuga, e o advogado Demarchi, «leader» da «maioria silenciosa» de Milão.

O general Vito Miceli, chefe dos Serviços Secretos Italianos, no momento do golpe de Estado é, de momento, acusado de cumplicidade. No entanto, foi pedido um suplemento de inquérito pelo juiz de instrução, a fim de tentar determinar se existiria uma organização oculta no seio dos serviços secretos, e para analisar a posição, na época, do presidente dos Estados Unidos, Richar Nixon.

© «Le Monde»

Continuação da pág. 16

melhores em campo. Pollak (careca) e Toni (que tem cabelo para dar e vender) ficaram perto da Santíssima Trindade, num plano em que (com boa vontade) podem entrar Artur e Humberto. E, se os checos utilizados (13, na totalidade) manifestaram um sentido de presença com nervos de gelo, não é menos certo que o juiz da esgrima (Corver, de Amesterdão) deu uma notável lição de arbitragem que bem desejaríamos tivesse à porta de moradas que todos sabemos onde ficam...

Foi-se (porque não dizê-lo) o sonho da Europa: na área que nos toca, o assunto é para resolver entre ingleses e checos, à custa de portugas e cipriotas. O trivial.

Aliás, convém não esquecer que o futebol cá da loja retorna, nestes diálogos com a Checoslováquia, à raíz do nascimento: a 24 de Janeiro de 1926, também no Porto (campo do Ameal), igualmente se ficara pelo caminho um-um no «placard», quando João dos Santos e Jelinek rubricaram os solitários golos. Apenas, nessa altura, ninguém prometera a Jorge Vieira e seus pares prémios que davam para mobilar um andar ou comprar um automóvel.

No fim de contas, por essas alturas, o futebol era puramente um desporto, viril e másculo, para homens de barbinha dura e pulmões grandes. Com o andar dos tempos, transformou-se (correctamente, diga-se) em meio de vida para os seus autores de primeira água.

O público principiou, então, a despender belas somas para os «shows» desempenhados por «stars». Portugal não fugiu à regra: e desatou a promover o «futebolista profissional» todo o moço com um bocadinho de habilidade que aparecia em «peladas» de parvónia. No meio disso, em períodos cíclicos, vieram Peyroteu e Travassos, Matateu e Hernâni, Eusébio e Águas. Veio 66 e a febre de Londres. Tudo era ouro e rosas. Hoje, para bem das consciências, volta-se ao princípio da pirâmide: sem um simples marcador de grande penalidades queriam galinha corada no forno?

No final de contas, talvez este desaire tenha sido útil: restituiu a roupagem de peregrino ao pobre de cristo que andou, quase a esmolar, de porta em porta, o favorzinho da cedência de Humberto. Como isso, outras coisas semelhantes que me abstenho de citar para não arranjar mais uns «amigos do peito» como aqueles que me atiram flechas em torrente só porque eu tive a veleidade de comentar os 20 contos de prémios dados (além dos ordenados e diárias...) a cada um dos «brilhantíssimos» despachadores dos amadores do Chipre. Olha o que iriam dizer agora, se eu lamentasse que país sem tostão para mandar cantar um cego, aviasse «trintas» por bico, em troca de hora e meia de trabalho...

Ora digam lá: não seria melhor poupar-se esse dinheirão? Bem empregado, bem poupadinho, nada desbaratado, até é capaz de servir para oferecer umas toneladas de leite em pó à malta bravia do Barredo e do Alto do Pina. Contem comigo para essa festa: e prometo que lá irei, mesmo que o Freitas já tenha voltado para África, sem seguro de vida a custar 70 notas de mil.

Foi o golo de Portugal: era a esperança a renascer.

## INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA

# Reestruturação sujeita a processo

Estão elaboradas já as Bases Gerais de Reestruturação do Instituto Superior de Economia, Projecto de Estudo em que participaram Comissões de Planeamento de Ano e Grupos de Trabalho, agravés de Reuniões de Curso.

Segundo os autores deste projecto de estudo o ISE tem como objectivo «ser utilizado pelas massas trabalhadores como centro de saber que possa prestar contributos à resolução dos problemas do contro o operário e da Refo ma Agrária; contribuir para a trasnformação da prática social dos estudantes e professores do ISE no sentido da sua própria formação económica e política, no controlo popular sobre as escolas».

Assim, e implícita na sua análise a afirmação de que o VI Governo é de direita e que a desc l n zação de Angola está na ordem do dia como teste às linhas políticas que se chocam no nosso país, o Instit to Superior de Econom a, «nesta situação político-militar enquanto um todo hegemonizado pelos estudantes e professores progressistas e revolucionários, terá de adoptar uma prática colectiva de trabalho de forma a colocar-se correctamente nos afrontamentos decisivos e dar o seu contributo para a said re o u i n'ri desta crise».

Portanto, o ISE rejeita «a paralisação da Escola, bem como a aprovação de um simulacro de Plano de Estudos, que na prática conduziria ao afastamento e desmobilização das massas estudantis face à escola e ao processo revolucionário».

Os meios a utilizar para atingir os objectivos definem-se em métodos de trabalho que apontam para «a introdução a todos os níveis da análise marxista e da sua metodologia e a necessidade de uma redefinição entre os conhecimentos globais especializados ao longo dos currículos escolares; avaliação de conhecimentos, na base do empenhamento pessoal e colectivo no Estudo, executado continuamente pelos companheiros de trabalho (estudantes e professores).

### ESTRUTURAS INTERNAS

Ficaram definidas nas Bases Gerais de Reestruturação como as estruturas internas para materializar os objectivos fixados um Departamento de «Extensão» Universitária (estrutura privilegiada, interlocutora com o Poder Popular para a concretização das UL's Centrais); Conselho Directivo (órgãos de direcção da Escola, homogéneo, como responsabilidade de dinamizar e zelar pelo cumprimento deste programa de trabalho); Conselho Pedagógico (órgão de coordenação da actividade dos Planos de Estudo e da cada kcurso); Comissões de Curso (órgãos essenciais de dinamização e coordenação da actividade estudantil e pedagógica); Comité de Turma (célula base do trabalho e de controlo das actividades da Escola); CIFE, Comissão Interfaculdades de Economia (órgão de ligação com todas as escolas de Economia e Ciências Sociais do País); Direcção do AE-ISE (órgão essencialmente político de síntese e dinamização da actividade associativa, escolar, política e força organizadora do consenso das massas estudantis)».

### EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A ligação ao exterior (um processo dialéctico entre a teoria e a prática) é apontada como necessária, conduzindo pois à criação de um departamento de «extensão» universitária (ligação ao processo de transformação social). Com efeito, será através desta ligação ao exterior que «os estudantes e a Escola, em geral poderão dar o seu contributo para o avanço do processo revolucionário».

Por outro lado esta ligação do ISE ao exterior deve ter como objectivo mór «criar condições para que as massas trabalhadoras tenham uma crescente influência no funcionamento da Escola».

Nesta ordem de ideias competirá ao departamento de «extensão» universitária organizar cursos para entre outras iniciativas e responsabilidades, organizar cursos para trabalhadores, organizar colóquios, palestras e, de uma maneira geral, organizar e realizar todas as actividades concretas que ponham a escola ao serviço das classes trabalhadoras.

### AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS

Problema quente desde o início das passagens administrativas e a regulamentação do apto e não-apto que, enquanto não discriminados em escalões, criou questões várias e dificilmente irresolúveis algumas, a avaliação de conhecimentos é também objecto de estudo por parte do Instituto Superior de Economia. Considera o texto em que nos estamos a apoiar: «A avaliação de conhecimentos deve assentar fortemente no trabalho efectivo desenvolvido quotidianamente pelos estudantes e pelos docentes, sendo de destacar o papel fundamental dos comités de turma». Neste sentido, a avaliação deve-se subordinar aos seguintes princípios: «avaliação continua em todas as unidades lectivas; avaliação global, isto é, a aprovação implica a passagem de todo o ano e não parcialmente numa ou noutra UL; deve dar-se relevo à UL central».

Propõe ainda o ISE: «Não existe avaliação de conhecimentos para quem não se integre nos trabalhos regulares; classificação de não-apto e apto com 2 escalões (suficiente e bom); o controlo das actividades pedagogcias deve ser, antes de mais, efectuado na base, ou seja, ao nível de comité de turma, de modo a permitir a avliação contínua, global e a participação regular nos trabalhos».

### ÓRGÃOS DE GESTÃO

Os órgãos de gestão da escola serão a Assembleia de Escola o Conselho Directivo e o Conselho Pedagógico-Científico.

O Conselho Directivo será composto por 24 membros (10 docentes, 10 estudantes e quatro funcionários). Os docentes estarão organizados por quatro núcleos pedagógico-científicos, a saber, Economia, Gestão, Métodos Matemáticos e Outras Ciências (Política, Sociologia, História, Direito). Cada núcelo deverá garantir o seu funcionamento no respeitante às tarefas pedagógicas, científicas e administrativas que lhe cabem por direito ou que lhe são distribuídas pela Assembleia da Escola, Conselho Directivo e Conselho Pedagógico-Científico. Algumas, a título de exemplo: «Distribuição do serviço docente e conhecimento pormenorizado das respectivas actividades; dar apoio requerido às actividades de «extensão» universitária; dinamizar as actividades de investigação e pós-graduação; participar na definição de currículos e programas; garantir a formação pedagógica e a reciclagem dos seus membros; pronunciar-se sobre a contratação de docentes e sobre os pedidos de bolsa e saídas para o estrangeiro dos seus membros».

### OS CURSOS

Quanto aos estudantes, estão divididos em oito cursos: um 1.º e 2.º anos comuns, 3.º 4.º e 5.º de Economia e iguais anos de gestão; finalmente, o curso complementar de pós-licenciatura para os licenciados de 74/75.

Os estudantes de cada curso dividem-se por turma; por sua vez, nesta é criado um comité (de turma). A coordenar as várias responsabilidades e delegações, existe a comissão de curso a quem compete «participar nas actividades de 'extensão' universitária; participar na definição de currículos e programas; controlar o processo de avaliação de conhecimentos; controlar as actividades pedagógicas du curso e das turmas; pronunciar-se sobre a contratação dos docentes».

Por outro lado — informa o texto das Bases Gerais de Reestruturação — «a comissão de curso deverá possuir, ter acesso ou estar informada dos dados necessários para a gestão democrática e administrativa do respectivo curso».

No que concerne ao Conselho Pedagógico-Científico compete-lhe como órgão de consulta do CD para todos os problemas de carácter Pedagógico-Científico dar parecer sobre todos os problemas que excedam a competência das comissões coordenadoras de núcleo e das comissões de curso.


ATENÇÃO AO MONUMENTAL
CIRCO MEXICANO

INSTALADO
AV. DA REPÚBLICA
Junto à Feira Popular
Hoje, às 16 e 21,45 Hoje

TAL COMO NA CIDADE DO PORTO

O POVO É QUEM MAIS ORDENA

POR ISSO AS LOTAÇÕES ESGOTADAS SÃO A PROVA DA CATEGORIA DO ESPECTÁCULO MÉXICO 75

LEÕES . TIGRES, CAVALOS, CHIMPANZÉS, CÃES AMESTRADOS, DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS DUAS

E AINDA O MAIOR DA EUROPA

JOSÉ FREIXO

E SEU PATO DONALTIN

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 — QUINTAS E SABADOS, AS 16 HORAS — DOMINGOS, 3 ESPECTÁCULOS, ÀS 15, 18 E 21.45

# Geral

## RENASCENÇA

Continuação da pág. 1

propõem colaborar na parte cultural da campanha, destacafo-se, entre outros, José Afonfo, Sérgio Godinho, A Comuna, Grupo de Teatro de Mem Martins, GAC.

Pela sua parte, os trabalhadores da «Rádio Renascença» colocam-se à disposição das comissões de trabalhadores e de moradores, conselheios de aldeia e organizações de soldados e marinheiros, participando os artistas no esclarecimento cultural.

A campanha culminará com um encontro a nível nacional dos órgãos de vontade popular, com data a fixar.

Tratando-se de uma campanha «relâmpago», os trabalhadores da zr.R. aguardam, agora, o contacto das diversas comissões, que deverão indicar as datas dos seus plenários a fim de que a «Renascença» possa estar presente.

## Autor cubano

Na Livraria Quadrante, à Avenida Luís Bívar, efectua-se amanhã, às 18 e 30, a apresentação dos livros «Revolução Cubana na Ibero-América», de Rosendo Canto Hernández e «A Sombra de Ho Chi Minh», de J. N. Servert.

## GOVERNO DE ANGOLA

Continuação da pág. 1

Para além de Lúcio Lara, cuja posse como primeiro ministro poderá ocorrer ainda hoje ou o mais tardar amanhã, os outros elementos do M. P. L. A. incluidos no futuro elenco ministerial são Diogenes Boavidade, Justiça, Saide Mingas, Finanças, e Nito Alves, Interior.

Caso a nomeação de Lúcio Lara seja anunciada ainda hoje, o Governo tomará posse amanhã. Verificando-se qualquer demora na nomeação do primeiro-ministro, então a posse do Gowrno poderá ser atrazada, não se prevendo, porém, que ultrapasse sábado.

### RECONHECIMENTO

Vinte e seis nações reconheceram até agora a República Popular de Angola, proclamada pelo M. P. L. A. em nome do povo angolano. Além dos países, já divulgados, acrescenta-se agora as ilhas Mauricias, Somália, Togo, Gabão, Jugoslávia, Mongólia, República Democrática do Vietname, República Popular da Coreia, Argélia e Siria. O primeiro embaixador designado para a jovem república, é o soviético, Eugene Afanasenkou, que representou o seu país nas cerimónias da independência. O protocolo estabelecendo relações diplomáticas, a nível de embaixador, entre Angola e a União Soviética, foi ontem mesmo assinado.

Espera-se, que, com a constituição do primeiro Governo angolano, novas declarações de reconhecimento surjam, podendo vir a contar-se entre etas a de Portugal.

Outras nações «hesitantes», tais como o Daomé, o Botswana, o Sudão e mesmo a Zâmbia e a Tanzânia, poderão tambem decidir-se pelo reconhecimento

LUANDA, 13 (R) — O dr. Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola, recusou-se a cortar um bolo com a forma do mapa de Angola durante o jantar oficial realizado em Luanda para celebrar a independência.

Quando lhe apresentaram o enorme bolo com as 12 regiões de Angola delineadas a «chantilly», o dr. Neto pousou a faca, declarando: «Não devemos nunca repartir Angola.»

## palavras cruzadas

### COM PROVÉRBIO

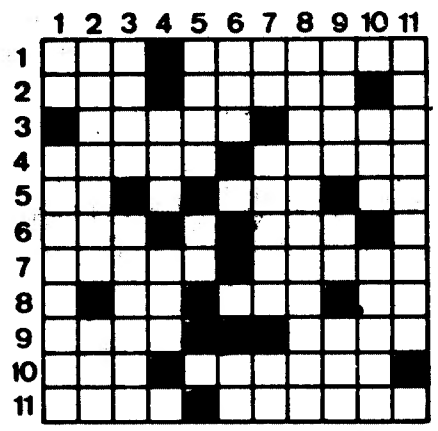
**PROBLEMA N.º 11235**

**HORIZONTAIS:**

1 Artigo indefinido. Falsidade.
2 Chefe etíope. Estimara.
3 Espécie de forragem. Estavam.
4 Cai à cama. Sumo.
5 Cálcio (s.q) Rio da Sibéria Antes de Cristo.
6 Medida de superfície. Nome de mulher.
7 Rede fe arrastar. Faina.
8 Cobalto (s.q). Ilha inglesa no mar da Irlanda. Interjeição de dor.
9 Cupido. Papá (infantil).
10 Bigorna de ourives. Cercar.
11 Membros de aves. Abalos (pop).

**VERTICAIS:**

1 Cidade da antiga Caldeia. Transporta às costas.
2 Designara. Freguesia do concelho de Penafiel.
3 Uma das partes do Mundo. Aprendizagem.
4 Gosta muito de. Uma das Espoades.
5 Irmã. Em partes iguais.
6 Ave pernalta. Ribeira da Ásia Russa.
7 Em a. Agita. Compaixão.
8 Saltitantes.
9 Palmeira da Amazónia. Prefixo que designa afastamento. Duna na Suécia.
10 Nome de letra. Diversa.
11 Comeria ao almoço.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

### NOVA MODALIDADE

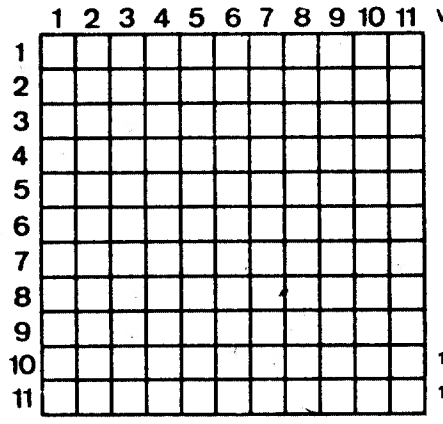
**PROBLEMA N.º 7396**

**HORIZONTAIS:**

1 Golfo do mar da China, entre as penínsulas da Indochina e Málaca. Prantear.
2 Engane. Sapo do Amazonas.
3 Quatrocentos em romano. Arma branca, de lâmina curta e larga, com dois gumes. zomba.
4 Nome de mulher. Letra grega. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
5 Papelão. Adição.
6 Oásis. Ribeira de Portugal.
7 Grande petite. Diz-se de um gato cinzento.
8 Vão. Forma apocopada e proclítica de vale. Para barlavento.
9 Senhor. Habitas. Antes de Cristo.
10 Pronome possessivo. Gálio (s.q). Preposição e artigo definido.
11 Aldeia de Itália. Espírito.

**VERTICAIS:**

1 Mil e trezentos em romano. Paladar.
2 A mais velha de determinadas mulheres. Picantes.
3 Prefixo de negação. Nome de um planeta. Nome antigo da nota musical dó.
4 Camareira. Irmã da mãe.
5 Formar caracóis. Popularidade (fig).
6 Gago. Mamífero roedor da América também chamado de lebre-das-pampas.
7 Aquela que gagueja. Divisão de uma casa.
8 Nome de astro. Graça.
9 Miriare. Defunta. Ribeira da Ásia Russa.
10 Vagueiam. Pronome pessoal.
11 Destroço. Murro.



### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11234

| HORIZONTAIS: | VERTICAIS: |
|---|---|
| 1 EM. JULHO. Ac. | 1 REINA. O. |
| 2 Apar. Imolo. | 2 Maura. Marta. |
| 3 Rua. Pó. Er. | 3 Pá. Pã. |
| 4 Ré. Mago. Mi. | 4 Já. Mestiços. |
| 5 Iape. Ode. Ta. | 5 Urca. Aí. |
| 6 Asarem. Ar. | 6 GORGULHO. |
| 7 Am. Tigres. | 7 Hipodermia. |
| 8 Adi. Um. Ama. | 8 Omo. Eme. Olá. |
| 9 Or. Caliope. | 9 Sapos. |
| 10 Tio. Haloar. | 10 Aleita. Meãs. |
| 11 Ba. São. Assa. | 11 Cor. Ária. Ra. |

**PROVÉRBIO**: EM JULHO, REINA O GORGULHO

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7395

| HORIZONTAIS: | VERTICAIS: |
|---|---|
| 1 Ma. Saias. Am. | 1 Mapas. Arara. |
| 2 Ara. Vãs. Ara. | 2 Aramá. Relia. |
| 3 Papão. Arrás. | 3 Apar. Âmio. |
| 4 Amassaremos. | 4 Asarias. |
| 5 Sara. Mesa. | 5 Avós. Rato. |
| 6 Rasca. | 6 Ia. Asso. |
| 7 Arai. Tari. | 7 Asar. Raer. |
| 8 Remar. Recos. | 8 Rematem. |
| 9 Alisa. Amola. | 9 Arme. Soca. |
| 10 Rio. Tré. Ser. | 10 Araós. Rolem. |
| 11 Aa. Dó. Rã. Ma. | 11 Massa. Isara. |


COLISEU

EMPRESA RICARDO COVÕES (HERD.) — Telef. 36 19 97

● SÓ ATÉ DOMINGO ●

HOJE
«MATINÉE», ÀS 16 HORAS
(PARA TODOS)
À NOITE, ÀS 21.30 HORAS
(M/ 6 ANOS)
Nas «Matinées» as crianças até aos 10 anos, devidamente acompanhadas, têm entrada gratuita

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
SÁBADO: «Matinée» às 16 h. — Amanhã: descanso da C.ª
DOMINGO: 2 «Matinées», 1.ª às 14.30 h. — 2.ª às 17.15 h.
— BILHETES À VENDA —

5.ª-FEIRA (dia 20) ESTREIA — 4 ÚNICOS DIAS
«NOITES DE MOSCOVO»
VINDO DIRECTAMENTE DA U. R. S. S.

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

BARS BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duples Stripteaseuse rodesiana

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. T.261461/164526/264596*264621/264946.

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48394.


## tempo

**Situação do tempo 09.00 H.**

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, havia nevoeiro e o vento era fraco.

**TEMPERATURAS DO AR**

**09.00 H.**

| | |
|---|---|
| PORTO | 13º |
| P. DOURADAS | |
| COIMBRA | 17º |
| PORTALEGRE | 12º |
| ISBOA | 15º |
| FARO | 16º |
| FUNCHAL | 20º |

**TEMPERATURAS EXTREMAS**

**TAVIRA**
**Máxima ..... 22,8º**

**FIGUEIRA CAST. RODRIGO**
**Mínima ..... 1,6º**

**TEMPERATURAS NO ESTORIL**

| | |
|---|---|
| Água do mar | 16º |
| Atmosfera | 11,5º |

**MARÉS DE HOJE**

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 0.03 | 3,2 m | 5.50 | 1,8 m |
| 12.22 | 3,3 m | 18.23 | 1,6 m |
| Dia 14 | | | |
| 0.58 | 3,3 m | 6.43 | 1,6 m |
| 13.15 | 3,4 m | 19.07 | 1,4 m |
| Dia 15 | | | |
| 1.44 | 3,5 m | 7.26 | 1,4 m |
| 14.00 | 3,5 m | 19.44 | 1,3 m |

**PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ**

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco do quadrante Sul; nevoeiros durante a noite em várias regiões; temperatura sem alteração apreciável.

**AMANHÃ**

NASCER ÀS 8.17
OCASO ÀS 18.25

DIA 18 DIA 26 DIA 3 DIA 10

## rádio

**EMISSORA 1.º Programa**

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música portuguesa
19.00 Informação de trânsito
19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
19.25 Melodias
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
22.05 Tema de economia, por Filipe Felgas
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
03.05 Mini-teatro

**2.º Programa**

16.00 Que quer ouvir?
17.30 Música de câmara
18.00 O pianista Leonnard Pennário
18.20 Compositores célebres do Barroco Alemão
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo

**Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz**

20.30 O Trio «Suk»
21.00 Música de bailado
22.00 Concerto de câmara
22.19 Quinteto em fá maior, de Franck
23.00 Sinfonia n.º 2, em mi bemol maior, op. 63, de Elgar
00.00 Música de cena
01.00 Fecho

**Programa Estereofónico — MF 2 — 94,3 MHz**

21.00 Música ligeira
22.00 Intercâmbio musical
22.40 Conjuntos de câmara
23.00 A grande música negra, por José Duarte
24.00 Fecho

**RÁDIO CLUBE**

Emissor de Lisboa — O da Média, 299,18 m — 10 034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 — 782 KHz — emissão contínua

**Modulação de Frequência**

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA**

**Clube Radiofónico de Portugal**

Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

**Rádio Voz de Lisboa**

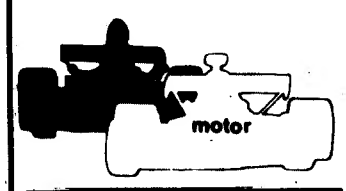
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

**Rádio Peninsular**

Das 12.00 às 14.30

**Rádio Graça**

Das 14.30 às 19.30



# farmácias de serviço

## LISBOA

**TURNO L-1**
**TODA A NOITE**

**ALCÂNTARA**
**Biotifar**, Rua D. João de Castro 27--B (tel. 638824)
**AMOREIRAS**
**Amoreiras (das)**, Praça das Águas Livres, 8-D (tel. 681515).
**ARCO DO CEGO**
**Providência**, Rua D. Filipa de Vilhena 9-C (ao Bairro Social) (tel. 770324).
**AREEIRO**
**Gasparinho**, Rua dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465).
**ARRIOIS**
**Veral**, Rua Morais Soares, 109 (tel. 821732).
**BAIRRO ALTO**
**Sanitas**, Praça Luís de Camões, 24 (tel. 322798).
**BENFICA**
**Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027).
**CAMPO DE OURIQUE**
**Ourique**, Rua Freitas Gazul, 32-B (cont. a Rua Almeida e Sousa) (tel. 671667).
**CONDE DE REDONDO**
**Capuchos**, Rua Luciano Cordeiro 2-A (tel. 52076).
**JANELAS VERDES**
**Reis Garrido**, Rua das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327).
**LUMIAR**
**São Tomé**, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel. 790704).
**PICHELEIRA**
**Marluz**, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Tel. 720703/728395).
**POÇO DO BISPO**
**Barros Gouveia**, Rua Vale Formoso de Cima, 19-B (tel. 382180).

**TURNO L-2**
**ATÉ ÀS 22 HORAS**

**ALCANTARA**
**Costa**, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704)
**ALFAMA**
**Pereira**, Rua do Paraíso, 98 (tel. 863224).
**ALVALADE**
**Alvalade**, Avenida da Igreja, 18-A (tel. 712070).; **Onilda**, Avenida João XXI, 13-A (tel. 726848).
**AVENIDAS NOVAS**
**Dalva**, Avenida Duque d'Ávila, 125 (tel. 45225).
**BELÉM**
**Bom Sucesso**, Rua Bartomomeu Dias, 63-A (tel. 611454).
**BENFICA**
**Progresso**, Estrada A-da-Maia, 64-C (tel. 702226).
**CAMINHOS DE FERRO**
**Alves de Carvalho**, Rua Vale de Santo António, 7 (tel 840125).
**ENTRE CAMPOS**
**Alcântara**, Avenida da República, 74-A (tel. 771379).
**PICHELEIRA**
**Marluz**, C.da Picheleira, 140-B/C (T.720703/728395)
**OLIVAIS NORTE**
**Central**, Rua Alferes Barrilaro Ruas 7-C (tel. 31539).
**REGO**
**Prates e Moura**, Rua da Beneficiência, 92 (tel. 773728).
**SÃO MAMEDE**
**São Mamede**, Rua de São Marçal, 100 (tel. 325318).
**SOCORRO**
**Tavares**, Rua da Palma, 194 (tel. 863350).

## LINHA DE SINTRA

**AMADORA**
**Dias**, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); **Campos**, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); **Clabel**, R.António Sardinha, 23-D (T.938551)
**DAMAIA**
**Confiança**, E.Militar, lote D (T.9710231)
**VENDA NOVA**
**Girassol**, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)
**QUELUZ**
**Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)
**CACÉM**
**Araújo e Sá**, E.de Paço de Arcos, lote 1-B (T.2940781)
**MEM MARTINS**
**Rodrigues Rato** (T.2912038)
**S.PEDRO DE SINTRA**
**Valentim** (T.980456)
**SINTRA**
**Marrazes**, Vila (T.2930154)
**COLARES**
**Abreja** (T.299088)

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Almeida Nifo**, Av. C.G.Guerra, 64 (T.212070)
**PAÇO DE ARCOS**
**Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147)
**OEIRAS**
**Oeiras**, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Toda a noite
**CARCAVELOS**
**Central**. Toda a noite
**PAREDE**
**Aisir**, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Até às 24 horas
**ESTORIL**
**Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Toda a noite
**ESTORIL**
**Amoreira**. Até às 22 horas
**CASCAIS**
**Marginal**, Av. Marginal (T.280078). Até às 22 horas; **Nova**, E.de Alvide, Fontainhas (T.281044)

## OUTRA BANDA

**ALCOCHETE**
**Gameiro**, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.243100)
**ALHOS VEDROS**
**Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
**ALMADA**
**Central**, R.de Olivença, 11-B (T.2750504)
**BAIXA DA BANHEIRA**
**Nova Fátima**, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
**BARREIRO**
**Mascarenhas Neto**, R.Garrett, 1 (T.2076454)
**COVA DA PIEDADE**
**Morgado**, R.Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356)
**MOITA**
**Silva Rocha**, P.da República, 16 (T.239029)
**MONTIJO**
**Montepio**, R.Almirante Reis, 93 (T.2310035)
**SESIMBRA**
**Lopes**, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
**SETÚBAL**
**Costa**, L.da Misericórdia (T.22760); **Brasil**, P.do Brasil (T.24788)
**SEIXAL**
**Godinho**, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

## PORTO

**TURNO21**

**Campos**, Rua Padre Luís Cabral, 943- Foz; **Alves Moreira**, Avenida Rodrigues de Freitas, 167; **Clérigos**, Rua dos Clérigos, 36; **Cruz**, Rua de Costa Cabral, 1082; **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos**, Rua do Monte dos Burgos, 802; **Aliança**, Rua da Conceição, 2; **Botelho**, Rua da Alegria, 863; **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120; Guanari, Rua Pedro Hispano, 367; **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227; **Lidador**, Rua do Lidador, 171.

A PARTIR DAS 22 HORAS

**Lidador**, Rua do Lidador, 171; **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120; **Botelho**, RRua da Alegria, 863 3 **Maia**, Rua do

## COIMBRA

**Baptista**, P.da República, 10 (T.23747); **Estádio**, P.do Brasil 348 (T.24410); **Miranda**, P.do Comércio, 41 (T.23261)

# outros espectáculos

## LISBOA/Teatros

**COLISEU**
21.30 (6 anos)
Companhia Internacional de Circo.
**NO LARGO MARTIM MANIZ**
**Circo Mariano**
Às 21.45 (6 anos)
**MARIA VITÓRIA**
20.30, 22.45 (18 anos)
«Força, Força Camarada Zé»
**VARIEDADES**
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
**MONUMENTAL**
20.30, 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
**TEATRO DO BAIRRO ALTO**
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»
**LAURA ALVES**
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Mão no Ar e o Pé Atrás!»
**VILLARET**
20.30 e 32.00 (13 anos)
«Pascoal»
**ADÓQUE**
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»

## LISBOA/Cinemas

**OLÍMPIA**
21.15 (18 anos)
«O Cobra»
**PARIS**
21.00 (13 anos)
«Taras Bulba»
**PROMOTORA**
21.15 (18 anos)
«Técnica de Engate»
**JARDIM**
21.00 (18 anos)
«Os Sinos do Inferno»
**IDEAL**
21.15 (18 anos)
«Uma Bela Rapariga»

## LINHA DE CASCAIS

**CASCAIS**
**Oxford**
21.15 (18 anos)
«As Confidências de um Leito Muito Acolhedor»
**Oeiras-Cine**
21.00 (13 anos)
«Onde se Meteu a 7.ª Companhia?»
**ESTORIL**
**Casino**
17.00 e 21.15 (18 anos)
«Joe Hill»
**CASCAIS**
**S.José**
21.15 (10 anos)
«A Mania das Grandezas»

## OUTRA BANDA

**ALMADA**
**Incrível**
21.15 (18 anos)
«Casamento Perfeito»
**ALMADA**
**Academia**
21.15 (10 anos)
«A Grande Corrida à Volta do Mundo»
**LARANJEIRO**
**Instrução e Recreio**
21.30 (13 anos)
«Os Profissionais»

## PORTO/Teatros

**SÁ DA BANDEIRA**
21.15 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»
**ANTÓNIO PEDRO**
21.45 (13 anos)
«O Soldado e o General»

## PORTO/Cinemas

**RIVOLI**
21.15 (18 anos)
«La Bambina»
**CARLOS ALBERTO**
21.15 (18 anos)
«As Mil e Uma Noites»
**OLÍMPIA**
21.15 (18 anos)
«Virilidade»
**PASSOS MANUEL**
21.30 (13 anos)
«Joe Hill»
**VALE FORMOSO**
21.15 (18 anos)
«Como Caças um Marido»
**ÁGUIA DE OURO**
21.30 (18 anos)
«Pecados em Família»
**S. JOÃO**
21.15 (18 anos)
«Pecados em Família«
**COLISEU**
21.15 (6 anos)
«Música no Coração»
**ESTÚDIO FOCO**
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
**TRINDADE**
21.15 (18 anos)
«As Novicas»
**JÚLIO DINIS**
21.15 (18 anos)
«Noites Árabes»
**ESTÚDIO**
21.15 (18 anos)
«Veredicto»
**BATALHA**
21.15 (18 anos)
«Histórias Extraordinárias»

## COIMBRA

**AVENIDA**
21.15 (18 anos)
«Vigaristas por Vocação»
**GIL VICENTE**
21.15 (13 anos)
«O Emigrante»
**S.TEOTÓNIO**
21.15 (18 anos)
«Destinos Opostos»
**TIVOLI**
21.15 (18 anos)
«Rutial de Guerra»

**Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I**

# cinemas

## BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**SPY'S**
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme
5.ª Semana

## APOLO 70
T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**BALBÚRDIA NO OESTE**
13.ª Semana
Hoje às 24 h o filme da meia-noite Grupo D./M. 18 anos
**CAT BALLOU (A Mulher Felina)**

## ROXY
T. 4856014.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A História heroica da resistência jugoslava
**OS DEFENSORES DA CIDADE**
Um filme de Hajrudim Kravavac

## PATHÉ
T. 821933 14.15, 16,30,18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**A LINGUAGEM DO AMOR**
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

## ALVALADE
T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Casadas, solteiras, ricas e pobres nenhuma escapava
**O OPORTUNISTA**
Um filme de Mike Vardy

## NIMAS
T. 574362 21.15
Int. a menores de 18 anos
**PÂNICO EM NEEDLE PARK**
O problema da droga num filme de Jerry Schatzferg
C/ Al Pacino e Kitti Winn
Prod. Dominick Dunne

## MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**SEMENTE DE TAMARINDO**
4.ª Semana
Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética
**CAMINHOS DA REVOLUÇÃO**
Prod. do Instituto Português de Cinema
Real. de Jorge Cabral

## D. JOÃO V — DAMAIA
T. 971794 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
**AEROPORTO 75**

## UNIVERSAL
T. 774402
Não acon. a menores de 13 anos
Às 17.00 e 21.00 h
**SAM BIZANGA**
15.00 e 23.00 h
**OS INCONFIDENTES**
Às 19.00 h
**A LUTA DO POVO DE ANGOLA**

## IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Stephane Audran (Prémio Interpretação)
**AS RIVAIS**
(Les Biches)
Um filme de Claude Chabrol

## EDEN
T. 32076914.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Nunca o «For West» foi tão devassado
**CHAMAVAM-LHE AMEN**
Um filme de Alfio Caltabiano

## TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**«PAUL E MICHELLE»**
3.ª Semana
Amigos... e Amantes
Um filme de Lewis Gilbert

## CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**MADLY ... A OUTRA MULHER**
3.ª Semana
Na sessão das 21.15: Reportagem da visita do senhor Presidente da República à Roménia
**CAMINHOS DA REVOLUÇÃO**
Prod. Int. Cinema. Realiz. J. Cabral

## CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**JOE HILL**

## ROYAL
T. 865037 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**A CASA DO PECADO**

## POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Int. a menores de 18 anos
**AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR**
Contém cenas event. chocantes
4.ª Semana

## ROMA
T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos
**JÚLIA E OS HOMENS**
este filme contém cenas eventualmente chocantes. 3.ª Semana

## VOX
T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**ESTRANHA FORMA DE AMAR**
Com Paul Geganff 2.ª Semana

## SATÉLITE
T. 562632 15, 17, 19, 21.15
(Não acons. a menores de 13 anos)
**UM REI EM NOVA IORQUE**
2.ª Semana
(versão integral)

## CINEBOLSO
T.573407 12.30,14.30,16.45, 19. 21.30
Interdito a menores de 18 anos
**NÚPCIAS DE PORCELANA**
Às 24.00 (N. acons. a men. 18 anos)
**O MACHÃO**

## CALEIDOSCÓPIO
T. 795093. 14.00, 16.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**O VIGILANTE**
Um filme de Francis Ford Coppola
Hoje às 19 horas
**SUITE EM HOTEL DE LUXO**

## CONDES
T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, é...
**O PROFESSOR NUDISTA**
3.ª Semana
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

## ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Int. a menores de 18 anos
2.ª Semana do filme de alto nível espectacular
**ISABELA DUQUESA DO DIABO**
c/Brigitte Skay — a odisseia de uma jovem requestada e violentada

## LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A obra-prima do humor herótico
**TARZOON**
A VERGONA DE SELVA

## S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A sensacional comédia de Woody Allen 2.ª Semana
**O A B C DO AMOR**

## AVIS
T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**JÚLIA E OS HOMENS**
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 3.ª Semana

## CARLOS MANUEL — SINTRA
21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**O MOCHO E A GATINHA**
Com Barbara Streisand e George Segal

## CINEARTE
T. 660446 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**CAMA COM MÚSICA**

## ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**PROCESSO ARQUIVADO**
2.ª Semana

## ESTÚDIO 444
T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**ADOLESCENTE PERVERSA**
Com Jane Asher 4.ª Semana

## EUROPA
T. 661016 15.15, 21.15
Int. a menores de 18 anos
**CONTOS IMORAIS**

## RESTELO
T. 610375 Às 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
**O HOMEM ORQUESTRA**

## MUNDIAL
T 538743 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
**077 AGENTE INDECENTE**
Pierre Richard e Mireille Darc

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUIZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
EMD. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

## TRACTORES PARA PORTUGAL

# FIRMAS ESTRANGEIRAS CONCORREM AO FABRICO

Várias empresas internacionais apresentaram propostas ao concurso para a instalação em Portugal de uma fábrica de tractores, aberto pelo Ministério da Indústria em 6 de Fevereiro último. Essas empresas são: a Massey-Ferguson, a I.M.T. jugoslava, a Fiat, a Renault, a John Deere, a Ford e as espanholas Ebro e Barreiros, esta última pertencente ao grupo norte-americano Chrysler.

Actualmente, o País está a despender cerca de um milhão de contos com a compra de tractores ao estrangeiro, pelo que, o seu fabrico em Portugal permitirá mais facilmente dinamizar a agricultura, criar novos postos de trabalho e contribuirá para uma reestruturação das indústrias metalúrgicas e metalomecâmicas, sendo o efeito na balança de pagamentos considerado positivo.

O despacho que abriu aquele concurso estabelece como condições a produção anual mínima de 6000 tractores, entre 27 e 56 cv, sendo maioritária a participação do Estado no capital social da empresa.

Prevê-se o fabrico de dois modelos de tractores, que permitirão satisfazer o essencial do mercado e uma possível exportação.

## NO PORTO, A PARTIR DE AMANHÃ

# Problema da energia tratado a nível nacional

Inicia-se amanhã, na Faculdade de Economia do Porto, o anunciado Encontro Nacional de Política Energética, que visa, de acordo com os elementos da Comissão Promotora, abrir ao público o debate sobre os problemas da energia no nosso país.

As sessões do encontro versarão os seguintes temas:

1.º dia, de manhã: abertura; objectivos e incidências sociais da política energética; necessidades e consumos de energia; tarde: recursos e seu aproveitamento; noite: recursos humanos, meios científicos e tecnológicos.

2.º dia, de manhã: conversação, transporte e distribuição de energia; tarde: meio ambiente e política energética; noite: produção de energia em empreendimentos de fins múltiplos.

3.º dia, de manhã: independência nacional e cooperação; tarde: problemas económico-financeiros da política energética (mesa-redonda); sessão de encerramento.

O horário do E.N.P.E. será seguinte: sessões da manhã — das 9 às 12 e 30; da tarde — das 15 às 18 e 30; da noite — das 21 às 24 horas.

A comissão promotora recebe até ao fim do dia de amanhã, inscrições para as visitas a realizar na segunda-feira, a uma central hidroeléctrica e à Refinaria do Norte da Sacor.

A fim de prestarem esclarecimentos sobre os diversos aspectos e sectores do Encontro, os elementos da comissão promotora deram uma conferência de Imprensa, em que falaram os eng.ºs Frederico de Carvalho, Lajinha Serafim, Adolfo Gonçalves, Gaspar Teixeira, Carlos Lopes e Sérgio Fonseca.

Uma das posições mais destacadas refere-se às relações do consumo energético com a independência e a economia nacionais.

A propósito, o eng.º Adolfo Gonçalves afirmou que «a energia é uma condição necessária, mas não suficiente». E acrescentou: «É preciso acabar com a política de palácio que existia antes de 25 de Abril, e fazer com que a política energética seja formulada nas suas relações sociais, políticas e de interesse nacional. É preciso acabar com os tabus que ainda existem nos meandros do problema energético.»

A certa altura, refutou veementemente uma campanha verificada logo após o 25 de Abril, em que algumas personalidades do nosso meio se encarregaram de difundir uma «mentira»: «que os recursos hidroenergéticos, em Portugal, estão esgotados». Ora a verdade é que, segundo sublinhou, «pelo menos 50 por cento desses recursos estão por aproveitar e ainda não está avaliado o potencial dos recursos hidroeléctricos neste País».

Foi ainda referida a poluição do rio Tejo, tendo o eng.º Lajinha revelado que, na região de Madrid e de Toledo, mil milhões de metros cúbicos de água se apresentava nas piores condições.

O eng.º Frederico de Carvalho, por seu turno, ao usar da palavra, sublinhou que «o que está por trás» da política energética, em França ou em Portugal, é o grande jogo imperialista entre multinacionais, havendo o propósito de, no encontro que amanhã se inicia, atacar a fundo esses tabus e tornar claro o que deve ser do conhecimento de todos.

## CONSTRUÇÃO CIVIL

Continuação da pág. 1

a saber, esperamos que de uma vez para sempre, que a disciplina revolucionária é consentida e aceite desde que seja revolucionária. O povo aceita facilmente a sua disciplina, não uma disciplina contra ele, povo. Que alternativa resta ao Governo?

Finalmente, e na hora em que o Conselho da Revolução terá mais uma vez de alterar a sua ordem de trabalhos, debruçando-se sobre este caso exemplar de luta operária, temos a certeza de que os trabalhadores serão dignos da sua justa luta e não se deixarão cair em provocações e ciladas, conduzindo-a correctamente até ao fim

## CONTESTAÇÃO GERAL AO C.E.M.F.A.

# Moções contra Morais da Silva

Nos últimos dias assistiu-se ao explodir das contradições que ao longo de vários meses foram acumuladas. Ao irrealismo político do «pronunciamento» de Tancos respondem agora as grandes massas de trabalhadores, soldados, sargentos e oficiais revolucionários. É provavelmente na Força Aérea onde neste momento a efervescência é maior e a contestação ao general Morais da Silva, um homem que procurou «domesticar» e enquadrar o movimento associativo das praças e sargentos e mais recentemente acabou como figura central do atentado à bomba contra os emissores da Renascença, explicado por este oficial em termos meramente tecnocráticos.

Esta atitude fez acordar a consciência política dos soldados e sargentos pára-quedistas, aos quais se juntariam ainda oficiais progressistas, enquanto outros — abandonavam Tancos por considerarem que estava a «desagregar-se a disciplina». Entretanto a vida na unidade processa-se normalmente, a própria instrução continua, normalidade reconhecida inclusivamente pelo C.E.M.E., o que levanta muitas interrogações sobre o que efectivamente valiam os oficiais direitistas que abandonaram o Regimento.

A luta dos pára-quedistas contudo não cessou, e de toda a parte lhes chegam apoios. Hoje a Comissão de Sargentos e Praças da Base-Escola de Pára-quedistas e os oficiais presentes naquele aquartelamento pretendia dar uma conferência de Imprensa mas foi cancelada à última hora. Um informador de Tancos disse que tinham querido fazer tudo segundo as normas legais, o que implicaria uma autorização passada pela Segunda Divisão do Estado Maior da Força Aérea. Tal autorização não foi concedida, decidindo os pára-quedistas elaborar um comunicado explicando os acontecimentos registados nos últimos dias naquela unidade.

### NEGADA A CONFIANÇA AO C E M F A

Entretanto na Base Escola de Tropas Pára-quedistas n.º 3 realizou-se ontem um plenário de praças, em que foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando a actuação reaccionária do actual chefe do Estado-Maior da Força Aérea desde a queda do V Governo e a sua progressiva impopularidade no seio do pessoal da Força Aérea Portuguesa.

«Considerando o ludíbrio sofrido pelos camaradas pára-quedistas no recente assalto e rebentamento da Rádio Renascença, por ordem do Conselho da «Revolução» (da reacção).

A totalidade das praças, com sargentos e oficiais progressistas da Base Aérea n.º 3, reunidos em plenário, deliberaram por unanimidade, solidarizarem-se com a tomada de posição dos camaradas sargentos e praças da Base-Escola de Tropas Pára-quedistas, em que foi negada a confiança do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, com a recusa de comparência na reunião por que convocada.

«Pela dissolução imediata do AMI. Por uma verdadeira unidade revolucionária da F.A.P. Por um autêntico socialismo. As praças com sargentos e oficiais progressistas da B.ET.P. 3»

Noutro plenário realizado na Escola Prática de Engenharia de Tancos, com a presença de aproximadamente 300 praças foi aprovada uma moção de apoio aos camaradas pára-quedistas no sentido de se organizarem e não voltarem as armas contra o povo».

Na Base Aérea da Ota, as praças, reunidas em plenário, decidiram também repudiar a atitude do Conselho da Revolução e do Governo pela destruição do emissor da Rádio Renascença uma voz ao serviço das classes desfavorecidas do nosso país». Na mesma moção é também pedida a dissolução do A. M. I. «pois está aprovado na prática não defender os interesses das classes desfavorecidas. As praças exigem também ao Governo a imediata reconstrução do emissor da Renascença «pois só assim teremos uma informação livre e independente ao serviço das classes trabalhadoras».

### ESCOLA PRÁTICA DE TRANSMISSÕES: APOIO AOS PÁRA-QUEDISTAS E REPÚDIO AO A. M. I.

Os soldados da Escola Prática de Transmissões, reunidos ontem em plenário solidarizaram-se totalmente com os seus camaradas pára-quedistas de Tancos «que decidiram dizer definitivamente não ao A. M. I. e passar a pertencer ao Copcon». Repudiaram o ataque à bomba contra a Renascença e deram o seu total apoio aos trabalhadores da Rádio Renascença, Ministério da Comunicação Social, e Século e à sua justa luta.

Numa outra moção foi aprovado um voto de desconfiança ao semanário «Expresso» por ter publicadp uma notícia falsa que não desmentiu e votos de desconfiança também «aos seus congéneres contra-revolucionários «Luta», «Jornal Novo» e «Tempo».

### MORAIS DA SILVA REUNIU-SE NO G. D. A. C. I.

Ontem ao fim da tarde o general Morais da Silva reuniu-se em Monsanto, no G. D. A. C. I., com diversos comandos de unidades daquele ramo das Forças Armadas. Recorda-se que o G. D. A. C. I. é mais uma das unidades em luta, tentanto neste momento impedir a transferência do seu comandante, oficial que sempre se revelou progressista no desempenho da sua missão.

A 2.ª Divisão do Estado-Maior da Força Aérea, que tem a seu cargo a Informação pública, não divulgou qualquer comunicado sobre esta reunião que se pensa tenha incidido sobre os problemas ocorridos em Tancos e a luta iniciada no G. D. A. C. I.

### COMISSÃO DINAMIZADORA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA APOIA A LUTA DO G. D. A. C. I.

Entretanto a Comissão Dinamizadora de S. Sebastião da Pedreira «considerando a actual escalada da reacção dentro e fora dos quartéis a coberto da actuação fascizante do VI Governo Provisório e do chamado Conselho da Revolução, de que são exemplos os ataques bombistas à República e à Rádio Renascença» e «tendo tomado conhecimento da luta contra os saneamentos à esquerda travada no G. D. A. C. I., unidade que sempre deu apoio às comissões de moradores, de acordo com a defesa dos trabalhadores, solidariza-se com a luta dos militares do G. D. A. C. I.»

E termina a moção manifestando-se «contra os comandos fascistas da Força Aérea. Por isso dizemos não à tentativa de saneamento do tenente-coronel Marinho Falcão».

### A D U 's EM LUTA NA D G M G

Reunidas em Beirolas, as A.D.U.'s dos diversos destacamentos do Depósito Geral de Material de Guerra, aprovaram, levando sempre em linha de conta a preocupação da defesa dos trabalhadores, que «é feita excepção à entrega de material, que existindo no D. G. M. G., não se encontra à carga deste e que possa impedir a normal laboração de fábricas ou empresas».

Em relação à vinda de pessoal de Comandos é pensamento das A. D. U.'s que serão bem aceites no «seu contributo à vigilância e segurança do D. G. M. G.» desde que se «identifiquem com o conteúdo da luta do D. G. M. G. e aceitem as mesmas condições de serviço, com rotação ou sem rotação diária, que a Polícia Militar vem seguindo (sujeição à cadeia de Comando do D. G. M. G. e guarnição dos postos de guarda)».

Por outro lado, ficou decidido na reunião de Beirolas convidar elementos do Conselho da Revolução a assistir ao funcionamento das A. D. U.'s do D. G. M. G. durante o período de luta».

Finalmente, e aqui reportamo-nos à visita do general Otelo àquele depósito, «foi estabelecido um diálogo de esclarecimento mútuo com o comandante da R. M. L. e comandante do Copcon, acerca do conteúdo da luta que se estava e está a travar».

Já aprovadas as moções referidas foi decidido ainda receber todo o material de guerra proveniente de Angola, dos barcos «Amarante», «Panarrange», e «Novo Redondo».

## Fabião e os "comandos"

# CONVOCATÓRIA NÃO É DE AGORA

«O decreto apenas formaliza a convocatória que já estava a ser feita anteriormente» — declarou à Anop um porta-voz do Estado-Maior do Exército sobre a notícia ontem publicada de um despacho do general Fabião mobilizando excepcionalmente 400 comandos.

Interrogado sobre as razões desta convocatória numa altura em que se procede ao licenciamento de alguns milhares de militares, o referido porta-voz esclareceu que «primeiro não são 30 000 como se tem afirmado, mas 10 000 e depois trata-se de uma questão de especialidade, sendo os comandos convocados, em princípio, pela sua preparação, que lhes dá maior operacionalidade».

Sobre a hipótese de os novos comandos estarem a ser mobilizados para o AMI, o porta-voz do EME afirmou que a convocatória «não é feita sabendo de antemão que é para o AMI. Ela vai preencher organicamente certas falhas que se fazem sentir no Exército, como é agora o caso dos 400 comandos que irão ser integrados no regimento de comandos, regimento que poderá estar ou não no AMI».

### OS SUV DESCRÊEM

«Nós não temos nada a esperar do Governo e do Conselho da Revolução porque nada temos a esperar do Poder da burguesia». Palavras insertas num comunicado dos SUV divulgado ontem no Porto a propósito dos acontecimentos da Rádio Renascença e consequentemente da existência do AMI.

Regressando ao comunicado: «A melhor forma de combatermos os golpes e manobras é expulsarmos dos quartéis os reaccionários, levarmos à prática o direito de reunião, organizarmo-nos em comissões de soldados, ligarmo-nos às comissões de trabalhadores e de moradores, e vigiarmos os movimentos de elementos suspeitos».

A culminar, o comunicado reafirma: «Não podemos esquecer que tambem nós somos operários, camponeses e empregados. As nossas armas só podem estar ao serviço da Revolução e não ao serviço dos planos reaccionários da burguesia».

### NÃO AO AMI

Plenário realizado, moção aprovada pelos furriéis do Regimento de Infantaria de Castelo Branco decidiram: «Solidarizar-se com as posições assumidas pelos seus camaradas de Tavira e outras unidades do País que se encontram na via da formação de um Exército Revolucionário, ao serviço dos reais interesses do povo português; apelar para a não assinatura dos documentos de passagem à disponibilidade e a continuação da apresentação ao serviço: repudiar veementemente a criação de um Exército profissional e mercenário, o AMI, destinado a reprimir, à boa maneira de outras forças existentes antes do 25 de Abril, o povo, o mesmo que suportará economicamente esta força de choque da burguesia».

### COMISSÃO MILITAR DO C. R.

A Comissão Militar do Conselho da Revolução, reunida ontem no Palácio de Belém, trabalhou em assuntos de carácter «estritamente militares e de rotina».

Participaram na reunião os chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas (generais Carlos Fabião, Morais e Silva e almirante Filgueira Soares), o comandante Otelo Saraiva de Carvalho e os comandantes das Regiões Militares Norte e Sul, respectivamente brigadeiros Pires Veloso e Pezarat Correia, e o chefe da 1.ª Região Militar Aérea, general Pinho Freire. Notou-se a ausência do brigadeiro Charais, comandante da Região Militar do Centro. Presidiu o general Costa Gomes.